O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

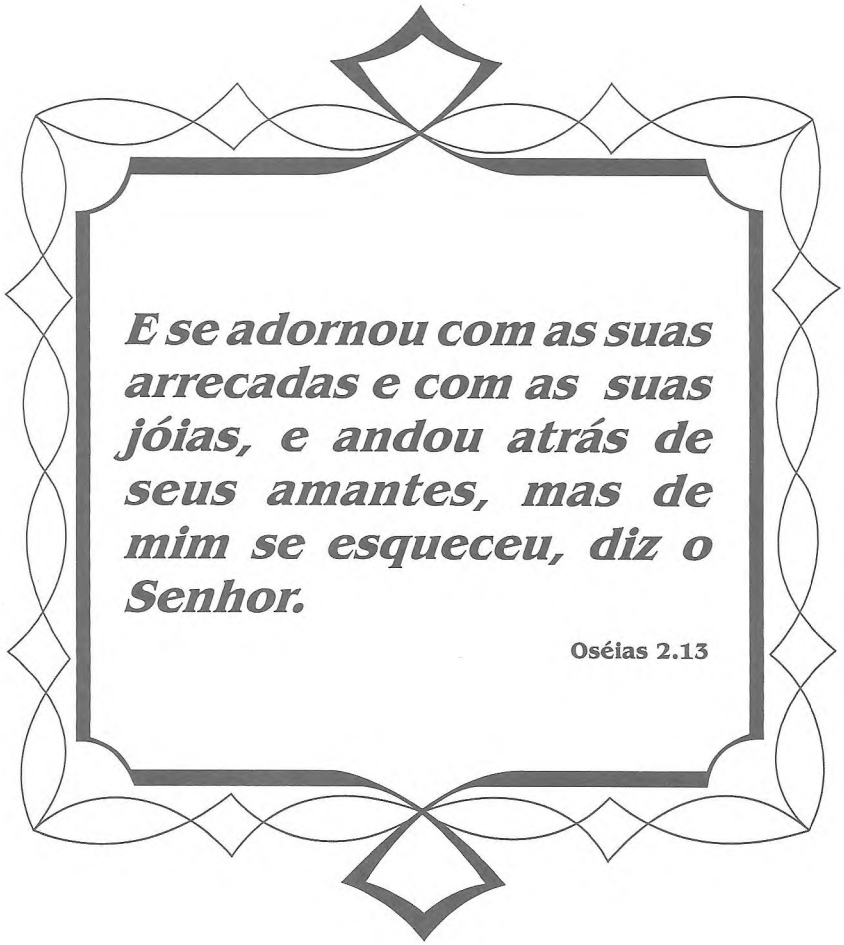
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

OSÉIAS

HAGNOS

OSÉIAS

O Livro que Denuncia o Adultério Espiritual de Israel


E se adornou com as suas arrecadas e com as suas jóias, e andou atrás de seus amantes, mas de mim se esqueceu, diz o Senhor.
Oséias 2.13

Oséias

14 Capítulos
197 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Oséias, o Profeta
II. Caracterização Geral
III. Data
IV. Proveniência e Destino
V. Pano de Fundo Histórico
VI. Problemas de Unidade e Integridade
VII. Mensagem e Conceitos Principais
VIII. Esboço do Conteúdo
IX. Canonicidade
X. Oséias Ilustra o Princípio da Restauração
XI. Bibliografia

I. Oséias, o Profeta

Não se sabe muita coisa sobre o profeta *Oséias*. O trecho de Oséias 1.1 nos fornece o nome de seu pai, Beeri, mas sem nenhuma genealogia. Esse mesmo versículo nos fornece o tempo, declarando que ele viveu "... nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel". Todavia, o lugar de seu nascimento não é mencionado. Não temos nenhum registro sobre sua chamada divina como profeta. Informes existentes no livro nos permitem saber algo sobre seu caráter e suas tendências. Ele era terno, sensível e misericordioso, um tanto parecido com Jeremias, e não era severo como alguns outros profetas, a exemplo de Elias. Sua abordagem à mensagem profética que tinha de entregar baseava-se em sua relação de esposo. Isso representava o fato de que Yahweh havia sido ofendido por sua esposa infiel, a nação de Israel. A fim de que essa mensagem fosse sentida e entregue com eficácia, era mister que Oséias passasse por uma situação real de traição sofrida. E, para que isso acontecesse realmente, como é óbvio, ele teria de manter profundo amor por sua esposa. Somente então ele poderia sentir a ferroada da infidelidade, compreendendo, metaforicamente, a ofensa de Israel contra o Senhor, em sua infidelidade, que consistia na idolatria e corrupção moral.

Oséias foi o único profeta do reino do norte, Israel, cujos escritos sobreviveram até nós. Ninguém sabe qual era a ocupação de Oséias, mas, visto que há uma referência ao "padeiro" e ao ato de sovar "a massa" em Osé. 7.4 ss., alguns pensam que essa era a sua atividade. No entanto, o domínio que ele tinha sobre assuntos históricos e religiosos mostra que ele deve ter recebido excelente educação, não podendo ser algum aldeão ou interiorano. E, visto que estava tratando com a íntima relação entre Deus e o povo de Israel, ele não se interessava em fazer previsões sobre outras nações, em contraste com outros profetas, como Amós, Jonas ou Daniel.

Tal como no caso de muitas outras personagens bíblicas obscuras, embora raramente sejam exatas, as tradições preenchem os espaços em branco. Há especulações acerca de sua parentela. Seu pai tem sido confundido com um príncipe rubenita (ver I Crô. 5.6). Ele também tem sido considerado profeta, embora sem nenhuma prova quanto a isso. Alguns rabinos supunham que um pai, mencionado na introdução do livro de algum profeta, também deveria ter sido profeta. O pseudo-Epifânio e Doroteu, de Tiro, dizem que Oséias nasceu em Belemote, na tribo de Issacar (Epifânio, *De Vitis Prophet.* 11; Doroteu, *De Proph.* 1). Drúsio *(Critici Saeri,* tomo 5) citou informações dadas por Jerônimo, que dizem: "Oséias, da tribo de Issacar, nasceu em Bete-Semes". Mas outros intérpretes opinam que, na realidade, ele pertencia à tribo de Judá, embora tenha labutado em Israel, conforme o subtítulo do livro de Amós, que aparece em algumas traduções, mostra que poderia ter acontecido. Todavia, não há razão para duvidarmos que ele nasceu no reino do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Bete-Semes,* quanto a informações sobre sua presumível terra natal. Todavia, não há nenhuma evidência para confiarmos nessa informação meramente tradicional.

O Nome. Oséias significa "libertador", ou então "salvação". Este nome tem sido variegadamente interpretado. Jerônimo interpretava-o como "salvador", mas outros preferiam pensar no imperativo "salva!", como se fosse um apelo dirigido a Yahweh.

II. Caracterização Geral

Oséias aparece em primeiro lugar, entre os profetas menores, de acordo com a disposição ocidental dos livros do Antigo Testamento, talvez por causa de seu volume, ou da vívida intensidade de profeta paralelamente ao seu patriotismo e estilo parecido com o dos profetas maiores. Cronologicamente, Jonas atuou antes dele (cerca de 862 A.C.), mas Joel (810 A.C.), Amós (cerca de 790 A.C.) e Isaías (720 A.C.) foram-lhe mais ou menos contemporâneos, sobretudo Joel e Amós. Oséias começou a profetizar nos últimos anos do reinado de Jeroboão II, que era contemporâneo de Uzias, e terminou suas profecias no começo do reinado de Ezequias. O livro de Oséias representa o que ficou preservado dentre suas profecias escritas.

Alguns especialistas supõem que o livro de Oséias combine duas coletâneas de escritos originalmente separadas, a saber: as *Parábolas* (caps. 1—3) e as *Profecias* (caps. 4—14). O livro contém cerca de quinze poemas proféticos, que Oséias teria entregado diante dos mercados de cidades próximas, para as quais viajou, como Jezreel e Samaria. Isso poderia indicar que ele era agricultor, mas, nesse caso, ele recebeu uma educação incomumente aprimorada para quem estava envolvido nas lides do campo. Seus oráculos têm sido datados por volta de 743 e 735 A.C., refletindo degraus descendentes da desintegração nacional. Um próspero estado de Israel, que caracterizara a época por volta de 750 A.C., gradualmente foi cedendo lugar a levantes internos e à ameaça da invasão assíria. Oséias, pois, procurou salvar a nação, fazendo-a voltar-se para Deus, o único que era capaz de manter longe os vários lobos ameaçadores e preservar a integridade da nação. Como profeta político que foi, Oséias operava tendo em mira a unidade nacional, opondo-se às alianças com o estrangeiro e exigindo uma administração pública justa. Ele reafirmava as contribuições e os discernimentos de Amós, concebendo Yahweh não somente como um Deus justo e severo, mas também como um Deus amoroso. Uma de suas contribuições foi salvar a religião de Israel de ser absorvida pelo *baalismo* (ver a respeito no *Dicionário*), com todos os seus exagerados envolvimentos sexuais.

A chamada e a missão de Oséias estavam intimamente ligadas à sua vida pessoal. Alguns eruditos pensam que ele se casou com uma prostituta e acabou sendo infectado por ela, com algum problema sexual, mas isso é ler o texto bíblico antigo através dos óculos da moderna análise psicológica. Outros supõem que alguma tragédia doméstica tenha resultado na infidelidade de sua esposa, e que os problemas pelos quais Oséias passou tenham terminado por dar-lhe entendimento sobre o relacionamento entre Israel e Yahweh, no qual a nação aparece como a esposa infiel de Deus, devido à sua idolatria e corrupção espiritual. Na qualidade de último dos profetas de Israel, ele utilizou (e talvez tenha popularizado) as parábolas, a fim de entregar a sua mensagem. Pelo menos é verdade que o conceito de Deus, neste livro, aproxima-se daquilo que nos expõe o Novo Testamento, mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento.

As *tradições judaicas* davam a *Oséias* o primeiro lugar, cronologicamente falando, entre os profetas canônicos. Entretanto, quase todos os eruditos modernos preferem pensar que Jonas e Amós o antecederam, ou foram mais ou menos contemporâneos, conforme vimos anteriormente.

O estilo de Oséias é abrupto e breve (o que causa alguma obscuridade), além de ser impressionante e solene. Em seu livro há muitas referências geográficas locais, pois ele menciona Efraim, Mizpa, Tabor, Gilgal, Bete, Jezreel, Gibeá, Ramá, Gileade etc. Os seus temas são: o pecado da nação de Israel, a necessidade de arrependimento, a condenação iminente, a derrubada da casa reinante de Jeú, a ameaça assíria, a necessidade de Israel abandonar a idolatria, e, finalmente o amor de Deus, este ilustrado por sua própria tragédia doméstica. Mui tolamente, Israel demonstrava confiança na Assíria, o gigante do

norte, como se fosse um protetor de Israel. Mas Oséias deixou claramente previsto que a Assíria, longe de ser o salvador de Israel, acabaria por ser o seu destruidor. Ver Osé. 5.13; 7.11; 8.9; 12.1 e 14.3.

Oséias condenava o emprego da política como remédio para os problemas espirituais da nação. As alianças com potências estrangeiras só serviam para aumentar ainda mais os problemas de Israel. Contudo, uma arrependida e piedosa nação de Israel seria protegida por Deus. Infelizmente, as esperanças de Oséias não se concretizaram!

III. Data

O trecho de Oséias 1.1 nos dá um indício cronológico seguro, segundo dissemos anteriormente. Vários contemporâneos são ali mencionados. O começo do ministério público de Oséias pode ser datado por volta de 748 A.C.; e a morte de Ezequias, que ocorreu por volta de 690 A.C., mostra-nos que o ministério de Oséias cobriu um longo período, cinqüenta e oito anos, visto que o seu ministério atingiu a época de Ezequias. Ele começou a escrever por volta de 748 A.C., ou poucos anos mais tarde. E realmente pode ter escrito o livro em duas partes (as parábolas, capítulos 1—3; e as profecias, ou oráculos, capítulos 4—14, um pouco mais tarde).

As pessoas mencionadas em Osé. 1.1, dentro da cronologia fornecida por Oséias, foram: Jeroboão II (reinou entre 782 e 753 A.C.), Uzias (reinou entre 767 e 739 A.C.), Jotão (reinou entre 740 e 731 A.C.), Acaz (reinou entre 732 e 715 A.C.) e Ezequias (reinou entre 716 e 686 A.C.). O trecho de Oséias 1.4 parece dar a entender que uma data anterior à morte de Jeroboão II marcou o início do ministério desse profeta. Oséias 8.9 é passagem que talvez faça alusão ao tributo pago a Tiglate-Pileser por Menaém (cerca de 739 A.C.). E, nesse caso, o ministério de Oséias já estava bem estabelecido em 743 A.C., e pelo menos parte de seu livro já tinha sido escrita.

IV. Proveniência e Destino

O próprio livro, como é óbvio, fala sobre uma origem, no reino do norte, embora nos seja impossível a precisão, quanto a isso. No entanto, nem todo o livro precisa ter sido, necessariamente, escrito no mesmo lugar. O destino primário era o reino do norte, Israel, embora seu livro tivesse uma mensagem universal, que também se aplicava a Judá. Podemos supor que a profecia de Oséias se tornou conhecida em Judá. O fato de que a introdução do livro menciona reis tanto do reino do norte quanto do reino do sul indica que a nação inteira—Judá e Israel—era visada pelo profeta, a quem ele dirigira suas advertências.

V. Pano de Fundo Histórico

1. *A prosperidade material* foi um fator que, juntamente com outros, levou ao declínio moral de Israel. Essa prosperidade era tão grande que poderia ser comparada à do início da monarquia. A Síria fora debilitada e, finalmente, derrotada. Uma estela encontrada em 1907 em Afis, quarenta quilômetros a sudoeste de Alepo, comemorava a queda da Síria e, quando isso sucedeu, então não muito depois, Jeroboão II (ver II Reis 14.28), foi capaz de estender sua autoridade até Damasco. As fronteiras sul e leste de Israel e de Judá quase chegaram às mesmas extensões dos dias de Davi e Salomão. A Assíria já havia começado a ameaçar a Síria e a Palestina, embora a possibilidade de invasão ainda parecesse remota.
2. *Um menor militarismo* aumentou as riquezas materiais da nação. O comércio intensificou-se, e Israel, passando a controlar as rotas de caravanas que antes haviam sido dominadas por Damasco, foi capaz de multiplicar consideravelmente a sua prosperidade material. O luxo tornou-se comum, e os habitantes de Israel viviam regaladamente. Operários fenícios especializados receberam a tarefa de aumentar a ostentação de Israel. Os habitantes de Israel chegaram a dispor de leitos com entalhes de marfim, itens que os arqueólogos têm descoberto, pertencentes a esse período. Ver Amós 6.4, que menciona o detalhe. Havia abundância de azeite e de vinho, e muitos viviam até em luxo excessivo, segundo se vê em Amós 3.15 e I Reis 22.39.
3. *Avanços Religiosos Pagãos.* Descobertas arqueológicas, feitas no norte da Síria, em Ras Shamra (Ugarite), mostram o quanto as formas de adoração idólatra dos cananeus se tinham espalhado em Israel e em toda a circunvizinhança. Os israelitas estavam-se deixando seduzir pela idolatria. Divindades pagãs e bezerros de ouro foram levantados por Jeroboão I, e Betel e Dã tornaram-se grandes centros de idolatria em Israel (I Reis 12.28). Sabemos que os ritos de fertilidade, com seus excessos e vícios sexuais, faziam parte desse culto. Além disso, a violência, o alcoolismo e toda a forma de indulgência completava o quadro desolador. Havia prostituições cultuais variegadas, e sabemos que a prostituição e o homossexualismo chegaram a ser praticados até mesmo no interior do templo (II Reis 23.7).
4. *A Confusão Resultante.* A prosperidade material começou a declinar; a confusão tornou-se a ordem do dia. O filho de Jeroboão, Zacarias, foi assassinado por Salum, e este, por sua vez, foi morto por Menaém. Quatro reis de Israel foram mortos em quinze anos. Instaurou-se a vacilação política, em relação à Assíria. Menaém tentou aplacar o poder proveniente do norte. Israel passou a agir como uma pomba sem juízo hesitando entre a Assíria e o Egito, disposta a apelar para qualquer lado, menos a voltar-se para Deus, conforme se vê em Osé. 5.13; 7.11 e 12.1. Toda essa vacilação em nada contribuiu para curar a nação de Israel, que nem ao menos percebeu estar gravemente enferma! Tudo chegou ao fim quando Israel caiu diante das tropas assírias, ocasião em que a cidade de Samaria foi tomada pelo inimigo, em 721 A.C., e grandes segmentos da população da nação do norte foram deportados.

VI. Problemas de Unidade e Integridade

O trecho de Oséias 1.1-11 foi escrito na terceira pessoa, contando o casamento do profeta; mas o trecho de Oséias 3.1-5 encerra um relato na *primeira* pessoa, praticamente da mesma natureza. Essas duas seções do livro, vinculadas uma a outra por um sermão dirigido a Israel (no segundo capítulo do livro), poderiam ter sido escritas por dois autores diferentes, como também poderiam descrever duas mulheres diferentes, e não uma só. Se supusermos que Gômer, esposa de Oséias, está em foco do começo ao fim do livro, então poderemos concluir que ela já era uma prostituta quando Oséias com ela contraiu matrimônio. Isso teria sido muito incomum para um profeta, que, sem dúvida, estava proibido de fazer tal coisa. Essas circunstâncias extraordinárias, contudo, poderiam ter sido necessárias a ele, a fim de que a mensagem de seu livro ganhasse em vigor e eloqüência. A fim de aliviar o problema, alguns supõem que Oséias tomou Gômer como concubina, e não como sua legítima esposa; mas isso é uma especulação que também não resolve o problema. Outros estudiosos afirmam que Gômer era virgem, quando o profeta se casou com ela. Mas, se nos apegarmos a esse ponto de vista, então é quase necessário ver duas mulheres diferentes no relato, entre os capítulos primeiro e terceiro, e não somente uma mulher.

Ainda um terceiro grupo de eruditos pensa que temos dois relatos sobre a mesma mulher e sobre o mesmo casamento, mas, tendo procedido de duas fontes separadas (uma delas uma biografia, e a outra uma autobiografia), esses relatos simplesmente se contradizem. Alguns supõem que Gômer fosse uma prostituta cultual, que se reformou temporariamente, por haver-se casado com Oséias, mas que acabou revertendo à sua condição anterior. Várias outras idéias são apresentadas, embora não possamos chegar a nenhuma conclusão indiscutível. Seja como for, é quase certo que somente uma mulher está em foco no livro, embora não saibamos como reconciliar os dois relatos a respeito. Essa circunstância, porém, não impede que a mensagem do livro seja comunicada.

A Interpretação Alegórica. Alguns estudiosos pensam que o que se lê no livro de Oséias é pura alegoria, sem importar se houve o envolvimento de uma ou de duas mulheres. Desse ponto de vista, todos os problemas sobre o que o profeta poderia ter feito ou não, se casou ou não com uma prostituta, tornam-se destituídos de importância. No entanto, quase todos os comentadores a respeito rejeitam essa interpretação alegórica.

VII. Mensagem e Conceitos Principais

"Israel aparece como a esposa adúltera de Yahweh, que foi repudiada, mas finalmente será purificada e restaurada. Essa é a mensagem distintiva de Oséias, que pode ser sumariada em duas palavras, *Lo-Ami* (não meu povo) e *Ami* (meu povo). Israel não era apenas pecaminosa e apóstata, embora isso também seja dito; mas o pecado da nação assumia o caráter mais grave devido à exaltada relação em que ela fora posta com Yahweh". (SCO)

"Oséias é a profecia sobre o imutável amor de Deus por Israel. Apesar das contaminações da nação com o paganismo cananeu e com os cultos de fertilidade, o profeta fez todo o esforço para advertir o povo a arrepender-se, em face do perpétuo amor de Deus por eles. O tema do profeta é quádruplo: a idolatria de Israel; a sua iniqüidade; o seu cativeiro e a sua restauração. Por todo o livro, entretanto, ele acena com o tema do amor de Deus por Israel. Israel é retratada profeticamente como a esposa adúltera de Yahweh, que em breve seria posta fora, mas que finalmente seria purificada e restaurada. Esses eventos são engastados dentro do mandamento divino de que o profeta se casasse com uma meretriz. Os filhos dessa união receberam nomes que simbolizam as principais predições de Oséias: *Jezreel,* a dinastia de Jeú haveria de ser completamente destruída; *Lo-Ruama*, "a quem não se demonstrou misericórdia", o que indica uma profecia sobre o cativeiro assírio; *Lo-Ami,* "não meu povo", a rejeição temporária de Israel (cf. Rom. 11.1-24); e *Ami,* "meu povo", que aponta para a restauração final da nação (cf. Rom. 11.25,26), no fim dos tempos (Osé. 1.2—2.23)". (UN)

Alguns Pontos de Vista Doutrinários:

1. *A Graça Divina.* Deus é quem toma a iniciativa na salvação do homem (Osé. 11.1). A condição de Israel era de profunda depravação, que só poderia ser curada mediante a graça de Deus. Por todo o livro, a nação de Israel é convidada a arrepender-se, o que dá a entender que isso está dentro do alcance da vontade humana. Ver Osé. 5.4; 11.7. A restauração final prometida (Osé. 1.2—2.23) é o resultado final da graça de Deus, o que é uma verdade no tocante à criação inteira, e não apenas à nação de Israel (Efé. 1.9,10). Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre a *Restauração.*
2. O *Pecado.* É mister cuidar do pecado, mediante o arrependimento. O pecado tem o poder de confundir, perverter e desviar (Osé. 4.11), não sendo nenhuma brincadeira. Embora o profeta tenha comprado Gômer de volta, reduzida como ela estava à prostituição e ao opróbrio, o pecado empurrou-a de volta à sua anterior forma de vida pecaminosa. O pecado é poderoso, mesmo em meio ao favor recebido. Assim também, o juízo precisa ser imposto contra o pecado, o que, no caso de Israel, viria sob a forma do cativeiro aos assírios. Todavia, esse juízo divino seria restaurador, e não meramente punitivo. Isso faz parte da natureza do *julgamento divino* (ver a respeito no *Dicionário*).
3. *O Difícil Caminho para o Arrependimento* (ver Osé. 6.1-4). Alguns intérpretes aceitam essa passagem como se ela retratasse um autêntico arrependimento. Mas outros vêem superficialidade, de tal modo que o arrependimento logo reverte ao estado pecaminoso anterior. Há algo de profundamente ilustrativo nisso, que visa todos os homens. Por que razão o arrependimento é tão espasmódico, tão fugidio, tão facilmente reversível? Oséias ensina-nos que não é fácil o caminho que conduz ao arrependimento, depois que a pessoa se deixa envolver pela idolatria, pela imoralidade e pelas formas corruptas de adoração religiosa. O evangelho promete arrependimento, mediante o poder do Espírito, mas esse poder só se torna disponível àqueles que realmente o cultivam. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento.*
4. *O Verdadeiro Conhecimento de Deus.* Jesus orou no sentido de que os homens viessem a conhecer o verdadeiro Deus, e Seu Filho (João 17). Mediante esse conhecimento, que não é apenas intelectual, o homem é espiritualizado, porquanto isso envolve comunhão no Espírito Santo. O verdadeiro conhecimento de Deus implica comunhão com Deus, e não apenas informações a respeito de Deus. A falta de conhecimento real de Deus, por parte de Israel, levou a nação a todas as modalidades de pecado, como o perjúrio, a mentira, o homicídio, o furto, o deboche, o engodo e o derramamento de sangue inocente, conforme se vê em Osé. 4.2. Gômer ofendeu profundamente a Oséias, com a sua conduta traiçoeira. E nós insultamos a Deus com a nossa conduta errada. Isso demonstra a superficialidade da nossa experiência com o Ser divino, embora ela seja autêntica. O verdadeiro conhecimento de Deus requer o toque místico. O Espírito Santo precisa fazer-se presente, a fim de nos transformar, ou então, terminaremos com uma teologia meramente intelectual.
5. *Esperança e Restauração.* A mensagem geral de Oséias é bastante desanimadora, excetuando a sua mensagem de esperada restauração, quando Deus haverá de reverter as misérias de Seu povo de Israel. A esperança, porém, é transferida para o futuro. O presente imediato era negro, moralmente falando, mas, no horizonte, já avultava o cativeiro assírio. Somente quando a mente da fé dá uma espiada naquilo que Deus, finalmente, fará, vê-se esperança no livro de Oséias. No entanto, apesar de distante, a esperança é real. Ver Osé. 2.14-23; 11.10,1; cap. 14 e, especialmente, 6.1-3.

VIII. Esboço do Conteúdo

I. A Esposa Prostituída de Yahweh é Repudiada (1.1—3.5)
  A. Um casamento metafórico (1.1—2.23)
    1. Ilustrações da rejeição com os nomes Lo-Ami (1.1-9)
    2. Consolo em meio à miséria (1.10,11)
    3. O julgamento de Israel (2.1-13)
    4. A restauração de Israel (2.14-23)
  B. Outro casamento metafórico (3.1-5)
    1. Sua decretação (3.1-3)
    2. Seu significado (3.4,5)
II. Israel, Objeto do Amor de Deus (4.1—14.9)
  A. A culpa de Israel (4.1-19)
  B. A ira divina (5.1-15)
  C. Arrependimento (6.1-3)
  D. A reação divina (6.4—13.8)
  E. Restauração final (13.9—14.9)

IX. Canonicidade

O lugar ocupado pelo livro do Oséias à testa dos doze profetas menores é antiqüíssimo. Nenhuma decisão canônica jamais pôs isso em dúvida. Desde os dias de Ben Siraque (ver Eclesiástico 49.10,11), essa posição já estava bem estabelecida. Vários manuscritos da Septuaginta têm os profetas menores em diversas seqüências; mas o livro de Oséias sempre figura em primeiro lugar, talvez por causa de seu volume ou, então, por causa de sua elevada mensagem e teologia, que nos fornece um quadro de Deus diferente do de muitos outros livros do Antigo Testamento. Em contraste com outros livros, a autoria genuína deste livro nunca foi posta em dúvida. E os estudiosos jamais duvidaram das relações históricas do livro, conforme se vê em Osé. 1.1. Cronologicamente falando, Oséias não deve ser posto antes de Amós (como aparece em *Baba Bathra* 14.b); mas a sua importância faz com que ele mereça estar no começo dos profetas menores.

X. Oséias Ilustra o Princípio da Restauração

Israel havia adotado toda forma de *paganismo*, tendo caído em pecado grave, em apostasia, tornando-se uma nação pagã entre

nações pagãs. Jezreel (Osé. 1.4) nasceu da esposa adúltera de Oséias, a fim de simbolizar a iminente destruição da casa de Jeú e o cativeiro assírio. Em seguida, nasceu-lhes uma filha, que foi batizada como Lo-Ruama (Osé. 1.6), nome que significa "não compadecida". Deus haveria de retirar Sua misericórdia protetora de Israel, por um longo tempo. Misérias incontáveis sufocariam a vida nacional de Israel. O povo seria disperso; eles perderiam seus territórios; a adoração sagrada sofreria interrupções. Haveria muitos longos séculos de agonia. Em outras palavras, um *severo juízo* sobreviria àqueles que antes tinham sido povo de Deus. Nasceu então um filho, de Oséias e Gômer, chamado Lo-Ami (Osé. 1.9), nome que significa "não meu povo". Até hoje Israel continua sendo "não meu povo", enquanto está sendo dada a oportunidade de salvação aos gentios. Portanto, está envolvido um processo de séculos de julgamento devastador.

A esposa adúltera, verdadeiramente, foi repelida. No entanto, foi explicado ao profeta que ele deveria chamar seus filhos de *Ami,* que significa "meu povo", e de *Ruama,* isto é, "compadecida" (Osé. 2.1). Notemos que essas palavras são a reversão verbal dos nomes conferidos aos filhos de Oséias. Tais reversões verbais, pois, falam de uma restauração que deverá abençoar a Israel, graças aos infalíveis e poderosos propósitos de Deus, embora esses propósitos possam requerer muito tempo para serem cumpridos. Em nossos dias, a restauração final continua sendo assunto apenas predito nas profecias bíblicas. Paulo tomou esse tema, em Rom. 11.25,26, fazendo dele uma importante doutrina evangélica. O apóstolo, pois, renovou a esperança e o ensino de Oséias. Fornecemos no *Dicionário* um artigo separado sobre o assunto, chamado *Queda e Restauração de Israel.* Essa restauração está esperando o tempo do fim e a intervenção que será realizada pelo próprio Cristo. Ver Osé. 13.9—14.9.

Várias lições ótimas são dadas por Oséias, quanto à natureza da restauração de Israel:

1. O pecado exerce efeitos devastadores sobre um indivíduo ou sobre uma nação, conforme for o caso.
2. O pecado precisa ser severamente punido, em consonância com o rigor da justiça.
3. Nesse juízo, um povo inteiro foi declarado "não compadecido" e "não povo de Deus", o que mostra a severidade desse julgamento divino.
4. Os grandes juízos divinos podem perdurar por longo tempo, realmente. Israel, desde antes do cristianismo, não teve modificada a sua condição diante de Deus, após tantos séculos. Creio que o julgamento dos perdidos atingirá os ciclos da eternidade futura. Apesar da morte biológica do indivíduo não pôr fim à oportunidade (I Ped. 4.6), ainda assim deixa cada um de nós sob o juízo apropriado. Cada alma permanecerá sob juízo durante o tempo que for mister para que pague por seus erros e seja restaurada, *através* do juízo. Em outras palavras, o julgamento será *um* dos meios envolvidos nessa restauração. Não antecipo que todas as almas sofrerão o mesmo grau e nem a mesma duração de julgamento. Isso variará de acordo com a reação de cada indivíduo, e a obra que nele estiver sendo efetuada, pela graça de Deus.
5. *O juízo divino é punitivo,* conforme ilustrado pelo livro de Oséias. Por outro lado, também é *restaurador,* conforme mostra o mesmo livro. Em outras palavras, o juízo realiza algo, a saber, restaura. O julgamento da cruz foi um severíssimo golpe contra o pecado, mas também se revestiu de poderes remidores. Assim, todos os julgamentos divinos são golpes contra o pecado, produzindo miséria e sofrimento. Porém, vão muito além disso, livrando o homem das tempestades e trazendo a ele o *raiar de um Novo Dia,* no qual a graça restauradora de Deus resplandece em *todos* os lugares de Sua criação.
6. Os assírios vieram e puseram fim à nação do norte, Israel. Séculos e séculos de sofrimentos têm-se seguido desde então. Mas a promessa de restauração final permanece firme. O propósito de Deus continua operando. Não foi cancelado pelo julgamento. O mesmo sucede no caso de *todos os homens. Os* homens estão dispersos e cativos pelo diabo. O julgamento haverá de sobrevir a todos os homens, o que fará com que a vasta maioria deles tenha de ir para as dimensões espirituais do julgamento. No entanto, a misericórdia de Deus garante que esse estado, em si mesmo, tem um efeito restaurador, conforme vemos em I Ped. 4.6 e Efé. 1.9,10. Esse propósito opera até nos ciclos da eternidade futura, abrangendo um tempo muito longo, da mesma maneira que o povo de Israel tem estado sob o juízo divino, há muitos séculos. Deus, porém, escreverá um capítulo final de misericórdia e graça, e todos os homens haverão de exultar no Logos, como o grande Benfeitor e a razão e o alvo de toda a existência humana, mesmo que nem todos venham a obter a redenção que há em Cristo. Isso, meus amigos, é um evangelho otimista, é boas novas para os homens garantidas pelo amor de Deus, em Jesus Cristo.

XI. Bibliografia

AM BA E HARR I IB IOT OES SN WBC WES YO Z

Ao Leitor

O estudante sério, antes de lançar-se ao estudo deste livro, tirará vantagem da *Introdução* provida, que apresenta materiais como: Oséias, o profeta; caracterização geral; data; proveniência e destino; pano de fundo histórico; problemas da unidade e da integridade; mensagem e conceitos principais; esboço do conteúdo; canonicidade; Oséias como ilustração do princípio da restauração; bibliografia. Também os gráficos acompanhantes dos profetas do Antigo Testamento ajudarão o leitor a localizar cronologicamente o livro de Oséias em relação a outros volumes da tradição profética.

Com Oséias começamos o primeiro dos últimos *doze livros* do Antigo Testamento, chamados *Profetas Menores.* Talvez seus 14 capítulos, num total de 197 versículos, e sua grande antiguidade, tenham conferido a ele o primeiro lugar na ordem apresentada. O livro de Zacarias é levemente maior, com 211 versículos, porém muito mais tardio quanto à data. Os sermões e as profecias de Oséias foram feitos pouco tempo antes do cativeiro assírio, que assinalou o *fim* do reino do norte (Israel). Ver sobre *Cativeiro Assírio,* no *Dicionário.* A data tradicional desse cativeiro é 722 A. C.

"Após a conquista assíria de 733-732 A. C., que resultou na queda de Damasco, quatro reis de Israel foram assassinados no espaço de quinze anos, e a Samaria caiu diante dos assírios em 721 A. C." *(Oxford Annotated Bible,* introdução). O reino do norte, antes da queda, tinha sido reduzido ao caos virtual. O livro de Oséias fornece as *razões morais* para o declínio e a queda de Israel (o norte), apresentando-as sob a imagem de adultério espiritual. O profeta Oséias sofreu diante da infelicidade de sua esposa, tal e qual a nação de Israel estava tratando seu marido espiritual, Yahweh. Tanto Oséias quanto Yahweh se divorciaram de suas esposas, mas ambos serão restaurados a elas, no fim, embora isso ainda estivesse distante de acontecer. O profeta casou-se com a prostituta Gômer. Ela lhe deu três filhos.

Provavelmente devemos entender que esses três filhos eram de Oséias, mas outros que nasceram de Gômer eram filhos dos amantes dela. O autor sacro não se preocupa em dar-nos informações sobre eles, quantos eram, seus nomes etc. Gômer abandonou seu marido, o profeta Oséias, em sua arrogância e corrupção moral. Não obstante, ele a trouxe de volta para casa e a restaurou publicamente (ver Osé. 3.1-5). Há uma espécie de amor que não abandona o objeto amado, e esse é o amor de Yahweh pelo povo de Israel, o qual deverá ser restaurado, no final das contas. "Ó amor que não me abandona, descanso em Ti a minha alma cansada" (George Matheson).

Profetas Menores. Esta classificação cabe aos *doze livros* proféticos relativamente *pequenos* que fazem parte do volume do Antigo

Testamento. O fato de eles serem denominados *menores* não significa que seus autores tenham sido homens de importância secundária, mas apenas que os roios que eles escreveram não eram muito volumosos, quando confrontados aos chamados *Profetas Maiores:* Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os doze livros dos Profetas Menores são: Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias, Naum, Habacuque, Ageu, Zacarias, Obadias, Malaquias, Joel e Jonas. Os estudiosos judeus deram um título alternativo a essa coletânea: *Livro dos Doze.* E, sob a forma de rolos, geralmente eles compunham um único volume. A ordem dos livros, dada acima, é a ordem da Bíblia hebraica. A Septuaginta tem várias ordens, dependendo de seus manuscritos representativos. Mas em todas essas listas *Oséias* as encabeça.

Em meio a toda a destruição e melancolia que caracterizam grande parte do Antigo Testamento, é reconfortante encontrar um livro dedicado ao tema do *amor redentor,* sobretudo porque essa redenção é obtida por aqueles que não a merecem. Ver a seção X da Introdução, *Oséias Ilustra o Princípio da Restauração.* "Israel é a esposa adúltera de Yahweh, repudiada, mas que, finalmente, será purificada e restaurada. Essa é a mensagem distintiva de Oséias, que pode ser sumariada por meio de duas palavras: *Lo-Ammi* (NÃO-MEU-POVO) e *Ammi* (MEU POVO)" (*Scofield Reference Bible,* introdução).

Cf. o espírito deste livro com o espírito do livro de Jonas, que é corretamente denominado o João 3.16 do Antigo Testamento. Ali estão em vista os gentios. Assim sendo, o amor de Deus é visto como universal em Suas operações, bem como remidor-restaurador em Seu desígnio.

Os Profetas e Suas Missões

Os Profetas	Época do Ministério	Receptores das Profecias
Joel	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Isaías	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Miquéias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Jeremias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Habacuque	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Sofonias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Oséias	Pré-exílio	Israel (Norte de Israel)
Amós	Pré-exílio	Israel (Norte de Israel)
Obadias	Pré-exílio	Edom
Jonas	Pré-exílio	Assíria (Nínive)
Naum	Pré-exílio	Assíria
Ezequiel	Durante o exílio	Babilônia
Daniel	Durante o exílio	Babilônia
Ageu	Após o exílio	Jerusalém
Zacarias	Após o exílio	Jerusalém
Malaquias	Após o exílio	Jerusalém

Para maiores informações, ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Profecia*.

Profecia

Ordem Cronológica e Data Aproximada	Profeta	Referências Bíblicas	Reis Envolvidos
1). 837 A.C. - 800 A.C.	Joel	Joel 1:1; II Reis 11	Joás?
2). 825-782	Jonas	II Reis 13, 14	Anazias, Jerobão II
3). 810 - 785	Amós	II Reis 14, 15	Jerobão II
4). 782 - 725	Oséias	II Reis 15 - 18	Jerobão II
5). 758 - 698	Isaías	II Reis 15 - 20 II Crô. 26 - 32	Uzias, Jotão, Acaz; Ezequias
6). 740 - 695	Miquéias	II Reis 15.8-20; Isa. 7,8; Jer. 26.17-19	Uzias, Jotão, Acaz; Ezequias
7). 640 - 630	Naum	Jonas; Isa. 10 Sof. 2.13-15	Josias
8). 640 - 610	Sofonias	II Reis 22, 23 II Crô. 34-36	Josias
9). 627 - 586	Jeremias	II Reis 22-25 II Crô. 34-36	Josias; Joacaz; Jeoaquim; Joaquim; Zedequias
10). 609 - 598	Habacuque	II Reis 23, 24 II Crô. 36.1-10	Josias
11). 606 - 534	Daniel	II Reis 23, 25 II Crô. 36.5-23	Exílio; Nabucodonosor; Ciro
12). 592 - 572	Ezequiel	II Reis 24.17-25 II Crô. 36.11-21	Exílio; Nabucodonosor
13). 586 - 583	Obadias	II Reis 25 II Crô. 36.11-21	Exílio; Nabucodonosor
14). 520	Ageu	Esd. 5, 6	Após o exílio; Dario I; Esdras
15). 520 - 518	Zacarias	Esd. 5, 6	Após o exílio; Dario I; Esdras
16). 433 - 425	Malaquias	Nee. 12	Após o exílio; Artaxerxes I; Neemias

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

O Casamento de Oséias é um Símbolo Espiritual (1.1–3.5)

A Esposa e os Filhos de Oséias (1.1-9)

Sobrescrito (1.1)

1.1

Palavra do Senhor, que foi dirigida a Oséias, filho de Beeri. A profecia veio pela palavra de *Yahweh,* que tinha importante mensagem a transmitir a Israel, antes do *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*). A nação se encaminhava para uma severa punição, e o profeta Oséias mostrou o porquê. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação* e *Inspiração*. A Bíblia, do princípio ao fim, presume que o Criador intervém na história de Sua criação, conforme ensina o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O *deísmo,* pelo contrário, ensina que o Criador abandonou Sua criação, sujeitando-a às leis naturais.

Oséias. Ver a Introdução, anteriormente, na primeira seção, chamada *Oséias, o Profeta,* quanto ao que se conhece sobre esse homem, sua família e seu ambiente histórico.

Ambiente Histórico. Este versículo fornece os nomes de quatro reis de Judá e dois reis de Israel, em cuja época Oséias ministrou como profeta em Israel. O período abrange, mais ou menos, 786-774 A. C. Ver a seção III da Introdução, *informes,* para detalhes a respeito. Ver também os gráficos acompanhante dos profetas de Israel e Judá, e como eles se relacionaram cronologicamente aos reis. Ver no *Dicionário,* cada rei individualmente, em artigos separados, bem como o artigo chamado *Reino de Judá,* onde ofereço, na seção IV, um breve relato sobre cada monarca. No artigo chamado *Rei, Realeza,* apresento um gráfico que compara cronologicamente os reis de Israel, de Judá e de nações circunvizinhas.

"Há evidências no livro de Oséias de que esse profeta continuou suas atividades proféticas após a morte de Jeroboão, mas não existe nenhuma evidência de que ele tenha continuado ativo além da guerra siro-efraimita (635-734 A. C.)" (John Mauchline, *in loc.*).

"A convicção de que a *palavra do Senhor* é dada aos profetas (ver Osé. 1.1) é comum aos profetas (cf. Joel 1.1; Miq. 1.1; Sof. 1.1; Ageu 1.1; Zac. 1.1), algo fundamental na profecia dos hebreus. Essa convicção assevera que a inspiração e a autoridade de um profeta não se derivam dele próprio, mas de Deus, que revela a Sua vontade a ele (ver Eze. 2.3-5; Amós 3.7; Zac. 1.6). Um profeta é um agente pessoal de Deus (Êxo. 4.15,16 e Isa. 6.8). Ele deve mostrar-se obediente a Deus (I Reis 13; Amós 7.14-17; Atos 4.18-20)" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

As mensagens dos capítulos 1-3 oscilam entre o julgamento e a salvação. Ver o gráfico acompanhante.

O Casamento de Oséias (1.2-9)

Gômer, uma Mulher de Adultérios (1.2,3)

1.2

Quando pela primeira vez falou o Senhor por intermédio de Oséias. *Símbolo da Prostituição e do Adultério.* Um profeta ou sacerdote não podia tomar como esposa uma mulher prostituta, sobretudo se ela continuasse praticando a sua "arte". É assunto de discussões se a esposa de Oséias já era uma prostituta, ou se ela se prostituiu depois de ter-se casado com ele. Este versículo, considerado isoladamente, subentende a primeira possibilidade. Encontramos aqui uma ordem altamente irregular, dada pelo próprio Yahweh. Todas as regras deveriam ser quebradas. Esse homem santo deveria buscar uma prostituta, ainda praticante, para tomá-la como esposa. Através de tão estranha circunstância seria ensinada uma lição objetiva espiritual. A nação de Israel era essa prostituta-adúltera, e Yahweh era seu marido. A nós cabe aprender lições sobre a infidelidade, o julgamento e o amor de Deus, que é capaz de restaurar até o pior dos pecadores.

Quando pela primeira vez. Quando o ministério de Oséias estava apenas começando, bem no início de sua carreira, ele recebeu esse mandato incomum. O nome *Oséias* significa "salvação". Haveria muitos a serem salvos, sob circunstâncias difíceis. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Nisso consiste o adultério espiritual. Ver também o verbete chamado *Adultério.* Israel tornou-se uma nação caracterizada pela idolatria, pelo adultério e pela apostasia.

Logo no começo do ministério de Oséias, o Senhor o instruiu a casar-se com uma mulher adúltera. Essa relação, caracterizada pela infidelidade por parte da esposa, era um retrato da infidelidade de Israel ao pacto com o Senhor (ver Osé. 2.2-23).

1.3

Foi-se, pois, e tomou a Gômer. Quanto ao que se sabe ou se conjectura sobre Gômer, ver no *Dicionário* o artigo com esse nome, segundo ponto, onde ofereço as várias interpretações concernentes a essa mulher, em relação às condições de seu casamento. 1. O texto sacro certamente não é metafórico, no sentido que a coisa inteira seja uma parábola, e não uma história real. 2. O casamento foi literal. Alguns estudiosos insistem em que Gômer não era uma prostituta quando Oséias se casou com ela. Isso equivale a dizer que o vs. 2 deste livro "antecipa" aquilo em que ela se transformaria, e não o que ela era quando se casou. 3. Porém, se aceitarmos o versículo tal e qual ele se manifesta, sem pensar em truques, teremos de aceitar que ela era uma mulher que freqüentava as ruas, quando de seu casamento com Oséias. E se Gômer era uma mulher israelita, então torna-se necessário que ela fosse uma idólatra, alguém que adorava os bezerros de Jeroboão, em Dã ou Betei. Nesse caso, Oséias tomou uma adúltera espiritual, mas o texto está falando de adultério físico, o que também acaba sendo um adultério espiritual.

Oséias conseguiu tirar Gômer do bordel, mas não foi capaz de tirar o bordel de Gômer.

Primeiro Filho, Jezreel (1.4,5)

1.4

Disse-lhe o Senhor: Põe-lhe o nome de Jezreel. Os vss. 4 e 5 mostram que os três filhos de Oséias nasceram no decurso de cinco ou seis anos. Cf. o vs. 8. O nome "Jezreel" significa "Deus semeia", o que nos faz lembrar da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O agente ativo dessa semeadura é Yahweh, mas fica implícita a semeadura iníqua de Israel. Jezreel, nome de uma localidade de Israel, foi onde se deu o massacre sanguinário de Jeú da casa de Acaba, em cerca de 841 A. C. Isso, por sua vez, nos faz lembrar do julgamento de Deus contra os ímpios, mostrando-nos qual é a colheita temível feita daquele que está pagando por seus pecados. Mas todo o Israel, referido como a casa de Jeú, deveria sofrer seu merecido julgamento. A matança da casa de Acabe foi ordenada por Yahweh (ver II Reis 9.6-10). Portanto, pode parecer uma contradição o fato de que a casa de Jeú tenha sido subseqüentemente punida por esse motivo. Mas também é verdade que a matança ultrapassou ao que fora ordenado por Deus, o que tornou Jeú culpado de crimes de sangue. Ele também matou Jorão (ver II Reis 9.24), Acazias, rei de Judá (ver II Reis 9.27,28), e 42 parentes desse homem (ver II Reis 10.12-14), além de outros. Portanto, Jeú foi um homem sanguinário, e não poderia mesmo escapar, a despeito do bem que tinha feito. Desse modo, Yahweh poria fim a Israel, a quem Jeú representava, devido às muitas infrações que o povo de Israel tinha praticado contra a lei de Moisés.

Toda essa descrição mostra que Oséias já havia descoberto a infidelidade de sua esposa, Gômer, e também devemos entender que Jezreel era filho de Oséias, mas houve filhos e filhas, cujos nomes não são dados, nascidos de encontros adulterinos de Gômer.

1.5

Naquele dia quebrarei o arco de Israel, no vale de Jezreel. Muitas atrocidades haviam sido cometidas no vale de Jezreel, e Yahweh o escolheu como localidade apropriada para a queda do reino do norte, Israel. O local do pecado de Jeú seria também o local da perda total de Israel. "Quebrar o arco" refere-se à destruição do poder militar (cf. II Sam. 2.4; Sal. 46.9 e Jer. 49.35). Israel não tardaria a ser avassalada pelos assírios, e a própria existência de Israel seria abolida pelo ataque militar e pelo cativeiro. Isso ocorreu em 722 A. C., após uma série de ataques. A demolição do exército de Israel, em Jezreel, ocorreu por volta de 733 A. C. Gideão havia conquistado grande vitória ali (ver Juí. 6.33; capítulo 7), mas também ali, finalmente, ocorreria o aniquilamento e o fim de Israel como nação. Cf. este versículo com Jer. 44.17,18.

"A própria cidade de Jezreel era um lugar fortificado, na extremidade ocidental do monte Gilboa, dando frente para o vale de Jezreel, que separava a Galiléia da Samaria. Foi um notável campo de batalha. *Megido...* fica na outra extremidade do vale. O nome *Armagedom* deriva-se da palavra hebraica *har* (colina) e *Megido,* ou seja, 'colina de Megido'" (John Mauchline, *in loc.*).

O Segundo Filho, DESFAVORECIDA (1.6-7)

1.6

Tornou ela a conceber, e deu à luz uma filha. O povo de Israel era iníquo e brutal, e seria brutalmente destruído. Nesta segunda gravidez de Gômer, nasceu uma *filha,* a qual recebeu o nome de *Desfavorecida.* Deus não mais teria misericórdia de Israel, pois chegara o tempo de sua prestação de conta. A piedade e a paciência de Deus tinham-se exaurido ante a idolatria-adultério-apostasia da nação do norte. Nada havia poderia impedir o julgamento divino. Ele se tornara inevitável. Cf. Amós 8.2: "Chegou o fim para o povo de Israel".

Yahweh é retratado aqui como o General dos exércitos assírios. Deus arrebataria a nação de Israel para o lugar do esquecimento. Estava em vista a *extinção* de uma nação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio,* que nos conta a história toda.

"Deus te pendura sobre o abismo do inferno, mas ou menos como alguém pendura uma aranha ou um inseto nojento por sobre o fogo. Ele te abomina. Sua ira volta-se contra ti, e queima como o fogo. Aos olhos do Senhor, és dez mil vezes mais abominável do que a serpente mais venenosa e repelente aos teus olhos" (Jonathan Edwards, em seu livro *Sultanac*).

Tal como no monte Sinai, o povo de Israel foi relembrado da compaixão de Yahweh (ver Êxo. 34.6). Mas era chegado o tempo de um julgamento puro e aniquilador. Deus não mais podia tolerar os culpados sem a merecida punição (ver Êxo. 34.7). Tal tempo tinha chegado para o reino do norte. Naturalmente, os julgamentos divinos são medidas disciplinadoras, e não apenas providências retributivas. O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Ver I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

Ao que parece, devemos compreender ao longo do relato que todos os filhos de Oséias eram dele, mas houve vários filhos e filhas, cujos nomes não são dados, que nasceram dos encontros adúlteros de Gômer. Ver Osé. 2.2.

1.7

Porém da casa de Judá me compadecerei. A tribo de Judá levaria avante a nação de "Israel", embora fosse apenas a porção sul da nação inteira, composta somente por duas tribos: Judá e Benjamim. Yahweh não estava pondo fim à nação de Israel, mas somente àquela porção que ficara fora da possibilidade de restauração. Contudo, o livro vacila entre o julgamento e a salvação, conforme deixo ilustrado no gráfico acompanhante. Assim sendo, onde o julgamento é proferido, ali a salvação também é possível. As trevas engolfariam a porção norte da nação, mas a graça de Deus continuaria a brilhar sobre a porção sul. Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, interviria e os salvaria, mas não através da instrumentalidade humana, tal como armas de guerra e vitória na batalha. Uma instância dessa intervenção ocorreu no ano de 701 A. C., quando um exército de 185.000 assírios foi miraculosamente destruído, libertando Judá de tal ameaça. Ver II Reis 19.32-36. Naturalmente, pouco mais de cem anos depois, Judá seria quase inteiramente destruída pelos babilônios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.* Chegaria o tempo em que Judá se tornaria tão pútrida quanto Israel tinha sido, e de modo mais culpado, porquanto atravessara uma história mais gloriosa, pela graça de Deus. Cf. este versículo com Sal. 76 e Isa. 40.1,2. Diz o Targum: "Eu os salvarei pela Palavra do Senhor, Deus deles".

Terceiro Filho: NÃO-MEU-POVO (Lo-Ammi) (1.8-9)

1.8-9

Depois de haver desmamado a Desfavorecida, concebeu e deu à luz um filho. Pouco depois de *Lo-Ruama* — Desfavorecida — ter sido desmamada, chegou outro filho legítimo de Oséias, que simbolizaria que Israel não mais deveria ser considerado filho de Yahweh; antes, deveria ser rejeitado como um produto adúltero. Israel havia quebrado todas as condições estabelecidas pelo pacto (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*) e acabou sendo cortado para não participar das bênçãos da aliança. O laço entre Israel e Yahweh tinha sido quebrado. Da perspectiva de divina, Israel tornou-se um não-povo. Esse julgamento divino derrubou a própria base da fé religiosa do Antigo Testamento, exceto pelo fato de que o sul (vs. 7) foi poupado para preservar a nação e as alianças com o Senhor.

No labirinto enlouquecedor das coisas,
Empurrado por tempestades e dilúvios,
Meu espírito apega-se a uma confiança fixa:
Sei que Deus é bom.

(John Greenleaf Whittier)

Deus havia dito que *andaria* entre o povo de Israel, que seria o Deus deles, e que eles seriam o Seu povo (ver Lev. 26.12; Êxo. 6.7; Deu. 26.17,18). Mas tudo isso tinha sido perdido, porquanto Israel deixara de andar com Deus. Para Moisés, Yahweh era o grande *Eu Sou* (ver Êxo. 3.14). As *Dez Tribos* (os poucos que sobreviveram aos ataques dos assírios), rejeitadas como uma esposa adúltera, foram levadas para o exílio e para a dispersão, dos quais até hoje não retornaram. Esse foi o fim do "casamento".

Restauração e Renovação (1.10 – 2.1)

1.10-11

Todavia o número dos filhos de Israel será como a areia do mar. É melhor ignorar a divisão em capítulos aqui. A melancolia drástica da rejeição é de súbito transformada em uma descrição da restauração. A promessa de uma posteridade inumerável de Abraão, confirmada no pacto abraâmico (ver Gên. 15.18), é certificada no vs. 10. Ver Gên. 22.17 e 32.12. *Li-Ammi* (NÃO-MEU-POVO) tornar-se-ia *Ami* (meu povo) (vs. 11). O texto fala da incomensurável abundância da transbordante graça de Deus, e de Seu amor que não sofre qualquer restrição. O vs. 11 promete a restauração de Israel e Judá em uma única nação populosa que prestará lealdade ao *Deus vivo* (cf. Jos. 3.10; Sal. 42.2; Isa. 37.4; Jer. 10.10).

Como Será Efetuada Essa Restauração?

1. *Ideal e potencialmente.* Israel poderia ter ouvido os avisos divinos, e isso teria evitado o cativeiro assírio. Dessa maneira, Israel permaneceria como nação única, sujeita às infindas bênçãos de Deus.
2. Israel sobreviveria em *Judá,* a qual seria chamada "Israel", embora fosse apenas um fragmento pequeno da nação original. Entretanto, cresceria e até ocuparia grande parte do território antes pertencente ao reino do norte.
3. Esta promessa é essencialmente *escatológica.* Durante a era do reino de Deus, haverá a restauração geral. Ver Rom. 11.26.
4. A restauração terá lugar na *igreja.* Essa é uma interpretação que confunde o destino de Israel com o destino da igreja que, no momento, é essencialmente gentílica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Restauração* e *Restauração de Israel.*
5. Ou então, de acordo com certos estudiosos, esta passagem pertence ao período exílico, quando ainda havia *esperança* de que as dez tribos que estavam no cativeiro teriam permissão de *voltar* à sua terra. Nesse caso, a restauração seria possível. Jezreel tinha sido o símbolo de uma má colheita, um julgamento da natureza mais severa (vs. 5). Mas agora Jezreel seria aquilo que "Deus semeia" (em consonância com o seu nome). Nesse caso, a restauração substituiria a desolação.

Capítulo Dois

2.1

Chamai a vosso irmão MEU-POVO, e a vossa irmã: FAVOR. Deixamos agora, para trás, a prometida restauração de Osé. 1.10-2.1, e começamos uma seção que nos devolve à melancolia. Os nomes dos filhos projetaram a avaliação espiritual do relacionamento matrimonial entre Oséias e Gômer. Os filhos legítimos, produtos da fidelidade de curta duração de Gômer, foram convidados pelo profeta a pleitear junto à mãe deles se poderia ser efetuada alguma reforma, com efeito curador sobre seus adultérios subseqüentes. A questão continuava a ser uma parábola da relação entre Israel (a esposa infiel) e Yahweh, o marido divino. Está em vista aqui uma *separação.* Isso já tinha ocorrido no casamento, e em breve tornar-se-ia um fato na vida diária. Gômer deixara de ser a esposa de Oséias, que se divorciara dela. E só poderia ser reintegrada como esposa se abandonasse seus adultérios. Parece que devemos compreender que os filhos chamados por nome eram filhos legítimos de Oséias e Gômer, mas os que são aludidos, mas não chamados por nomes, eram filhos dos adultérios da mulher.

2.2

Repreendei vossa mãe, repreendei-a, porque ela não é minha mulher. A recuperação é possível a uma mulher que se arrependa. Ela precisava ter uma mudança radical em sua vida. Deveria abandonar a freqüência ao bordel, quando seu marido estava de viagem, ou por trás de suas costas, quando ele estava ausente de casa.

E os seus adultérios de entre os seus seios. A obsessão da maioria dos homens com os seios femininos é, naturalmente, uma questão genética. Os hebreus não estavam isentos dessa loucura, e nunca pretenderam estar. A menção aos seios, em relação às atividades sexuais, é freqüente no livro Cantares de Salomão. Os hebreus eram um povo de canções e danças, e o vinho com freqüência fluía como o rio Amazonas. Os hebreus gostavam muito do sexo, tal como a maioria das pessoas, e não se mostravam nem um pouco pudicos. A lei de Moisés tentava canalizar essa obsessão para a relação matrimonial, mas não logrou grande sucesso, conforme demonstrado pelo presente versículo. Uma noite de sexo era chamada de *noite de seios.* O animal-homem preferia brincar à noite do que trabalhar durante o dia. Para alguns homens, o sexo é o que torna a vida digna de ser vivida. Cf. esta parte do versículo com Can. 1.13; 4.5; 7.3,7,8 e 8.10.

Saciem-te os seus seios em todo o tempo.

(Provérbios 5.19)

Observação Espiritual. "Israel tinha adulterado sua adoração a Yahweh com o baalismo cananeu" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 2).

2.3

Para que eu não a deixe despida. A *mulher adúltera* dirigia-se a algum tratamento duro que facilmente poderia ter ocorrido em Israel, onde os homens governavam, antes de a liberação feminina e o feminismo entrarem em cena. A mulher adúltera seria desnudada e submetida à vergonha pública. Ela ficaria tão absolutamente nua como um bebê recém-nascido que nada veste. Espiritualmente falando, isso significava que ela ficaria desolada como eram desolados os desertos em redor de Jerusalém. Ela padeceria sede e a desidratação tomaria conta de seu corpo. Ela estaria à beira da morte. Ver Deu. 22.21 quanto ao apedrejamento das adúlteras. A mulher culpada era despida antes de ser apedrejada. Cf. Eze. 16.38-40. Um tablete com escrita cuneiforme de Hana, e outro de Nuzi, ao norte da Mesopotâmia (datados dos meados do segundo milênio A. C.), descrevem a prática da despedida de uma mulher divorciada, quando ela partia despida, para que todos vissem a sua desgraça. Outro tablete de Nuzi descreve como os filhos dessa mulher eram quem a despiam, antes de ela fosse despedida.

A mulher que se tinha enfeitado com jóias e preparado a mente para seus adultérios, ingerindo vinho, agora estava despida de todas as vestes e jóias. Estava desolada e morria de sede (figuradamente). "A punição estava de acordo com a gravidade do crime. Aquela que tinha exposto a nudez para seus amantes, seria exposta publicamente para que todos a vissem. Esse ato público aparentemente precedia a execução das adúlteras (cf. Eze. 16.38-40)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). Ela sofria a *Lex Talionis,* o castigo segundo a gravidade do crime cometido. Ver sobre esse título no *Dicionário.*

2.4

E não me compadeça de seus filhos. A dama não queria receber misericórdia. Ela preferia ser como sua filha, *Lo-Ruama,* totalmente destituída dos bafejos da misericórdia. Ver Osé. 1.6. E seus filhos também não receberiam misericórdia.

Este versículo é uma reiteração do que já havia sido dito, e serve para enfatizar a questão.

Está em vista a maneira *temível* como os assírios, por ordens de Yahweh, aniquilariam brutalmente as tribos do norte e então levariam os poucos sobreviventes para o cativeiro, onde eles pereceriam. Desse modo, a nação inteira morreria em resultado dos juízos de Deus.

Embora o texto fale de uma *finalidade,* por todo este livro encontramos a possibilidade de perdão e restauração, pelo que o livro osciia entre o julgamento e a salvação, conforme ilustro no gráfico que acompanha o capítulo 1.

2.5

Pois sua mãe se prostituiu. O salário de uma prostituta, nos dias de Oséias, era bom, tal como é bom hoje em dia. Naquele tempo, a maior parte desses *salários* era paga sob a forma de produtos, pelo que encontramos aqui mercadorias como pão, água, lã, linho (incluindo vestes finas), óleo e bebidas.

A prostituição (infantil ou não) é uma das maldições brasileiras. A maior parte das prostitutas é "prostituta do salário". As jovens logo aprendem que podem ganhar, em um único dia, mais do que as boas jovens podem ganhar com seu salário-mínimo, em um mês inteiro. Portanto, por que trabalhar para algum chefe mal-humorado?

A pobreza é algo do passado para a maioria das prostitutas. A dama deste versículo era uma prostituta do salário, e muito mais do que isso. Era simplesmente corrupta, o que ilustra o estado geral da nação de Israel, em sua idolatria-adultério-apostasia. É provável, porém, que este versículo também aluda à *prostituição sagrada,* segundo a qual as mulheres recebiam um salário razoável e também financiavam os cultos pagãos, como acontecia no culto a Baal. Os cultos de fertilidade, naqueles dias, representavam um bom negócio para todos os envolvidos, porquanto havia muitos clientes, e esses sempre usavam as prostitutas do templo. É conforme diz um ditado inglês: "Uma vez João, para sempre João". O nome João, no vocabulário das prostitutas, significa "cliente". Poucas pessoas e, certamente, poucas profissões envolvem-se tão pesadamente nos "benefícios materiais", com a exclusão de qualquer busca espiritual, quanto as prostitutas. Seja como for, a corrida louca pelos benefícios materiais é uma espécie de prostituição moral e física. Todo esse negócio é *vergonhoso,* conforme declara o versículo presente.

2.6

Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos. "Os vss. 6-8 falam da frustração e subseqüente iluminação e arrependimento de uma esposa que errara; os vss. 9-13 descrevem a punição que ela receberia por causa de sua infidelidade; os vss. 14-23 dizem como os laços entre Yahweh e sua esposa (Israel) serão renovados sobre uma base pura, e eles se tornarão novamente noivos. Fica claro de imediato que até onde a *lógica* está envolvida, a ordem dessas seções deveria ser: vss. 9-13; vss. 6-8; vss. 14-23; com exceção de que o vs. 8 deveria ser lido juntamente com, e como conclusão dos vss. 2-5" (John Mauchline, *in loc.*).

Yahweh, que controla os destinos dos indivíduos e das nações, dificultava a vida da esposa-prostituta. A vereda pela qual ela entrara estava repleta de espinhos e, assim, logo ela descobriria que seu estilo de vida lhe causava mais dores do que prazeres. O caminho dela estava *bloqueado por espinheiros* (NCV), obstáculos inesperados, dificuldades, enfermidades, retrocessos. Em seguida, ela se depara com problemas realmente difíceis, que são como muros que a encerram, pelo que ela não consegue escapar de más situações. Sua vida hedonística revela-se uma fonte de contendas e sofrimentos. Então, frustrada, ela estende a mão para algo diferente, porquanto o *auto-interesse* será sempre o seu guia.

2.7

Ela irá em seguimento de seus amantes. O pecado produz seus inevitáveis sofrimentos e frustrações. Todas as maçãs do diabo têm vermes. Essa dama, precisando mudanças e já se aproximando delas, tinha de entregar-se completamente a seus amantes. Elas a evitavam, pelo que ela correu atrás deles, tentando manter intacta sua antiga vida de deboche. Mediante essas palavras, o profeta deixa entendido que a idolatria-adultério-apostasia de Israel exercia grande poder sobre aquela mulher. A antiga prostituta estava tentando mudar sua maneira de viver. Ela obteve sucesso por algum tempo, mas não demorou muito a retornar à sua vida dissoluta, pela força do *hábito,* que se torna um desejo insopitável. Os hábitos são como correntes que prendem a alma.

> *Semeai um ato, e colhereis um hábito.*
> *Semeai um hábito, e colhereis um caráter.*
> *Semeai um caráter, e colhereis um destino.*
> *Semeai um destino, e colhereis — Deus.*
>
> (Prof. Huston Smith)

A seca, as pragas, as guerras e outras condições adversas agitavam os caminhos de Israel, mas se sempre houve esse ideal de restauração, tal restauração nunca ocorreu efetivamente. As coisas simplesmente se tornavam cada vez piores, pois a nação precisava de um julgamento severo.

2.8

Ela, pois, não soube que eu é que lhe dei o grão. Enquanto a dama voava alto, tendo abundância de todas as coisas, a fonte real da boa vida era Yahweh. Contrastar este versículo com o vs. 5 (seus *amantes,* a fonte alegada da abundância da dama). A *ignorância* entra em questão. Mas se Israel soubesse Quem era que lhe dava tudo o que era necessário, teria agido de modo diferente? Israel não sabia (o autor sacro estava sendo muito caridoso) e, assim sendo, abdicava, mediante sua ignorância, de todas as coisas boas, dedicando sua substância ao culto de Baal. Cf. este versículo com Osé. 8.4 e 13.2, que têm idéias similares. Israel não conseguiu reconhecer Yahweh como seu verdadeiro benfeitor, e vivia correndo para os deuses de nada de povos vizinhos. Talvez haja aqui uma alusão ao custo que Israel teve de pagar por sua lealdade a potências e deuses estrangeiros. Israel foi punido por ter de pagar tributo à Assíria. No Obelisco Negro de Salmaneser III, da Assíria (859 - 825 A. C.), temos a informação de que Jeú teve de pagar consideráveis quantias em ouro e prata, ou seja, 30 talentos de ouro e 800 talentos de prata, a cada ano. Produtos agrícolas também estiveram envolvidos nesses tributos. Alguns dos bens e o dinheiro com que os israelitas contribuíram terminou nos santuários de Baal, para sustentar o sacerdócio pagão ou para edificar novos templos e santuários. Em seu paganismo, Israel passou a olhar para Baal como o deus que fazia sua agricultura prosperar, e também controlava a chuva, pelo que eles "deviam" pagamento àquela alegada potência. O trigo, o vinho e o azeite eram os principais produtos da Palestina, e Baal ficava com respeitável parcela de toda a produção. A situação era absurda, mas Israel tateava nas trevas da ignorância.

Punição Adequada ao Crime (2.9-13)

2.9

Portanto, tornar-me-ei, e reterei a seu tempo o meu grão. Visto que Israel contribuía estupidamente com suas riquezas para os cultos pagãos, essas riquezas lhe seriam tiradas por Yahweh. As chuvas parariam; as colheitas fracassariam; a fome mataria a muitos e haveria enfermidades generalizadas. Os animais domesticados morreriam, pelo que não haveria como fabricar vestes de seus produtos. Também não haveria linho com que fazer vestes de boa qualidade, porquanto os rios se secariam e o linho não cresceria. Haveria severa aplicação da *Lex Talionis,* ou seja, do castigo conforme a gravidade dos crimes cometidos (ver o *Dicionário* quanto a esse título). Isso faz parte da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver também no *Dicionário*). O pecado privaria a dama sensual de seu poder, e ela quase meramente subsistiria. Yahweh era o Deus real que controlava as condições atmosféricas e os ciclos de vida.

JULGAMENTO E SALVAÇÃO EM OSÉIAS

Os temas principais de Oséias são: 1. Pecado; 2. Julgamento; 3. Salvação. O pecado dominante de Israel era o da idolatria, graficamente ilustrado pelas infidelidades da esposa do profeta. Ver. 4.17; 8.4,6; 10.6; 11.2; 13.2. Israel (norte e sul) foi atrás do horrendo Baal, do deus da fertilidade (2.8,12; 11.12; 13.1), esperando aumentar a sua produção humana, animal e agrícola. Houve outros pecados notáveis como crimes violentos (4.22; 6.9; 12.1); hipocrisia (6.6); cobiça e arrogância (7.15; 13.6). Mesmo assim, a salvação de Yahweh estava disponível na condição de arrependimento.

Os Temas de Julgamento e Salvação

Julgamento	Salvação
1.2-9	1.10-2
2.2-13	2.14 – 3.5
4.1 – 5.14	5.15 – 6.3
6.4 – 11.7	11.8-11
11.12 – 13.16	cap. 4

Lendo os textos, descobrimos que os julgamentos, embora severos, sempre tinham o objetivo de restaurar "a esposa vadia". Todo julgamento era disciplinar. Oséias e sua esposa foram reconciliados, o que forneceu um exemplo para Israel-Judá, mostrando que o arrependimento podia efetuar uma restauração nacional.

O julgamento do livro de Oséias era temporal e físico. Portanto, seu texto não pode ser utilizado para falar dogmaticamente sobre o assunto. Ainda assim, podemos observar alguma coisa sobre a operação do amor de Deus, que utiliza, julgamento para restaurar, não para esmagar final e fatalmente.

Estudiosos sabem que as chamas do inferno foram acesas no livro pseudepígrafo, I Enoque. É significante que trechos que falam sobre as chamas eternas dão a elas valor restaurador.

Ver 66.7-8, 15: o fogo *sarará* corpo e alma quando julgar espíritos: "Naqueles dias os rios de fogo efetuarão cura para os reis, príncipes, os exaltados e todos habitantes da terra". (66.8)

"Estas águas do julgamento serão para sua cura" (vs. 15), que define as águas como o fogo do julgamento. No Apocalipse do Novo Testamento, os rios de fogo tornaram-se o lago de fogo.

Compare-se estes conceitos com I Ped. 4.6 do Novo Testamento canônico: "Pois, para este fim foi o evangelho pregado também a mortos, para que os mesmos julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus".

Aprendemos, pois, que o julgamento é um dedo na mão amorosa de Deus: efetua retribuição e também restauração.

"A desobediência traria a seca, a pestilência, a guerra, a morte e o exílio (ver Lev. 26.14-19; Deu. 28.15-68)... Seca, crestação, enxames de insetos e exércitos invasores destruiriam o produto da terra (cf. Deu. 28.51; Joel 1.4-12; Amós 4.6-9; 7.1)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

2.10

Agora descobrirei as suas vergonhas. Este versículo repete as declarações do vs. 3, de maneira mais simples. Aqui, os *amantes de Israel* veriam suas vergonhas, quando Yahweh lhe tirasse as vestes, as coisas que davam falsas idéias sobre o verdadeiro estado da nação. Uma vez que tivessem tirado dela tudo quanto ela possuía, eles abusariam dela e, finalmente, a abandonariam. Era um jogo perdido do começo ao fim. A dama perderia até as *roupas,* ou seja, as coisas básicas que lhe davam algum orgulho na vida. As coisas mencionadas no primeiro parágrafo da exposição sobre o vs. 9 lhe seriam furtadas, e podemos identificá-las como suas vestes.

As suas vergonhas. Ou seja, a aviltada condição de Israel em sua idolatria-adultério-apostasia. Todas as coisas que ocultavam suas reais condições morais e espirituais, essas coisas seriam removidas. E até seus amantes ficariam chocados ao contemplar quão vil criatura era Israel. Ele seria como um *pecador desmascarado* e sofreria a vergonha daí decorrente. Sua falsa espiritualidade, por participar dos cultos pagãos, também fazia parte de suas vestes. Com essa desgraça Israel ocultava seu estado espiritual desgraçado. O que parecia ser uma fonte de bênçãos na realidade era a fonte das maldições que, finalmente, lhe sobreviriam.

2.11

Farei cessar todo o seu gozo. As várias festividades que representavam, ao mesmo tempo, observâncias religiosas e celebrações dos ciclos anuais, eram ocasiões jubilosas, acompanhadas por vinho, mulheres e cânticos, além dos rituais. Temos aqui mencionados especificamente os sábados, as luas novas e as festas solenes, provavelmente as três festividades anuais que requeriam a presença de todos os varões: a páscoa, o Pentecoste e os tabernáculos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) dos Judeus,* quanto a detalhes. Não temos nenhuma indicação, nesta passagem, da mistura do paganismo com esses feriados judaicos tradicionais, mas é provável que isso deva ser entendido. Seja como for, essas festas tinham perdido seu significado para um povo idólatra-adúltero-apostatadado. A alegria vinculada a elas seria perdida quando o povo fosse para o cativeiro assírio. Esse acontecimento poria fim eficaz a tudo quanto era judaico na nação do norte, e assim a alegria também se perderia. Tal seria o julgamento de Yahweh contra a dama desviada. "Aquelas festividades tinham sido corrompidas pela adoração a Baal (Osé. 2.13) e não eram mais desejadas por Yahweh" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

2.12

Devastarei a sua vide e a sua figueira. A *agricultura* de Israel, que era sua riqueza e a linha de vida, seria aniquilada pela falta de chuva e pelas doenças das plantas. A ímpia dama, Israel, dera a Baal o crédito pela satisfação de todas as suas necessidades, mediante plantações e safras. Israel nunca conseguiu deixar de ser um país essencialmente agrícola. Por outra parte, todos os países e indivíduos dependem pesadamente dessa ciência. Onde antes havia plantações transmissoras de vida, haveria florestas, quando ervas daninhas reclamassem de volta o território que os homens tinham usado no cultivo. Cf. o vs. 5, onde vemos a dama dando a seus amantes o crédito pelas coisas boas que ela desfrutava, incluindo os produtos agrícolas.

"A Septuaginta transmite um excelente senso, ao descrever a devastação das vinhas e das figueiras realizada pelas animais do campo, que são referidos como testemunhas da disciplina e da correção de Yahweh" (John Mauchline, *in loc.*). Tanto os céus como a terra chegaram a desprezar esse povo desviado e a trabalhar contra ele.

2.13

Castigá-la-ei pelos dias de Baalins. Além de as festas e as festividades religiosas de Yahweh terem sido corrompidas pelas festas de Baal, em um doentio sincretismo, os israelitas, aberta e desavergonhadamente, tomavam parte e faziam a promoção do culto a Baal, engajando-se na prostituição sagrada e em outros ritos desgraçados, inclusive no sacrifício de crianças. A dama, Israel, embelezava-se e parecia uma prostituta, quando estava lá fora, praticando o seu paganismo. Naturalmente, ela esqueceu Yahweh, seu marido, enquanto se consorciava com seus amantes.

"Os anéis e jóias, embora fossem sinais de deleite e sinais de prestígio, dentro de seu contexto apropriado (cf. Pro. 25.12; Eze. 16.12-14), representam aqui o esforço da esposa infiel por *atrair* seus amantes. A forma plural, Baalins (ver também Osé. 2.17; Juí. 2.11), provavelmente refere-se às várias manifestações locais desse culto. Ver a forma singular, *Baal,* em Osé. 2.8 e 13.1. Ele era representado por imagens existentes em vários santuários espalhados pelo território (cf. Osé. 13.1,2)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

Castigá-la-ei. Uma interpretação do hebraico literal, "visitá-la-ei". Essa visita seria para finalidades de vingança e castigo.

Restauração e Novo Noivado (2.14-23)

Convite e Reação Favorável (2.14-15)

2.14

Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto. Havia sempre a esperança de que Israel, por causa do ministério fiel dos profetas, voltaria ao culto a Yahweh, esquecendo a idolatria dos estrangeiros. Então, quando veio o cativeiro assírio, sempre esteve de pé a esperança de que, de alguma forma, as tribos do norte seriam trazidas de volta à sua terra. Mas nada disso aconteceu. As coisas só foram ficando cada vez piores, e o castigo mostrou ser permanente. Contudo, no decorrer deste livro, temos a alternância do julgamento com a salvação, o que ilustro no gráfico no começo do capítulo 1. Nesses versículos, até o fim do capítulo, temos uma transição dos vss. 9-13 (a ameaça de punição) para as promessas sobre um *novo dia,* sob a condição de obediência e volta aos dias antigos, que foram governados pela lei de Moisés. Portanto, encontramos aqui três subseções: vss. 14,15 — a tentativa de Yahweh persuadir a esposa infiel a voltar; vss. 16-20, todos os traços da adoração a Baal teriam de ser removidos; vss. 21-23, a terra readquiriria o favor do povo de Israel, produzindo abundância de suprimentos necessários.

A esposa infiel seria *atraída* pelas promessas e pelos atos graciosos de Yahweh. Ela seria conduzida ao deserto, longe de seus amantes, que viviam sempre procurando desviá-la. Uma vez distante daquela influência adversa, Yahweh seria capaz de consolá-la. Ele voltaria a aceitá-la como Sua esposa e esqueceria seu passado sórdido. A palavra "atrair", aqui usada, pode significar "seduzir" ou "convencer". Seria uma sedução saudável, em contraste com a sedução vergonhosa dos amantes, que visavam apenas prejudicar a mulher. Cf. Êxo. 22.16 quanto ao uso negativo dessa palavra. "Na conversão, o Senhor chama Seu povo para separar-se do mundo" (John Gill, *in loc.*). Não poderá haver restauração enquanto Israel não tiver abandonado Baal e tudo quando essa falsa divindade representa. A bênção é condicional, como são quase todas as bênçãos.

2.15

E lhe darei, dali, as suas vinhas, e o vale de Acor. *Uma Motivação Egoísta.* A dama — a nação de Israel — estaria agindo em seu próprio *interesse* se abandonasse o mal e voltasse para o bem. Ela tinha dado a Baal o crédito por sua prosperidade material (abundância agrícola), mas Yahweh era a verdadeira fonte dessa abundância (ver os vss. 5,7,8).

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das Luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

A dama desviada é aqui retratada como quem seria atraída ao deserto para separar-se de seus amantes, a fim de renovar o pacto de casamento com seu primeiro marido e então ser abençoada por ele de volta à casa. "Os mais profundos discernimentos do Antigo Testamento não vieram da era do reinado de Salomão, quando Israel prosperava e florescia. Mas vieram do deserto do Sinai, do exílio e do cativeiro. Da mesma maneira que as estrelas brilham mais na noite mais escura, assim também, nas experiências que parecem mais negras, Deus com freqüência fala ao coração" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

O vale de Acor. Ver sobre este vale no *Dicionário.* O nome significa "vale da tribulação", que se transformaria em uma porta de esperança. A dama desviada veria um novo dia, tal como se deu quando Israel foi tirada do Egito. Foi naquele vale que o estúpido pecado de Acã pôs em perigo o sucesso da conquista (Jos. 7). Mas desta vez o vale se tornaria símbolo de uma nova esperança na restauração... Cf. Isa. 65.10. Por mais de vinte vezes, o livro de Deuteronômio fala sobre Israel *tirado do Egito.* Ver as notas expositivas em Deu. 4.20. Cf. este versículo com (?) 15.1 e Apo. 15.3.

Purificação e Novo Noivado (2.16-20)

2.16

Naquele dia... ela me chamará: Meu marido. Nos dias da purificação e o novo noivado, Yahweh será chamado por sua esposa restaurada pelo título

de "meu marido", e não por "meu baal" (meu senhor), pois Ele terá tomado o lugar do perverso Baal. Todos os sinais da lealdade anterior serão anulados. O original hebraico aqui, para "meu marido", é *Ishi,* que alguns traduções transliteram, em vez de traduzir. Outrossim, algumas traduções preferem reter "meu Baal", em vez de traduzir por "meu senhor". Isso posto, *Ishi* e *baal* tornam-se quase termos intercambiáveis. Isso fica claro em II Sam. 11.26. "Quando a esposa de Urias ouviu que seu marido (*ishi*) estava morto, ela lamentou por ele (*baal*). Cf. também Deu. 24.3,4. O nome *baal* tinha más conotações e cairia do vocabulário da dama desviada. O termo *baal* significa apenas "senhor", pelo que muitas referências do Antigo Testamento apresentam esse vocábulo sem que esteja sendo invocada qualquer divindade cananéia. Ver Isa. 54.5; Êxo. 21.22; II Sam. 11.25; Joel 1.18. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Baal,* quanto a detalhes sobre essa divindade e seus cultos multifacetados.

2.17

Da sua boca tirarei os nomes dos Baalins. Em sua renovada lealdade (com a volta ao culto de Yahweh), a dama passará a falar de nova maneira. Os *nomes de Baal* não mais serão ouvidos em sua boca. O vocabulário que uma pessoa usa reflete seu estado mental. A dama deverá ter um novo estado mental, produzido pela verdadeira restauração que nela será efetuada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* que pode ser usado para ilustrar o presente versículo.

2.18

Naquele dia farei a favor dela aliança com as bestas-feras. Estão aqui em vista os animais do campo, os animais selvagens, os pássaros e os répteis que apresentam algum perigo para os seres humanos. Esses animais servem de símbolos do que pode prejudicar o homem ou infundir-lhe medo. Faz parte do resultado da queda no pecado que a própria natureza se tornou hostil ao homem. Algumas feras são fortes o bastante para atacar e matar o homem, o que era um perigo constante na antiga nação de Israel. Os animais que mais freqüentemente se tornavam matadores de homens eram os leões e os ursos e, em terceiro lugar, as cobras, que todos conhecemos. Ver Deu. 7.22; Jó 5.23; Isa. 11.6-9 e Eze. 34.15, que fala do amansamento dos animais por amor ao homem, um ideal da nova era futura. Além disso, há outros animais que, embora não possam matar o homem, estragam as plantações, como as raposas e os insetos. Deus fará um pacto com esses animais, mantendo-os longe do homem e de suas plantações. Israel (a dama desviada) será beneficiada por esse pacto. Além disso, o próprio homem é o maior dos *predadores,* e parte da bênção de Yahweh será estancar as guerras (a espada etc.), dando descanso a Israel de todo o assédio da parte de povos estrangeiros. As guerras, pois, cessarão — uma provisão divina em favor de um povo santo. Ver Isa. 2.4; 9.4,5; Zac. 9.10 e Sal. 46.9. Essas coisas estarão entre os sinais da aprovação de Yahweh à Sua esposa restaurada.

2.19

Desposar-te-ei comigo para sempre. *Um Casamento Permanente.* O noivado entre Deus e Israel seria permanente, quando Israel aprendesse a viver de maneira nova e reta. Haveria nova e duradoura relação, com a obliteração de todas as corrupções do passado. Isso soa como a era do reino, mas talvez o profeta Oséias não estivesse tentando predizer essa era. Antes, ele estava preocupado com uma duradoura restauração em seus próprios dias. O cativeiro assírio teria sido evitado e uma Nova Israel continuaria sob as bênçãos de uma nova maneira de viver. A palavra hebraica aqui traduzida por "desposar" significa "assinalar um novo começo", em contraste com corrigir antigas condições. O noivado é um compromisso, mas, na antiga nação de Israel, um casal de noivos era tratado como se já estivesse casado, o que era considerado resultado inevitável do noivado. Ver Deu. 20.7; 22.23,23. Por ocasião do noivado, um homem já deveria pagar sua parte da aliança para selar o acordo (ver II Sam. 3.14). Esse pagamento era feito em dinheiro, propriedades ou produtos. Yahweh tinha cobrado o Seu preço: a mudança de coração; a mudança de vida; a fidelidade; a retidão. Deveria haver devoção da noiva a seu noivo, com a anulação das antigas lealdades e devoções ao paganismo. Além disso, deveria haver certo grau de obediência ao primeiro e grande mandamento de amar a Deus de todo o coração (ver Deu. 6.5). Sendo esse o caso, o amor de Deus fluiria para Israel, e não haveria fim para os bons resultados desse fenômeno. Aprendemos que a verdadeira prosperidade reside na espiritualidade, e que bênçãos materiais são adicionadas a ela como uma espécie de brinde.

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33)

2.20

Desposar-te-ei comigo em fidelidade. O renovado noivado seria feito no solo da fidelidade, tanto da parte do Marido divino como por parte da dama restaurada. Esse fator tem-se tornado parte integral dos contratos de casamento. O termo hebraico que indica "fidelidade" é *'emunah,* que subentende as idéias de *dependência* e *lealdade constante.* Essas são qualidades espirituais, naturalmente, pois sem a espiritualidade devemos esquecer a questão por inteiro. A palavra hebraica subentende o conceito de imobilidade, como um alicerce firme. Ver o "firmar-se" no pacto (Isa. 56.4,6). A dama, fiel e digna de confiança, virá a *conhecer o Senhor,* o que era impossível enquanto ela se divertia com seus amantes.

Conhecerás ao Senhor. "Conhecer", neste caso, não significa a percepção de um objeto por um sujeito ou observador, mas, antes, o *contato íntimo* e a comunhão que dois associados experimentam quando entre eles existe o verdadeiro amor. A lei será inscrita no coração da dama restaurada e também em sua mente. Essa é a promessa do Novo Pacto (ver Jer. 31.31-34), que corresponde ao quadro do novo casamento retratado em Osé. 2.19,20" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

Favor e Bênçãos (2.21-23)

2.21

Naquele dia eu serei obsequioso, diz o Senhor. Encontramos aqui, essencialmente, as bênçãos materiais que a dama restaurada receberá, por meio da poderosa ação divina. Já tivemos oportunidade de ver que a espiritualidade e as bênçãos espirituais ocupam o primeiro lugar. Daí seguem-se as bênçãos materiais. Habacuque é o autor sacro que tem um ideal superior segundo o qual, mesmo sem as bênçãos físicas, o homem bom regozija-se no Senhor e em Sua salvação (ver Hab. 3.17,18). Essa é uma bênção superior, mas também é excelente ter dinheiro, bens, abundância de vida e os pequenos prazeres legítimos da vida, quando esses prazeres podem fazer parte legítima da experiência do crente. O homem é uma criatura miserável neste mundo hostil, e algumas bênçãos materiais não o prejudicam, contanto que ele retenha razoável visão espiritual das coisas. Este versículo é um tanto obscuro, mas a NCV toca no cerne da questão quando diz: "Falarei aos céus, e eles darão chuvas à terra". Israel era totalmente dependente das bênçãos dos céus literais, e era Yahweh quem controlava os céus. Portanto, o Senhor cuidaria para que houvesse as condições apropriadas de fertilidade (vs. 22). Os vss. 21 e 22 expandem o que fora dito no vs. 15. Já vimos esse tema, igualmente, nos vss. 5, 7 e 8.

2.22

A terra, obsequiosa ao trigo, e ao vinho. Os céus se mostrariam *generosos* com a chuva, e a terra corresponderia com *abundância* dos produtos agrícolas, que são a linha de vida de toda a humanidade. O Senhor sabe que necessitamos dessas coisas e de outras semelhantes (ver Mat. 6.32), pelo que Ele se mostrará generoso na satisfação de nossas necessidades físicas. Os produtos principais são novamente enumerados como símbolos daquelas bênçãos — o trigo, o vinho e o azeite. Ver Osé. 2.8,9.

E estes a Jezreel. O povo de Israel, tendo sido tão abundantemente abençoado, responderá: "Deus planta", ou seja, Ele é a fonte de todas as coisas boas, e não o não-deus pagão, Baal. Yahweh ordenará, e os céus produzirão chuva, e a terra responderá a essa ordem, produzindo com abundância. Então o povo responderá ao processo inteiro dando a Yahweh crédito pelo que tiver recebido. A tradução NCV diz que o povo ordenou a Jezreel (Deus planta), *tendo Yahweh ordenado isso a eles,* em vez de o povo ter apresentado a reação. Mas, seja como for, a bênção é divina, e o povo de Deus é o beneficiado.

2.23

Semearei Israel para mim na terra. Agora lemos que o plantio será de *pessoas:* Deus plantará Seu povo na terra deles, em lugar de permitir-lhes que sejam levados para a Assíria. Ali eles receberão misericórdia, embora antes tenham sido chamados de "NÃO-MEU-POVO". Ver Osé. 1.6 e 9, onde os filhos da esposa-prostituta recebem nomes que indica, essas coisas, a saber, Lo-Ruama e Lo-Ami, tornar-se-ão, respectivamente, Ruama e Ami. Tudo isso é a prometida restauração da desviada nação de Israel. Historicamente falando, porém, isso não aconteceu. A restauração na era do reino cumprirá o ideal, mas é duvidoso que Oséias estivesse olhando para tão longe no futuro. Ele falava *idealmente,* sendo provável que isso pudesse acontecer em seus dias. Ver Rom. 11.26. Em Rom. 9.26, Paulo aplicou as palavras deste versículo aos gentios. Pedro, em I Ped. 1.20, aplica essas palavras aos crentes do Novo Testamento. O *princípio* é o mesmo em todas as passagens: Deus tem poder de restaurar um povo anteriormente desviado. A apostasia pode ser revertida,

bem como qualquer outra degradação humana que tenha furtado a um povo suas bênçãos espirituais.

Capítulo Três

A Redenção da Esposa Adúltera (3.1-5)

O Amor é um Grande Poder. A esposa adúltera (Israel) não era muito amorável nem digna de ser amada. Mas o amor de Deus envolveria Israel, tal como Oséias amava a esposa que dele se separara. Foi da vontade de Yahweh que as coisas acontecessem desse modo. Uma grande lição objetiva estava sendo construída. O povo observaria como o profeta lidara com a esposa desviada e se espelharia nela. Talvez essa lição de amor ajudaria a produzir o arrependimento.

> *Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?*
>
> (Romanos 2.4)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor,* quanto a abundante material que ilustra esta seção.

3.1

Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera. "Vai, demonstra novamente o teu amor por tua esposa. Ela tem tido amantes e tem sido infiel a ti. Mas deves continuar a amá-la da maneira como o Senhor ama o povo de Israel. Isso é verdade, embora os israelitas amem a outros deuses. Eles comem as uvas passas" (NCV).

Os *amantes* eram os deuses de nada, os cultos a Baal, em suas várias manifestações. Ver Osé. 2.13. Yahweh estava tentando desviar Seu povo de todas essas coisas (ver Osé. 2.14). E a "parábola viva" do profeta ajudaria nessa tentativa.

Os bolos de passas. Estão em vista os bolos de uvas passas usados nos sacrifícios oferecidos a Baal. Eram feitos de uvas passas pressionadas e cozinhadas em trigo moído. Esses bolos eram importantes como parte da celebração das festas da vindima, no outono. Ver Isa. 16.7, onde esses bolos são mencionados em relação a Moabe, e ver Jer. 7.18 em conexão com a adoração à rainha do Céu. Certa ocasião, Davi distribuiu tais bolos ao povo (ver II Sam. 6.19). Como é fácil de ver, os povos daquela região do mundo empregavam esses bolos em ritos e celebrações religiosos. *Banquetes* faziam parte desses ritos, e parte desses banquetes consistiam em bolos de passas.

3.2

Comprei-a, pois, para mim por quinze peças de prata. Oséias teve de *comprar de volta* sua esposa, por razões que não são claras. Devemos pensar na *redenção,* e não precisar demais os detalhes da história. A mulher de Oséias tinha se vendido ao pecado e às divindades pagãs. Ela precisou ser comprada de volta, segundo a *parábola* de Oséias, mas de uma maneira que não entendemos, se esse item for entendido literalmente. O preço de um escravo era 30 siclos de prata. Temos aqui 15 siclos de prata, além de certa quantidade de cevada, *lethech,* palavra hebraica desconhecida. Talvez essa quantidade de cevada, mais os 15 siclos de prata, totalizassem os 30 siclos de prata necessários para comprar (ou libertar) um escravo.

Talvez Oséias se tenha divorciado de sua esposa sensual, e então tenha precisado pagar os 30 siclos, para tirá-la de algum templo, onde ela se havia tornado prostituta religiosa. Como ela valia dinheiro para o templo, foi requerida a compensação. Sem dúvida essa foi uma espécie de redenção, mas estamos apenas conjecturando quanto às circunstâncias por trás do vs. 2. Ou talvez a mulher se tenha tornado uma escrava para pagar as dívidas em que havia incorrido e, assim, tenha tido de ser comprada da servidão.

Um sentido do versículo é claro: muito custou a Yahweh libertar a Israel. Seu amor, entretanto, cobriu o preço da redenção. O que o amor *pode fazer* envida o esforço por torná-lo *realidade.* Outro tanto é verdade no tocante à redenção cristã. Para detalhes, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Redenção.* Quanto ao *siclo,* ver o artigo chamado *Dinheiro.* Ver também Êxo. 20.13 e Lev. 27.25.

Se Gômer havia retornado à casa de seus pais depois de divorciada, talvez tudo quanto esteja envolvido aqui seja outra compra de uma esposa, conforme ditavam os costumes orientais. Nesse caso, Oséias teve de pagar duas vezes pela mesma esposa: uma vez pelo primeiro casamento, e então outra vez pelo segundo. Certamente há nisso uma lição espiritual: O amor age com tanta freqüência quantas forem necessárias para transformar uma má situação em uma boa situação. O amor nunca desiste.

3.3

E lhe disse: Tu esperarás por mim muitos dias. *O Período de Teste.* Ou Oséias *redimiu* a mulher (conforme explicado nas notas sobre o vs. 2), ou então a comprou para ser sua esposa. E agora impunha a ela um período de espera: "Deverás esperar por mim por muitos dias". A imposição não era que ela vivesse com ele imediatamente. Ele veria nos dias da separação se ela se manteria fiel, e então se uniria novamente ao marido, em um relacionamento normal de casamento. Em outras palavras: ela estava sob *provação.* Talvez as paixões da mulher se acalmassem, e ela se tornasse uma esposa digna. Caso contrário, não haveria o reinício do casamento. Oséias garantiu que, durante esse tempo de provação, ele se refrearia de toda a atividade sexual. Legalmente, de acordo com a legislação mosaica, ele poderia casar-se de novo, pois o divórcio fora definitivo, ou poderia tomar uma ou mais concubinas, sem ser considerado culpado de nenhuma infração moral. Porém, o texto parece estar dizendo que o profeta entraria em um período de total abstinência, a fim de encorajar sua esposa a aprender a fidelidade. Algumas traduções dizem "viver com" em vez de "esperar por", mas isso é não entender a questão da provação. Ellicott (*in loc.*) está correto ao dizer: "Durante esse tempo, ela devia separar-se de seu amante e também de seu marido". O texto falava sobre uma Israel idólatra-adúltera-apóstata. Talvez Gômer tenha cumprido as exigências de seu marido, mas Israel foi um fracasso total no relacionamento com Yahweh, seu marido espiritual. Foi por isso que o cativeiro assírio prosseguiu, conforme fora planejado.

3.4

Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei. *O Exílio.* Israel foi para o cativeiro assírio e lá sofreu privação das coisas listadas neste versículo. Isso foi um paralelo do período de provação de Gômer. Presume-se que, idealmente, ao sofrer tal privação, Israel teria aprendido a lição, retornando à Palestina como um povo purificado. Esse *ideal,* porém, até hoje não se cumpriu. Contudo, como é evidente, Oséias pensava haver uma chance de que as coisas acontecessem dessa maneira.

1. *Eles não teriam líderes civis.* Israel foi inteiramente dominado pelos poderes da Assíria. Não restou nação de Israel, e não havia possibilidade de que algum tipo de governo fosse formado naquele lugar estrangeiro. Dessa maneira, Israel perdeu a sua nacionalidade.
2. *Também não havia sacrifícios,* nem a Yahweh nem a deuses estrangeiros. É verdade que os sacrifícios de Israel tinham sido contaminados, pelo que houve ou sincretismo doentio ou franco paganismo: sacrifícios prestados a ídolos. Por algum tempo, Israel seria privado de qualquer atividade religiosa formal. Talvez essa privação fosse saudável, fazendo o povo de Israel relembrar o que havia perdido, por causa de sua insensatez.
3. *Não haveria coluna,* ou seja, uma pedra posta de pé, originalmente considerada residência de algum deus, ou local de onde algum deus poderia comunicar-se com seus adoradores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Aserá,* no verbete *Deuses Falsos,* III.4. Ver as notas expositivas sobre os *Aserins,* em I Reis 14.15. Ver Êxo. 34.13; Deu. 7.5; 12.3, quanto ao mandamento de que tais objetos pagãos fossem destruídos. Ver Gên. 31.45 quanto às *colunas.*
4. *Também não haveria estola sacerdotal.* Essa era uma peça do vestuário usada pelos deuses e pelos sacerdotes no antigo Oriente Próximo e Médio, que tinha sua contrapartida no vestuário dos sacerdotes de Israel. Era uma espécie de blusão apertado e sem mangas. Provavelmente tinha bolsos para levar as pedras sagradas usadas nas adivinhações. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Estola,* seção *Sacerdotes, Vestimentas dos, 1. o peitoral.*
5. *Também não haveria ídolos do lar,* ou seja, imagens portáteis, deuses domésticos. Ver sobre *Serafins (Terafins)* no *Dicionário,* quanto a detalhes.

A ausência dessas coisas na vida diária deixaria Israel isolada de sua própria cultura, bem como da cultura tomada por empréstimo dos pagãos. Talvez esse isolamento curaria sua enfermidade moral e espiritual. Mas, conforme as coisas aconteceram, nada disso funcionou.

3.5

Depois tornarão os filhos de Israel. Era de esperar que, após esse período de provação disciplinadora, Israel teria permissão para voltar correndo na direção de Yahweh a fim de ser restaurada. Então algum rei da linhagem de Davi tomaria conta do governo civil e haveria renovação do "temor do Senhor", termo que, nas páginas do Antigo Testamento, indica a espiritualidade geral baseada na legislação mosaica. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor,* e também o artigo intitulado *Temor do Senhor,* em Sal. 119.38 e Pro. 1.7.

Nos últimos dias. Poderíamos ter aqui uma referência escatológica apontando para os "últimos dias" (ver a respeito no *Dicionário*), quando o reino de Deus for estabelecido na terra. No entanto, o profeta Oséias esperava uma restauração relativamente breve do cativeiro assírio, pelo que não olhava tão longe no futuro. Não faria sentido o profeta falar em uma distante era do Reino como

recompensa para quem aprendesse a lição espiritual do cativeiro assírio. Mas, tendo visto essa esperança fracassar, é natural falar no cumprimento dessa predição na distante era do Reino. *Contudo dificilmente esse era o tema sobre o qual* Oséias falava.

Capítulo Quatro

A Infidelidade de Israel a Yahweh (4.1 – 13.16)

Infidelidade Espiritual (4.1 – 7.7)

Efraim Estava Ligado aos Ídolos (4.1-19)

A Controvérsia do Senhor com Seu Povo (4.1-3)

Temos aqui a descrição de uma longa controvérsia de Yahweh com a nação idólatra-adúltera-apostatada de Israel. Cf. Osé. 2.2. As bases desta controvérsia são descritas em termos vívidos e sem compromissos. Não há aqui nenhuma diplomacia fácil. "A mensagem principal e o significado são perfeitamente claros. A controvérsia que Deus tinha com o Seu povo girava em torno da sua condição moral. O profeta descrevia uma nação que tinha entrado em colapso moral. Não havia em Israel nem verdade nem misericórdia. Pelo contrário, mentir, matar e roubar eram os verbos do dia. É significativo que as preocupações do profeta não eram econômicas nem políticas. Ele queria que compreendêssemos que o fracasso moral é a fonte primária do colapso de uma nação" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

4.1,2

Ouvi a palavra do Senhor, vós, filhos de Israel. A mensagem veio ao profeta da parte de Yahweh, o que a tornava tanto autêntica quanto autoritativa. Cf. Osé. 1.1,2. Ver no *Dicionário* os artigos *Inspiração* e *Revelação.* Essa palavra produziu uma disputa com Israel, por causa dos valores morais quando a verdade, a misericórdia e o conhecimento de Deus tinham desaparecido da terra. Em outras palavras, tudo quanto era representado pela lei mosaica tinha sido desprezado, e o paganismo havia enchido a terra com corrupção. Israel não era mais uma *nação distinta,* como quando possuía e aplicava a lei de Moisés (ver Deu. 4.4-8). Israel seguia apenas outro sincretismo idólatra. "Abertamente eles desobedeciam ao Decálogo, o que servia de epítome do *ideal* de Deus quanto à sociedade israelita. A violação de cinco dos Dez Mandamentos foi especificamente mencionada: maldição, mentira (cf. Osé. 7.1 e 12.1), assassinato, furto e adultério (mandamentos terceiro, nono, sexto, oitavo e sétimo, nessa ordem). As *maldições* não se referem a uma linguagem imprópria, mas em imprecar contra outrem (cf. Jó 31.30). Essas imprecações estavam envolvidas no uso leviano do nome divino, pelo que eram uma violação do terceiro mandamento (ver Êxo. 20.7; Deu. 5.11). Quanto ao exemplo de uma maldição justificada, em nome do Senhor, ver Núm. 5.19-23" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). A observância da lei prometia *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). Mas Israel se encaminhava rapidamente para a morte nacional. A lei mosaica era o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), mas Israel estava sendo desviada pelo caos e pela destruição, e haveria de enfrentar temível colheita. Israel tinha perdido seus postes demarcadores.

O *conhecimento experimental* de Deus, em um andar diário e espiritual como Senhor, tinha cedido lugar ao aprendizado dos caminhos dos deuses de nada, como Baal. O conhecimento de Deus vinha através da lei, pois era ali que Ele revelava Sua mente. Além disso, havia as experiências místicas, que o profeta sempre recebia em suas visões. Mas essas experiências estavam inteiramente fora do alcance daquele povo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Cf. este versículo com Amós 2.6-8 e Miq. 7.2-8. Ver sobre a violência histórica em II Reis 15.8-16,26; Miq. 7.2. O Targum comenta corretamente: "Eles acrescentavam pecados a seus pecados".

4.3

Por isso a terra está de luto. A *Controvérsia Era de Deus.* Isso não deve ser confundido com o caso em que o mero homem está envolvido. Israel enfrentava grandes dificuldades para responder às acusações divinas, conforme o versículo seguinte passará a demonstrar. Tudo na terra de Israel terminaria lamentando e ferindo, incluindo os animais do campo, os pássaros do ar e os peixes do mar. A terra ressecava-se; as pessoas morriam; todos aqueles animais selvagens caminhavam para a extinção, conforme a maldição de Deus se espalhava por toda a parte. A idolatria-adultério-apostasia de Israel estava levando a nação à morte universal. A corrupção universal era culpada de tudo, pelo que a própria natureza estava revoltando-se contra todos os seres vivos, como quando o dilúvio viera como julgamento divino. Ver Gên. 6.5. A fome e a seca foram preliminares do ataque da Assíria. Cf. este versículo com Lev. 26.19 e Deu. 28.23,24. Muitas maldições fariam um trabalho completo de destruição.

Sacerdotes e Povo Eram Igualmente Corruptos (4.4-15)

4.4

Todavia, ninguém contenda, ninguém repreenda. Os sacerdotes não eram exceções à corrupção geral. Eles não podiam acusar o povo, mas o povo tinha abundância de razões para acusá-los. Por outra parte, os israelitas eram espertos na corrupção, de maneira inteiramente à parte da influência maléfica dos sacerdotes. Seja como for, *somente Deus* era o verdadeiro acusador. Ele já havia enviado julgamentos severos e preliminares, como a seca e a fome. E muito mais ainda haveria de acontecer. Os líderes civis e religiosos nada faziam para interromper a iniqüidade que tinha tomado conta de todas as coisas, e, por isso, eram os grandes culpados pela situação. Por outra parte, não havia pessoas inocentes na terra de Israel. Todos corriam para sua própria destruição. De coração endurecido, negavam todas as acusações feitas contra eles, pois eram uma lei aos seus próprios olhos.

4.5

Por isso tropeçarás de dia. *Os sacerdotes e os profetas* tropeçavam ao longo do caminho, os sacerdotes de dia e os profetas à noite. Os sacerdotes oficiavam de dia, e os profetas tinham seus alegados sonhos e visões à noite. Ambos os "ministérios" tornaram-se mal orientados, e ambos levavam a tropeços, ou seja, à queda na desgraça, sob o juízo de Yahweh. O julgamento divino os estava destruindo e também destruiria a "mãe", ou seja, Israel. O ato de "tropeçar" refere-se a eles como homens cegos, que caíam em incontáveis pecados e julgamentos subseqüentes, por meio da corrupção moral. Cf. Osé. 14.1; Isa. 3.8; Jer. 18.15 e Mal. 2.8. Havia uma queda generalizada na nação. Ver Osé. 5.5; Isa. 8.15; 28.13; 31.3; Jer. 6.21; 8.12 e 20.11.

4.6

O meu povo está sendo destruído. A população geral de Israel estava sendo destruída e seria totalmente aniquilada, finalmente, por causa da falta de conhecimento acerca de Yahweh e de seus caminhos, conhecimento que vem aos homens através da lei de Moisés. Ver os vss. 1 e 2. Os próprios sacerdotes, que eram intérpretes da lei, tinham-se recusado a aprender a legislação mosaica. Por isso, Yahweh os rejeitara. Eles não eram mais dignos do sacerdócio. Eles tinham esquecido os ensinos da lei, pelo que também foram esquecidos por Yahweh. Além disso, aqueles que deveriam estar sendo ensinados por eles, e se mantinham em estado constante de rebelião, foram rejeitados. Haveria uma queda generalizada quando os assírios varressem de Israel todas as coisas. O termo hebraico aqui usado é *torah* ("lei", com o sentido de ensino, orientação, bem como o corpo geral de leis e ordenanças que tornavam Israel um povo distintivo, ver Deu. 4.4-8). Note o leitor a repetição das palavras horrendas: *destruído... rejeitaste... te rejeitarei... te esqueceste... me esquecerei:* a punição de Israel obliteraria os crimes desse povo. "Os sacerdotes que Jeroboão levantou eram os homens mais vis entre o povo, homens ignorantes e iletrados (I Reis 12.31; 13.33). Eles rejeitaram, com desprezo, o conhecimento de Deus e de todas as realidades divinas" (John Gill, *in loc.*). "A ignorância deles era propositada" (Fausset, *in loc.*).

4.7

Quanto mais estes se multiplicaram, tanto mais contra mim pecaram. Conforme o número da casta sacerdotal aumentava, deu-se um desenvolvimento correspondente de toda a espécie de pecados e crimes, o contrário do que alguém poderia esperar. Mas quando nos damos conta de que eles eram os líderes da apostasia geral, então deixamos de nos maravilhar ante o fenômeno. Aqueles sacerdotes não mereciam ser honrados. Portanto, seriam envergonhados, em vez de receber sua honra abusada. O Targum e o siríaco traduzem aqui: "Eles mudaram sua glória em vergonha". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Algumas vezes, as versões mostram-se corretas contra o texto massorético padronizado, conforme os Papiros do Mar Morto têm demonstrado de forma convincente. Devemos relembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos hebraicos mais antigos do que os que estiveram por trás do texto hebraico padronizado, conforme o temos atualmente. Talvez o texto sagrado tenha perdido cerca de 5% do original, que as versões antigas ajudam a restaurar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que presta informações gerais e específicas sobre como foram escolhidos os textos corretos, quando apareciam variantes.

4.8

Alimentam-se do pecado do meu povo. Para o pecador, o pecado é algo deleitoso, pelo que os homens ímpios e desvairados dele se *alimentam.* O pecado é fonte de prazer para os pecadores, da qual terminam "desfrutando" em toda a ocasião possível. Aqui a liderança religiosa é representada como quem se alimentava dos pecados do povo, derivando deles toda a espécie de aprazimento.

... os que tais cousas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

(Romanos 1.32)

A tradução NCV diz que os sacerdotes "sobreviviam das ofertas pelo pecado oferecidas pelo povo". Essa era a sua fonte de sustento, pelo que, quanto mais pecados houvesse, maior seria o sustento. Os sacerdotes tornaram-se gananciosos de ver mais iniqüidades, para que as oferendas e seus prazeres aumentassem. Quanto às *oito porções* dos sacrifícios que pertenciam aos sacerdotes, ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18. O motivo subjacente de seu corrupto serviço sacerdotal não era o perdão dos pecados, mas a ganância por mais bens. "Por outro lado, as palavras podem ter um significado menos específico do que os sacerdotes tinham apetite pela culpa humana e se alegravam ferozmente na iniqüidade" (John Mauchline, *in loc.*).

4.9

Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote. Os sacerdotes e o povo de Israel estavam ligados uns aos outros na mesma corrupção condenadora, e ambos tiveram de ser castigados por esse motivo. Yahweh lhes daria um salário amargo por aquilo que estavam fazendo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* "O pecado tinha infeccionado a todos: tal como é o sacerdote, assim é o povo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 7-14).

"Eu lhes pagarei na própria moeda deles, Pro. (?)" (Fausset, *in loc.*). "O comer o pecado, por parte do povo, deixaria os sacerdotes famintos, e a licenciosidade deles os deixaria sem filhos" (Ellicott, *in loc.,* antecipando a mensagem do versículo seguinte).

4.10

Comerão, mas não se fartarão. O ato de comer os pecados com tanto afã (ver como isso era feito, nas notas sobre o vs. 8) deixaria os israelitas com fome. Aquele prazer terminaria em insatisfação. A conduta deles implicava *adultério espiritual,* e isso não produziria descendência alguma. Eles tinham esquecido o Senhor dos verdadeiros prazeres e o Pai que faz aumentar os bens. Antes, amavam à prostituição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria,* que é referida como um adultério espiritual. As formas de idolatria adotadas na nação de Israel incluíam o adultério literal dos cultos de Baal, que tinham ritos abundantes de fertilidade e prostituição sagrada. Tais condições influenciaram a escolha de palavras deste versículo. "Eles teriam relações sexuais com as prostitutas, mas não teriam filhos. Isso porque tinham abandonado o Senhor" (NCV). Ver o vs. 13, a seguir, que mostra estar em vista a prostituição literal, e não meramente a prostituição espiritual. Ver também Deu. 28.18. Cf. este versículo com Miq. 6.14 e Ageu 1.6. Este versículo pode incluir uma ameaça literal de que eles ficariam estéreis. Nem suas esposas nem suas concubinas engravidariam. Isso fazia parte do julgamento divino.

4.11

A sensualidade, o vinho e o mosto tiram entendimento. Seus sacrifícios eram acompanhados com alegres danças e ingestão de vinho, e o vs. 13 mostra que mulheres também faziam parte do entretenimento. Mediante tais corrupções, o coração deles foi arrebatado. Eles perderam o contato com o que era apropriado e caíram em pecados graves. Suas orgias licenciosas tornaram o sistema de sacrifícios uma blasfêmia profana. Os propósitos originais se perderam. Temos aqui em vista os excessos praticados nos dias festivos dos santuários de Baal. A indulgência física era a regra do jogo, e não o rito espiritual. Eles perderam a discrição espiritual e a compreensão, transformando-se em animais sensuais. Suas práticas "obscureceram-lhes a compreensão, depravados em seu julgamento, pervertidos em sua vontade e aviltados em todas as suas paixões" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.12

O meu povo consulta o seu pedaço de pau. Temos aqui a descrição da volta ridícula de Israel a todas as formas de idolatria. Eles inquiriam humildes imagens, feitas de madeira! Usavam seus cajados como lugares de consulta, esperando obter oráculos desses objetos. Adultérios literais e espirituais os tinham conduzido a uma miserável condição espiritual. "Agora eles praticavam *rabdomancia,* procurando orientação da parte da madeira morta, e não do Deus vivo. Eles buscavam ajuda de suas bengalas e seus terafins (deuses domésticos), e não da parte de líderes religiosos inspirados" (John Mauchline, *in loc.*).

A questão da *vara* pode referir-se às adivinhações por meio de cajados (no grego, *rabdomanteia*). Essas varas eram colocadas na posição vertical e, após a repetição de encantamentos, tinham permissão de cair. A maneira como caíam, presumia-se, tinha valor na solução de problemas ou na predição do futuro. Os árabes tinham uma maneira simples de adivinhação por meio de varas. Eles usavam somente duas varas, uma delas marcada "Deus ordena", e a outra marcada "Deus proíbe". Uma vara era retirada ao acaso, e a resposta era assim obtida, porquanto se pensava que o poder divino controlava o que, como é evidente, não passava de chance. Além disso, havia a prática estúpida de adorar no topo do próprio cajado, como se fosse um minúsculo santuário e, nessa adoração e contemplação, eles alegadamente obtinham a luz.

4.13

Sacrificam sobre o cume dos montes. A idolatria tornou-se tão generalizada que toda a coisa verdejante, como uma árvore ou um arbusto, era local apropriado para ali colocar um ídolo e buscar o "favor divino". As colinas eram lugares favoritos para tais práticas, porque, segundo se alegava, ficavam mais próximas dos deuses. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos,* quanto a essas práticas. A prática de sacrificar em tais lugares, e sob "árvores sagradas", como os álamos, os olmos e os carvalhos, era muito antiga, anterior à lei de Moisés. Voltar a modos assim primitivos de adoração anulava tudo quanto era defendido pela legislação mosaica. O *incenso* (ver a respeito no *Dicionário*) era queimado como símbolo da oração e de petições feitas aos deuses. A lei de Moisés tinha revelado o Pai universal, mas aquelas formas de expressão religiosa remetiam às alegadas forças sombrias da natureza e dos deuses de nada, invisíveis. Ver II Reis 17.10,11. Árvores particulares eram sagradas para deuses específicos; Virgílio afirmou que o carvalho era a árvore sagrada de Júpiter (*Georgic.* 1.3). Os druidas da Inglaterra adoravam diante de um carvalho. Cf. este versículo com Eze. 6.13.

Ademais, a adoração era efetuada em meio ao deboche, à prostituição literal, algumas vezes sobre uma base individual e, outras, como parte da prostituição sagrada. Até mesmo mulheres noivas e casadas envolviam-se no deboche geral. As penas impostas contra esses crimes eram severas sob a lei mosaica, mas na prática pagã eram coisas dignas de louvor, e essas mulheres sensuais eram louvadas pela comunidade "religiosa". Muito sexo era praticado nos santuários de Baal e dos templos, e muitas mulheres hebréias caíam nessa armadilha. A fertilidade humana era um dos alvos em vista, mas também havia a simples questão de obter vantagens próprias para o templo ou para o santuário, mediante a "cobrança pelos serviços prestados". A questão inteira caíra em grosseira indulgência física (ver Deu. 23.18).

4.14

Não castigarei vossas filhas, que se prostituem. Encontramos aqui a estranha afirmação de que Yahweh olharia em outra direção e não puniria aquelas mulheres insensatas (noivas e esposas) pelo que elas estavam fazendo (descrito nas notas sobre o vs. 13), sob a alegação de que os homens eram tão ruins quanto elas. Ambos mantinham ativo o negócio da prostituição cultual. A lei requeria a morte por apedrejamento para os adúlteros (ver Êxo. 20.14; Lev. 20.1 ss.). Mas essa pena usual foi suspensa porque os homens se faziam tão culpados quanto as mulheres. Não obstante, um julgamento geral rapidamente se aproximava do povo de Israel. Todos deveriam *cair* juntos, com punições da lei mosaica ou não. A nação inteira estava morrendo. O povo, de modo geral, havia perdido toda a compreensão espiritual e agia como pagãos nos santuários de Baal (ver Deu. 23.17,18; I Reis 14.24). Eles professavam estar garantindo a fertilidade das fêmeas (humanas ou de animais), bem como a fertilidade da terra, mas a verdade é que eram apenas um povo debochado, que passara a amar a mistura da religiosidade com o sexo ilícito.

4.15

Ainda que tu, o Israel, queres prostituir-te... não se faça culpado Judá. *Judá* ainda não estava tão corrompido quanto a nação do norte, e assim é advertido a não se envolver nos pecados de Israel. Mas chegaria a vez de Judá, que se tornaria tão iníquo quanto Israel, embora isso ainda estivesse a mais de cem anos de distância. Pessoas de Judá habitualmente visitavam sítios cúlticos de Israel, como Gilgal (ver Osé. 9.15) e Bete-Áven. As ordens emanadas de Yahweh foram: 1. Não ides àqueles lugares; 2. Não vos envolvais em juramentos feitos no nome de divindades pagãs; 3. mantende-vos separados dessas práticas contaminadoras. Os filhos de Israel chegaram a usar os nomes divinos do Deus de Israel ao praticar seus ritos horrendos. Dessa maneira, misturavam o yahwismo e o paganismo em um sincretismo doentio.

Gilgal (ver a respeito no *Dicionário*). Esta cidade foi usada, por tempo considerável, como quartel-general das tribos invasoras de Israel, nos tempos de Josué. Nos dias de Samuel, adquiriu alguma importância como lugar de adoração sacrificial e dispensação de justiça. O texto presente implica sua contínua importância como lugar de adoração, mas que fora completamente paganizado.

Bete-Áven. Este locativo significa "casa da idolatria" ou "casa da iniqüidade", sendo provavelmente um nome condenatório para *Betel* (cf. Osé. 5.18 e 10.4; ver também Amós 5.5). Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Bete-Áven,* quanto a detalhes.

Israel, Novilha Teimosa (4.16)

4.16

Como vaca rebelde se rebelou Israel. O povo de Israel deixou de ser influenciado pela instrução bíblica e tornou-se difícil de lidar, como um animal rebelde que não aceita o jugo nem controle externo. Israel era *rebelde... rebelde* em seus maus caminhos. Yahweh não mais podia alimentá-los e cuidar deles, como faria com as ovelhas de Seu rebanho. Simplesmente eles estavam fora de controle. "Eram intratáveis como uma novilha ou um novilho não amansado, que fica recuando em lugar de puxar o jugo para a frente" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Deu. 21.18-21 e Jer. 7.24. O trecho de Zac. 7.11 tem algo similar. Aquelas ovelhas (usando outra figura simbólica) seriam levadas ao deserto, onde não havia alimentos, mas leões, ursos e lobos para devorá-las. A segunda parte do versículo não contém melhores promessas sobre o provir. Note o leitor que a segunda parte do versículo é uma pergunta: "Será que o Senhor o apascenta como a um cordeiro em vasta campina?". A resposta óbvia é negativa: Não! A condenação estava às portas. O desastre deveria dominar aquele povo rebelde.

A Idolatria de Efraim e Seus Efeitos (4.17-19)

4.17

Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo. Efraim tornou-se a tribo mais poderosa do norte, pelo que esse nome pode representar toda a nação do norte. Efraim é mencionado 36 no livro de Oséias nesse sentido representativo. Cf. Osé. 5.3,5; Isa. 7.2,5,8,9,17. O país inteiro se apegara de tal modo à idolatria que poderíamos chamar essa tendência de idolatria de Israel. Ao falar em Israel, já estamos falando em idolatria. Israel e a idolatria tornaram-se gêmeos siameses, inseparáveis; e a separação mataria aquilo em que Efraim se tinha transformado. A nação do norte, tão absolutamente corrompida, devia ser *deixada sozinha*. Não mais merecia os cuidados de Yahweh. Devia ser abandonada. Eles tinham feito sua escolha, portanto "é deixá-los" (NCV), ou seja, a escolha que tinham feito os levaria à condenação, e que ninguém tentasse impedir tal resultado. Eles colheriam o que haviam semeado (ver Gál. 6.7,8). Alguns intérpretes pensam que a idéia do vs. 15 é transportada para este versículo. Judá foi ordenado a deixar o norte em paz, permanecendo distante, sem se envolver, para evitar a contaminação. Entrementes, Yahweh também se manteria distante, permitindo que Israel obtivesse merecida condenação. "Que ele colhesse os frutos de sua escolha perversa: seu caso era desesperador" (Fausset, *in loc.*).

4.18

Tendo acabado de beber, eles se entregaram à prostituição. Sempre embriagados, eles estavam continuamente envolvidos em seus adultérios, presentes nos santuários de Baal, corrompendo as mulheres insensatas que freqüentavam aqueles lugares. Eles fizeram dessa atividade a principal atividade de sua vida, *amando mais essa vergonha* do que qualquer glória que poderiam ter, através de alguma outra atividade.

> *O destino deles é a perdição; o deus deles é o ventre; e a glória deles está na sua infâmia.*
>
> (Filipenses 3.19)

Diz o Targum: "Eles se voltaram para a fornicação à qual amavam. Isso trouxe vergonha sobre eles". Esses réprobos amaram sua vergonha e nunca perderam a oportunidade de praticar seus ritos aviltados.

4.19

O vento os envolveu nas suas asas. Aqui o vento é o sopro devastador de Yahweh. O vento tinha envolvido aqueles ímpios em seu temível abraço, e em breve sopraria sobre eles o cativeiro assírio, isto é, os poucos sobreviventes seriam escravizados. Naquele tempo, eles se envergonhariam do deboche de seus altares, que lhes tinha causado tantas dores. Os altares vergonhosos, que se tornaram a razão da existência da nação do norte, em breve se tornaria a razão de sua morte. Sua vergonha, como se fosse Frankstein, veio para aterrorizá-los. É isso que acontece quando os homens amam a Baal e abandonam a Yahweh. As pessoas têm de conviver com suas más escolhas, e então devem morrer com elas. O violento conquistador, como se fosse um tufão de vento, haveria de varrê-los para o esquecimento, por ordens de Yahweh, visto que a nação inteira se transformara em palha.

"O vento tempestuoso apanhou-o em suas asas e carregou-o como se fosse um enxame de insetos ou como um pássaro perplexo" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Cinco

A Traição de Efraim (5.1-7)

Acusação contra os Líderes de Israel (5.1,2)

Os vss. 1-14 anunciam o julgamento da nação do norte, Israel, que é o alvo do ataque de toda esta seção. Judá, que havia sido advertida a manter-se longe da nação do norte, a fim de evitar a contaminação (ver Osé. 4.15), não obedeceu à palavra divina, pelo que foi levada para dentro do escopo dos juízos divinos (cf. Osé. 5.5,8,10,13,14). Com a passagem do tempo, entretanto, Judá se tornaria tão ruim quando Israel e teria de enfrentar seu próprio cativeiro (o babilônico).

"O profeta agora dirigiu-se mais definidamente aos sacerdotes e à casa real de Israel, no começo do reinado de Peca" (Ellicott, *in loc.*).

"Homens de todas as classes, em Israel, foram convocados a atender às acusações feitas contra eles, e a compreender as sentenças que contra eles pesavam. A acusação foi exibida: eles eram culpados de enlear homens" (John Gill, *in loc.*). Homens corruptos sempre se deleitam em corromper seus semelhantes, tornando-os mais filhos do inferno do que eles mesmos são (ver Mat. 23.15). Uma das coisas mais fáceis que existem é corromper um ser humano, cuja alma tem sede exatamente disso.

5.1

Ouvi isto, ó sacerdotes, escutai, ó casa de Israel. A acusação, aqui, foi lançada contra toda a nação, como é óbvio, mas a liderança de Israel foi seu primeiro alvo. Em outras palavras, a mensagem foi dirigida aos sacerdotes e à casa do rei, a liderança religiosa e civil. Mas a "casa de Israel" não era menos culpada que seus líderes. O julgamento divino pesava sobre todos: "Todos vós sereis julgados" (NCV). A culpa foi agravada pelo fato de ter-se espalhado entre os outros, como *armadilhas* que os prenderam. Uma dessas armadilhas foi posta em Mispa. A referência provável é ao santuário ali localizado, que se tornou paganizado. Cf. Juí. 10.17; 11.11,29,34. Ficava no lado oriental do rio Jordão e servia à Transjordânia. Também havia *Tabor,* outra armadilha, na extremidade oriental da planície de Jezreel. Essa era a cena da convocação do exército de Israel, sob Baraque e Débora (ver Juí. 4.6). Talvez Deu. 33.19 também faça referência a um santuário especial ali, que, no tempo de Oséias, era um centro de adoração sincretista, uma forma degradada do antigo estilo de adoração misturado com uma *modernização* doentia. Obtemos daí a idéia de locais de cultos pagãos estrategicamente situados que fascinaram toda a nação de Israel. "Mispa, ou a cidade na Transjordânia (Juí. 10.17) ou a norte de Jerusalém (I Sam. 7.5)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). Ver sobre esses lugares no *Dicionário.*

"Esses lugares são destacados como fortalezas militares, onde os príncipes e a casa real, com os sacerdotes apostatados, exerciam domínio mortífero sobre o povo, atocaiando-os como pássaros e animais que prendiam na armadilha... Cf. Osé. 6.8,9" (Ellicott, *in loc.*).

5.2

Na prática de excessos vos aprofundastes. Os rebeldes se fortaleceram a fim de impor abusos sociais e religiosos, chegando a cometer crimes de sangue. O original hebraico deste versículo é um tanto obscuro. A Revised Standard Version conjectura que devemos compreender outra metáfora de caça, suprindo a *cova* (outro método de prender animais infelizes) e pondo essa cova em *Sitim,* onde, ao que parece, havia um santuário dedicado ao deus Baal Peor (ver Núm. 25.1 e Jos. 2.1,31.). O santuário ali servia de outra armadilha para prender um povo infeliz.

Uma compreensão possível da segunda parte deste versículo é fazer de Yahweh o Repreendedor, prestes a aplicar Sua punição disciplinadora. Ele estava a ponto de castigar, conforme também já tinha feito no passado, sem nenhum resultado prático. A reforma nunca ocorreu.

Uma Ninhada de Filhos Estranhos (5.3-7)

5.3

Conheço a Efraim, e Israel não me está oculto. Efraim era a maior e mais poderosa tribo de Israel no momento, pelo que esse nome é usado para falar de toda a nação de Israel. O nome dessa tribo é usado 36 vezes no livro de Oséias. Aqui essa tribo é destacada e gravemente condenada, mas toda a nação de Israel deve sofrer sua parte. Ou devemos compreender aqui certo paralelismo: Efraim é Israel nesta parte do livro. O que eles fizeram e continuavam fazendo não podia ser ocultado. Yahweh estava consciente de sua idolatria-adultério-apostasia. Eles tinham agido como prostitutas, espiritual e literalmente. Ver Osé. 4.13,14. A idolatria é um adultério, e essa forma espiritual de adultério fazia-se acompanhar do adultério literal. Toda a nação de Israel fora contaminada pelos cultos de Baal que

ofereciam ritos de fertilidade imorais como parte importante da "adoração". Os primeiros capítulos deste livro ilustram extensivamente a situação com Gômer.

"A nação se *corrompera* (no hebraico, *tama,* estar imundo ou contaminado) através do adultério espiritual (cf. Osé. 6.10). Esse fraseado provavelmente se baseou em Núm. 5.20,27,28, onde a mesma palavra descreve os efeitos do adultério sobre a parte infiel (cf. Lev. 18.20,24)" (Robert B. Chisholm, Jer., *in loc.*).

A *onisciência* de Deus (ver a respeito no *Dicionário*) garantia a aplicação do julgamento apropriado. As coisas efetuadas tanto publicamente como em oculto farão parte do catálogo divino dos pecados que exigem retribuição apropriada, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também o verbete chamado *Atributos de Deus.*

5.4

O seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus. Israel se corrompeu tão totalmente que perdeu toda habilidade de arrepender-se. Nem mesmo o mais severo castigo exerceu efeito sobre a nação. A corrupção consistente torna um homem tão depravado que ele se torna incapazes de sair, de moto próprio, da armadilha em que está metido. Os israelitas tinham forjado uma corrente em torno de si mesmos, com o mal que praticavam. Eles se tornaram maus e assim permaneceriam. Aqui vemos que o adultério espiritual e literal tinha-se tornado parte da própria alma e mente de Israel. Nesse processo, eles perderam todo o contato com Yahweh. De fato, não O *conheciam* mais. Portanto, Sua influência para o bem se perdera até onde eles estavam envolvidos. "A volta para Deus era agora uma impossibilidade para Israel. Eles se mostraram tão infiéis para com Ele que deixaram de conhecê-Lo. Por conseguinte, não sentiam nenhum impulso interior ou necessidade de uma volta espiritual para o Senhor... essa é a *escravidão do pecado:* Sal. 95.8; Isa. 55.6; Jer. 18.13-16" (John Mauchline, *in loc.*). Este versículo fala de *total depravação* adquirida, baseada em uma alma já corrompida. "... o espírito imundo que os impelia e os empurrava para cometer prostituição corpórea e espiritual... *o espírito do erro que os levava a errar,* conforme diz o Targum" (John Gill, *in loc.*). O conhecimento de Deus é a fonte da vida. Tendo repelido esse conhecimento, eles agora praticavam as coisas próprias da morte.

5.5

A soberba de Israel abertamente o acusa. Embora a nação de Israel estivesse totalmente depravada e devesse envergonhar-se, era o contrário o que acontecia. Eles retinham o orgulho como um princípio de pecado, e devemos compreender que se jactavam de seu estado corrupto. Eles estavam podres e se ufanavam disso, algo comum a pecadores especialmente aviltados. Esse orgulho pecaminoso com certeza os faria tropeçar fatalmente, ou seja, eles seriam esmagados sob o juízo de Deus, administrado pela invasão assíria e pelo subseqüente cativeiro dos poucos sobreviventes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho.* Ver o orgulho e a humildade contrastados em Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4 e 30.12,32.

Judá já havia começado a palmilhar a mesma senda, e seu fim seria idêntico ao de Israel, conforme demonstrado pelas profecias de Jeremias e Ezequiel, e confirmado pela história no cativeiro babilônico. As descrições dos pecados de Judá, naqueles livros, são surpreendentemente similares às descrições em Oséias dos pecados de Israel.

A linguagem aqui usada é legal. Testemunhas adiantaram-se para condenar Israel. Quais testemunhas especiais deveriam aparecer para testificar contra a arrogância de Israel? Cf. I Sam. 12.3 e II Sam. 1.16.

A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

5.6

Estes irão com os seus rebanhos e o seu gado à procura do Senhor. Quando a crise viesse e se tornasse evidente que os deuses nada não podiam fazer, Israel correria com seus sacrifícios de animais ao culto de Yahweh, mas somente para descobrir que Ele os havia abandonado definitivamente. Os sacrifícios não seriam capazes de compensar as qualidades espirituais que são derivadas por meio da lei (ver Osé. 4.1,2). "Os vãos esforços para arrepender-se teriam chegado tarde demais" (Ellicott, *in loc.).* Cf. este versículo com Pro. 1.28 e João 7.34.

5.7

Aleivosamente se houveram contra o Senhor. Podem estar em foco os filhos adulterinos nascidos das orgias de Baal, ou os filhos que tinham sido criados como pagãos, ou seja, jamais treinados no yahwismo puro. Os filhos dos israelitas eram estranhos para Yahweh. Em vez de as festividades religiosas ajudarem àquela nova geração (sendo essas festividades parte do culto a Yahweh), visto que tudo era uma farsa, somente apressariam o dia do julgamento divino. Em vez de "lua nova", a tradução NCV diz *falsa adoração,* falando da totalidade do culto hipócrita que fazia parte dessa adoração. Note o leitor a palavra "aleivosamente", ou seja, "infielmente". O contrato de casamento de Yahweh com sua esposa, Israel, havia sido rompido, tal como ocorrera ao casamento de Oséias e Gômer. "Filhos bastardos" tinham nascido nas orgias dedicadas a Baal. A história inteira era má; o resultado só poderia ser desastroso. "... filhos cujo nascimento era atribuído a atos sexuais cúlticos" (cf. Osé. 4.13-15).

Guerra entre Efraim e Judá (5.8 – 6.6)

Yahweh como Leão Devorador (5.8 – 14)

5.8

Tocai a trombeta em Gibeá, e em Ramá tocai a rebate! "Este e o próximo versículo devem ser considerados em conjunto. Descrevem a ocasião em que Efraim (o reino do norte) foi ameaçado pela invasão e o alarma soou para que se reunissem todas as forças disponíveis a fim de enfrentar a emergência. As cidades mencionadas neste versículo ficavam no território de Benjamim, próximas a Jerusalém, ou seja, no reino do sul. Gibeá e Ramá situavam-se no alto de colinas, o que as tornava apropriadas para dar aviso. Betel não ficava em uma colina (quanto a Bete-Áven, ver Osé. 4.15), mas uma convocação feita ali seria ouvida pelos interiores que baixavam na direção do vale do rio Jordão. A *trombeta* era feita de chifre de carneiro, mas havia outra forma de trombeta, alongada, feita de metal. A frase final do versículo significa, literalmente, "após ti, Benjamim". Esta é uma frase abreviada. Pode significar "o inimigo está à tua procura, Benjamim", porém, à luz de Juí. 4.5-14, pode representar o antigo brado de guerra: "Nós seguimos após ti, Benjamim" (John Mauchline, *in loc.*). A Revised Standard Version conjectura "estremecer", em lugar de "após ti". Seja como for, a seção refere-se à guerra siro-efraimita, mencionada em II Reis 15.27-30. Em vez de liderar Efraim à batalha, Benjamim seria perseguido pelo mesmo invasor. Essa julgamento vindouro cumpriu a maldição de Lev. 26.32-35. Devemos compreender esta seção como uma profecia da invasão dos assírios e do cativeiro que se seguiria. Judá seria prejudicado nesses acontecimentos, mas seria livrado de um pior acontecimento posterior.

5.9

Efraim tornar-se-á assolação no dia do castigo. "Um tempo de punição estava vindo. Israel seria destruído. Avisei às tribos de Israel que certamente isso acontecerá" (NCV). A história parece mover-se de acordo com as vicissitudes naturais ao choque de interesses, mas nosso autor falava sobre os decretos divinos que governam todas as coisas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* Seus decretos, entretanto, decorrem de como os homens obedecem ou desobedecem às leis morais. O Criador não abandonou Sua criação, mas está presente a fim de guiar, punir, recompensar e intervir, posição à qual denominamos *teísmo* (ver no *Dicionário*). Em contraste com essa posição, temos o *deísmo,* que afirma que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais (ver no *Dicionário* sobre ambos os termos).

5.10

Os príncipes de Judá são como os que mudam os marcos. A referência aqui é vaga, mas o significado parece ser que, no tempo de crise e ataque vindo do norte (a Assíria), os que costumavam apossar-se das terras, por falta de escrúpulos, tiraram proveito do caos para tomar territórios. Portanto, Judá, não menos que Efraim, foi culpado de crimes e digno de castigo. Sabemos que os assírios assediaram os judaítas, e não meramente Israel, mas a nação do sul saiu intacta da crise, tendo somente de enfrentar a invasão babilônica, pouco mais de cem anos depois. Judá tornou-se culpado de desobedecer ao pacto e de remover as *pedras demarcadoras,* algo considerado crime hediondo naquele país agrícola, em que a terra era a fonte de todas as riquezas. Ver Deu. 19.14 e 27.17 quanto à proibição desse ato e quanto à *maldição* proferida a respeito.

5.11

Efraim está oprimido e quebrantado pelo castigo. Efraim foi pesadamente atingido pela invasão assíria, tendo sido aberta e desgraçadamente desobediente às leis de Yahweh. Esse país estava "determinado a seguir a vaidade" (Revised Standard Version). Está em vista a vaidade da idolatria, o que explica a idolatria-adultério-apostasia de Israel. Ver a maldição que fazia parte do pacto, em Deu. 28.33. Esse julgamento pode ser uma referência direta à invasão assíria de 733 A. C. Ver II Reis 15.29. As pessoas gostam de lançar a culpa sobre o imperialismo assírio quanto à situação reinante em Israel, mas por trás disso havia a lei moral de Deus, que usou os assírios como instrumentos de punição. A palavra

hebraica *saw*, aqui usada, é obscura, e sua tradução como *mandamento* (conforme algumas versões) faz pouco sentido. Por isso, nossa versão portuguesa, seguindo a Revised Standard Version, usa o vocábulo "vaidade". Seja como for, a referência mais provável é à *idolatria*.

5.12

Portanto para Efraim serei como a traça. Yahweh, ao manipular os poderes do julgamento, tornou-se como uma *traça* para Efraim. Esse pequeno inseto, apesar de seu minúsculo tamanho, era especialista na destruição de roupas (ver Jó 13.28; Isa. 50.9 e 51.8), e isso tornou-se símbolo da capacidade assíria de desfazer toda a textura social do reino do norte. Ademais, no tocante ao reino do sul, Judá, o desprazer de Yahweh seria como a *podridão*, as forças desintegradoras que causam a decadência dos ossos (ver Pro. 12.4; 14.30; Hab. 3.16). H. H. Rowley aceita esses dois termos como *pus* e *podridão*, referindo a ferimentos, chagas e desintegração do corpo físico. Seja como for, estão em mira a corrupção e a decadência, por trás das quais a ira de Yahweh opera a fim de punir os povos que erram.

5.13

Quando Efraim viu a sua enfermidade. "A nação de Israel percebeu quão fraca estava. Judá viu os ferimentos que tinha sofrido. Assim, Israel voltou-se para a Assíria, a fim de ser ajudada. E enviou embaixadores ao grande rei da Assíria, solicitando ajuda" (NCV). Mas tudo foi em vão e serviu somente para complicar a situação. A Assíria, longe de ser um curador de ferimentos, apenas atacaria Israel, até deixá-la um cadáver. Entrementes, Judá seria oprimida e sofreria, mas finalmente escaparia das chicotadas. Ao buscar alívio e tentar escapar do pior, ambos os países tornaram-se tributários da Assíria, mas aqueles gananciosos réprobos haveriam de querer, finalmente, mais do que dinheiro.

Ao rei principal. Esta designação, que em algumas versões aparece sob a forma de "rei Jarebe", tem deixado confusos os intérpretes. Talvez esteja em foco o título *Rei-começa-uma-luta*, ou então *rei presentende*, referência sarcástica ao rei da Assíria. Porém, mediante uma emenda, podemos obter *Grande Rei*, título que alguns estudiosos preferem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jarebe*.

5.14

Porque para Efraim serei como um leão. A *ameaça real* era o poder de Deus que usaria eficazmente a Assíria para punir tanto Israel quanto Judá. Esse poder aparece aqui, simbolicamente, como um leão solto contra Israel e um leão jovem solto contra Judá, um "poder despedaçador", que deixaria o povo devastado e impotente. Não haveria aliado que ousasse ajudar. Israel e Judá ficariam à mercê do tremendo poder da Assíria.

Visto que a história não fala sobre nenhuma ocasião em que tanto Israel quanto Judá apelaram à ajuda assíria, a referência história exata permanece em dúvida. Alguns estudiosos pensam estar em vista o esforço feito pelo rei Menaem, em 738 A. C. (ver II Reis 15.19), solicitando a ajuda da Síria. Então Judá tentou conseguir a ajuda da Assíria, quando foi ameaçado pela confederação formada por Peca, de Israel, e Rezim, da Síria (Isa. 7). Nesse caso, ambos os países foram culpados de envolver-se em alianças proibidas, pelo que tiveram de sofrer por esse motivo. Porém, a passagem parece encarecer principalmente o ataque de Samaria por parte dos assírios, que puseram fim ao reino do norte. E outro tanto teria acontecido ao reino do sul, não fora a intervenção divina direta (ver II Reis 19.35-37).

O Arrependimento Superficial de Israel (5.15 – 6.3)

5.15

Irei, e voltarei para o meu lugar. Na verdade, o homem é uma criatura volúvel. Sob circunstâncias adversas, Israel voltou-se para Yahweh, mas com fidelidade duvidosa. Israel buscava Yahweh "anualmente" quando via que tinham sido abandonado a um desastre auto-imposto por uma multidão de pecados. O propósito de Deus na punição era restaurar (ver Osé. 2.5-7), mas não houve nenhum arrependimento verdadeiro, embora eles fingissem ter-se arrependido. Yahweh deixou de ouvir as orações de Israel. Deus tornou-se, pelo menos temporariamente, um Deus deísta, distante e aparentemente indiferente. Apenas nos momentos de desespero é que Israel buscava a face divina (o favor divino).

Voltarei novamente para o meu lugar,
Até que reconheçam a sua culpa,
Até que fiquem boquiabertos.
Quando a tribulação descer sobre eles
Eles me buscarão,
Eles procurarão pelo Meu rosto.

(John Mauchline)

Cf. este versículo com Pro. 29.25 e Sal. 119.147.

E visto que Ele me ordena buscar-Lhe a face,
Crer em Sua palavra e confiar em Sua graça,
Lançarei sobre Ele todas as minhas preocupações.

(W. W. Walford)

Capítulo Seis

Não há nenhuma quebra entre os capítulos 5 e 6. Osé. 6.1 continua a seção iniciada em Osé. 5.15.

6.1

Vinde, e tornemos para o Senhor. Encontramos aqui um convite direto do povo, feito a eles próprios, para abandonar a idolatria-adultério-apostasia e voltar ao yahwismo, visto que se tornara claro que sua rebelião estava provocando um encontro fatal com o destino. O poder divino os havia ferido, mas esse mesmo poder poderia pensar seus ferimentos e curá-los. Todo o arrependimento forçado é notoriamente superficial e logo abandonado quando as coisas melhoram um pouco. A história mostra que o excelente ideal dos vss. 1-3 não se cumpriu. Israel desviou-se demais e tornou-se incapaz de ser remido. Ver Osé. 5.4 quanto a comentários sobre essa idéia. O vs. 4 dá início à resposta de Yahweh a esse proposto arrependimento, chamando-o de "névoa matutina", que logo desaparece quando o sol começa a brilhar. O julgamento não seria relembrado (vs. 5), por causa de um momento de *pensamentos melhores* por parte do povo.

6.2

Depois de dois dias nos revigorará. "Depois de dois dias" e "no terceiro dia" refere-se a um curto período de tempo, conforme diz a tradução NCV: "Em breve tempo ele insuflará vida nova em nós". O vs. 1 provavelmente nos leva de volta à metáfora do leão despedaçador. E agora temos a ressurreição de um corpo morto. Israel, trazido de volta dentre os mortos, viveria em Yahweh e veria um novo dia para além da tempestade. A restauração e o reavivamento seriam imediatos, mas Israel não estava com pressa quando cultivava suas orgias nos santuários de Baal. A dor os tinha lançado, apressados, na direção da cura, mas não havia nisso um propósito constante, conforme mostra o vs. 4. Israel não voltaria da fatalidade do cativeiro assírio. O corpo morto não ressuscitaria. Mas Judá ressuscitaria da morte produzida pelo cativeiro babilônico, pelo que haveria vida nova para um novo dia. Não há aqui nenhuma referência (profética) à ressurreição de Cristo no terceiro dia (ver I Cor. 15.4). Há apenas uma coincidência verbal.

6.3

Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor. Note o leitor a *intensidade* dessa busca temporária por Yahweh. "Experimentemos com intensidade saber quem Ele é. Ele virá a nós tão certamente como vem o raiar do dia". Todos somos testemunhas da intensidade espiritual que consiste somente no entusiasmo, sem raízes na espiritualidade autêntica. Com quanta brevidade essas coisas se desgastam! O povo de Israel não tinha um conhecimento real e permanente sobre Yahweh, a fonte da vida e das bênçãos (ver Osé. 5.4).

A Palestina dependia inteiramente das chuvas para que seu povo sobrevivesse, pois a seca era sempre uma ameaça séria. Sem Yahweh, havia seca espiritual, ou seja, morte espiritual. O povo de Israel chegou a perceber isso claramente e agora anelava pelas chuvas espirituais. As primeiras chuvas caíam em dezembro e amoleciam a terra endurecida, o que tornava possível a aragem e a semeadura. As últimas chuvas ocorriam no fim de março e em abril, e isso era necessário para o desenvolvimento do grão e para que assim houvesse uma colheita eventual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores*, quanto a detalhes. A natureza normalmente cooperava com as necessidades humanas. Mas esse povo réprobo tinha espantado propositadamente as chuvas espirituais, ao volver-se para os deuses de nada, onde esperavam conseguir aprazimento e suprimento de todas as suas necessidades.

Misericórdia, e Não Sacrifício (6.4-6)

6.4

Que te farei, ó Efraim? Que te farei ó Judá? Temos aqui a *resposta de Yahweh* aos sonhadores superficiais que pensavam que uma rápida oração em meio à tribulação, com um arrependimento falso, poderia salvá-los do desastre assírio. Este versículo introduz a seção de Osé. 6.4-11.11, que é uma grande acusação contra Israel por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. No começo desta acusação, tanto Israel quanto Judá foram repreendidos por causa da super-

ficialidade de seu amor. O primeiro e grande mandamento é o amor a Deus, de onde fluem todas as outras virtudes espirituais. Ver Deu. 6.5. Tinha havido uma pretensão, possivelmente baseada em boas intenções, que não demorou a cair por terra sob a pressão dos hábitos pecaminosos e de almas depravadas. Ver Osé. 5.4.

A manhã é o tempo deleitoso em que o frescor da noite continua parcialmente preservado e a umidade condensada sobre a terra fria, proveniente da atmosfera, continuava fresca sobre o solo. Além disso, as nuvens matutinas prometem chuva. Mas o calor do sol que vai surgindo logo resseca a umidade e leva embora as nuvens. Os passarinhos, que conversavam tão alto ao amanhecer o dia, perdem parte de seu entusiasmo e agora estão mais quietos, preparando-se para enfrentar o dia quente que já começara a aparecer. O amor de Israel e de Judá era como um amanhecer delicioso, com seu orvalho, suas nuvens e seus passarinhos chilreadores. Quão breve o sol põe fim a todas essas coisas! "O profeta lamentava a natureza transitória do arrependimento deles" (Ellicott, *in loc.*).

6.5

Por isso os abati por meio dos profetas. Aqueles réprobos, fingidos espirituais e hipócritas, tinham de ser decepados pelos profetas, pois eram árvores apodrecidas, cheias de enfermidades. O machado divino haveria de pôr fim à vida na nação do norte. As palavras divinas eram como facas afiadas que cortariam em pedaços aqueles réprobos. Os julgamentos divinos eram como coriscos de raios que queimavam e matavam. Por meio de tais metáforas, foi prometido o vindouro desastre assírio, que poria fim à fraude do arrependimento apressado e fácil de Israel. Cf. este versículo com Jer. 1.10 e 5.14. Ver também Isa. 11.4 quanto às palavras destruidoras de Deus, que são retratadas como um hálito requeimante.

6.6

Pois misericórdia quero, e não sacrifício. Cf. I Sam. 15.22, passagem sobre a qual este versículo provavelmente repousa. Temos algo de similar em Isa. 1.11-20 e Amós 5.21-24. Ver também Miq. 6.6-8. Israel não compreendera a verdadeira natureza da espiritualidade. Os assírios não retrocederiam somente porque os sacrifícios matinais e vespertinos tinham sido reiniciados. A lealdade ao pacto (ver sobre o *pacto mosaico* na introdução a Êxo. 19) significava a lealdade do coração e o amor de Deus na alma. As chamas dos sacrifícios podiam queimar noite e dia, mas isso não significava que algum amor estaria queimando no espírito (ver o vs. 4). Sem esse amor, um homem nada é (ver I Cor. 13.2). Israel tinha violado todas as provisões morais da lei mosaica (ver Osé. 4.1,2). Seria necessário algo mais que a renovação do sistema de sacrifícios para estacar o dilúvio de degradação moral em Israel. O povo precisava de mudança de alma, e não meros ritos.

O Temível Registro da Vilania e Apostasia (6.7 – 7.2)

Assassinatos e Furtos (6.7-9)

6.7

Mas eles transgrediram a aliança. A *acusação* torna-se aqui feroz, ilustrada pela denúncia de pecados pesados e específicos. A alusão pode ser à violência dos gileaditas (cf. o vs. 8) ou ao comportamento perverso dos sacerdotes (vs. 9), ou a ambas as coisas. Seja como for (e, de modo geral, naquela sociedade sórdida), os pactos tinham sido violados da maneira mais grosseira.

Podemos traduzir aqui por "como homens, eles transgrediram o pacto" ou então "como Adão, eles transgrediram o pacto", tudo dependendo de a palavra "homens" ser entendida no hebraico como nome próprio ou como substantivo comum, referindo-se a Adão ou ao homem comum. Mas alguns vêem aqui um *nome locativo*, que era um vau bem conhecido, pelo qual se cruzava o rio Jordão (ver Jos. 3.16). Por isso, a Revised Standard Version traduz aqui: "*em Adão*, eles transgrediram", ou seja, naquele vau. Aquele vau foi usado com propósitos violentos e assassinos de um povo contra outro. Sem importar a que o versículo se refira, está em pauta a violência que fazia parte da transgressão dos homens contra o pacto mosaico, submetendo o povo de Israel à lei, como *guia* de conduta (ver Deu. 6.4 ss.). Israel era culpado de *traição*, visto que desobedecera aos pactos mediante ações violentas. Pecados grosseiros cancelaram o pacto de Deus com aquele povo réprobo. Os homens, de maneira geral, transgrediram o pacto mosaico; Adão o transgrediu mediante o pecado original que desfez o pacto firmado no jardim do Éden; e no vau chamado Adão, homens transgrediram mediante a matança de outros seres humanos.

6.8

Gileade é a cidade dos que praticam a injustiça. A referência histórica específica está perdida para nós, embora possamos supor que fosse conhecida pelos leitores originais do livro de Oséias. Toda a cidade (ou distrito) tinha sido poluída por crimes de sangue. O hebraico diz aqui, literalmente, "suas veredas são sangrentas". A tradução NCV descreveu vividamente Gileade como "coberta com pegadas de sangue". Houve constante violência física associada ao lugar, e esse foi um exemplo para chamar a atenção sobre a violência do povo de Israel contra os pactos. Ver Êxo. 20.13, que diz: "Não matarás". Gileade era um distrito, e não uma cidade, pelo que talvez a referência seja a Ramote-Gileade, a leste do rio Jordão. Esse lugar, ou talvez o distrito inteiro de Gileade, tornou-se um centro de violência.

6.9

Como hordas de salteadores que espreitam alguém. Havia bandos de ladrões (King James Version) que assaltavam nas áreas ao redor, lançando emboscadas contra os peregrinos ou viajantes de qualquer espécie, a fim de matar e saquear. Entre eles estavam os sacerdotes, que não eram diferentes de outros varões brutais que havia na região. As palavras "matam no caminho para Siquém" (cf. Juí. 9.25) têm causado alguma discussão. Que o leitor preste atenção a estes pontos:

1. Diz a NCV: "Eles assassinam pessoas no caminho para Siquém", sendo que Siquém era uma das cidades de refúgio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio*, quanto a detalhes. Não sabemos dizer se esse fator tinha algo que ver com os assassinatos ou não. Talvez os sacerdotes rejeitassem essa instituição e fizessem assassinatos de vingança, antes que os fugitivos pudessem chegar à segurança em uma das cidades de refúgio.
2. Ou então esses assassinatos tinham por propósito o roubo. Eles tinham transformado em comércio o jogo do assassinato.
3. Alguns eruditos vêem aqui assassinatos espirituais, através da idolatria e do paganismo, e não assassinatos literais, mas isso fica aquém do que o texto bíblico está tentando ensinar.
4. Outros estudiosos compreendem que os sacerdotes cometiam esses crimes a caminho para Siquém, nas peregrinações. Nesse caso, eles assassinavam colegas peregrinos para ficar com seus bens, um vil ato de traição, para dizermos o mínimo.
5. Ou, finalmente, assaltos hostis contra Siquém estão em vista aqui.

Praticam abominações. O vocábulo hebraico *zimmah*, traduzido aqui como "abominações", era usado para indicar os pecados mais grosseiros, como: incesto (Lev. 18.17); prostituição cultual (Lev. 18.17); estupro (Juí. 20.5,6); adultério (Jó 31.9,10). Outros entendem estar em pauta a grosseira *idolatria*, o mais ridículo pecado que um sacerdote poderia cometer.

Uma Doença Incurável (6.10 – 7.2)

6.10

Vejo uma cousa horrenda na casa de Israel. A idolatria-adultério-apostasia de Israel foi diagnosticada como *incurável*. Talvez esta seção continue com a tirada contra os sacerdotes ou, agora, a acusação é generalizada para falar contra todos os cidadãos da "casa de Israel", provavelmente um sinônimo de Efraim. A palavra "Efraim" é usada 36 vezes no livro de Oséias, usualmente como termo alternativo para Israel. Era a maior e mais forte tribo dos dias de Oséias, pelo que esse nome é usado para representar o país inteiro. Mas alguns entendem aqui o termo "casa" referindo-se ao templo ou santuário, provavelmente o de Betel, um dos mais horrendos locais da idolatria no reino do norte. Aqui, idolatria e prostituição são a mesma coisa, havendo uma forma inteiramente debochada de idolatria que era praticada juntamente com a prostituição sagrada. "... o espírito da prostituição está no meio deles, e não conhecem ao Senhor" (Osé. 5.4). Osé. de 5.3 já havia dito como Efraim fora inteiramente *contaminada* por sua prostituição. Cf. este versículo com Jer. 5.30; 18.13 e 23.14.

6.11

Também tu, ó Judá, serás ceifada. Não está claro se a colheita, para Judá, era de julgamento ou de bênção. É verdade que Judá sofreu sob o ataque dos assírios, e muito mais ainda sob as invasões e o cativeiro babilônico. Foi uma colheita negativa, provocada pela corrupção moral e pela apostasia. Mas também é verdade que, finalmente, veio o livramento. A nação do sul não terminou, como aconteceu à nação do norte, mas sobreviveu para ver a restauração. Isso poderia ser chamado de colheita positiva, por causa do arrependimento. Se a última parte do versículo realmente inclui esse sentimento, então está em foco uma colheita positiva. Porém o mais provável é que isso pertença ao primeiro versículo do capítulo seguinte, onde comento a questão. Quanto à comparação entre julgamento e colheita, ver Jer. 51.33; Joel 3.13 e Apo. 14.15.

Capítulo Sete

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 6 e 7. Osé. 7.1 continua a seção iniciada em Osé. 6.10. Além disso, a parte final de Osé. 6.11 pertence a Osé. 7.1.

7.1

Quando me disponho a mudar a sorte do meu povo. Se temos aqui um arranjo correto dos versículos, então não há aqui referência à restauração de Judá do cativeiro babilônico, mas o desejo, da parte de Yahweh, de restaurar Israel do cativeiro assírio. Quanto à restauração do cativeiro, ver Jer. 30.3 e 31.23, onde encontramos a mesma expressão vista aqui (no fim de Osé. 6.11 ou no começo de Osé. 7.1). O capítulo 3 deste livro fala da redenção de Gômer por parte do profeta, e isso, como parábola, fala do mesmo ideal de a nação do norte ser trazida de volta à sua terra, com a neutralização do cativeiro assírio. Esse ideal, entretanto, nunca se concretizou. Mas Israel também não foi curada, nem antes do cativeiro, para não ser conduzida a ele, nem por ter sido trazida de volta depois que aquele desastre efetuou sua obra desejada, levando a nação ao arrependimento e à restauração espiritual.

7.2

Não dizem no seu coração. *O ideal divino* consistia em curar e restaurar, mas, quando esse pensamento foi levantado, os pecados de Efraim (Israel) e sua capital (Samaria) se precipitaram como um dilúvio e frustraram aquela esperança. "Sempre que o Senhor tentava curar a ferida do povo, Ele descobria quão profundamente arraigada era a dificuldade, e quão *sem esperança* era qualquer tentativa de cura" (John Mauchline, *in loc.*). Este versículo dá-nos o mesmo tipo de idéias que vemos em Osé. 4.1,2 e 6.8,9 — uma violência desenfreada acompanhada peios pecados pesados que violavam a lei e o pacto mosaico. Ladrões invadiam casas e furtavam e maltratavam seus moradores. Fora das casas, os ladrões matavam suas vítimas e roubavam-lhes os deuses. A própria classe sacerdotal estava envolvida na confusão (ver Osé. 6.9).

Orgias e Intrigas (7.3-7)

7.3

Com a sua malícia alegram ao rei. O *rei* deixava-se envolver pelo deboche e pela violência e alegrava-se diante do que os seus súditos faziam, porquanto ele e o povo eram igualmente réprobos. Ver Rom. 1.32. Homens ímpios e desvairados apreciavam o que estavam fazendo e se alegravam naqueles que eram tão ruins quanto eles. A família real e os oficiais da corte tinham sido todos moldados na mesma forma. Eles eram traiçoeiros e jubilavam diante da traição praticada por seus súditos. O versículo diz que os pecados e os crimes horrendos que o profeta vinha descrevendo, permeavam todas as classes da sociedade, de forma que todo o país se tornara insuportavelmente perverso.

Segundo se esperava, um governante piedoso teria, como uma de suas virtudes, o espírito e a coragem de opor-se a todas as formas de iniqüidade dentro de seu reino (Sal. 101), mas aqueles homens depravados deleitavam-se em todas as formas de depravação. Quanto ao *rei ideal,* ver as notas expositivas sobre Deu. 17.14 ss. Entre as injunções secundárias, temos a que diz que o rei deveria viver de acordo com a lei de Moisés.

"O mal não despertava neles nenhum alarma, mas, antes, simpatia e regozijo" (Ellicott, *in loc.*). A idolatria era a ofensa principal, e a nação toda estava envolvida. Mas havia muitos frutos do mal, muitas manifestações, muitas ramificações, muitas nuanças.

7.4

Todos eles são adúlteros, semelhantes ao forno aceso pelo padeiro. Comparar aqueles idólatras-adúlteros a um padeiro, e seu forno é uma figura perfeita. Eles requeimavam, ficando cada vez mais quentes, e terminavam destruindo a si mesmos e aos outros, por suas paixões desorientadas. Mas por que o profeta falou sobre o padeiro que cessou de abanar o fogo, permitindo assim que o forno esfriasse? Isso parece uma contradição com a intenção da parábola. Que o leitor acompanhe estes três pontos:

1. Talvez a cessação do ato de abanar o fogo para despertar as chamas, enquanto misturava a massa, permitindo assim que o fermento se espalhasse por toda a massa, significasse que aqueles homens ímpios só paravam de aquecer cada vez mais quando estavam *inventando novos esquemas* vis.
2. Ou então talvez aqueles réprobos controlassem suas paixões na medida certa, para não arruinar os seus planos mediante zelo excessivo, o que poderia excitar a oposição. O vs. 6 parece apoiar esta segunda idéia.
3. Ou então a segunda parte do versículo é uma simples observação de que, ocasionalmente, aqueles homens ímpios descansavam de seus atos horrendos, embora isso não acontecesse com excessiva freqüência.

7.5

No dia da festa do nosso rei, os príncipes se tornaram doentes. O rei e os príncipes eram auxiliados por planejadores hipócritas, que os usavam em seus deboches. A classe governante se embriagava de lisonjas e tornava-se incapaz de fazer cessar o reino de terror imposto por seus ajudantes, os quais eram pessoas de menor poder que manipulavam os poderes superiores para atingir seus propósitos temíveis. O rei chegava a aliar-se aos planos malignos, porquanto estava sendo enganado. Naturalmente, isso contraria os versículos em que vimos que o rei e seus príncipes eram os líderes das vilanias, e não meras iludidos, que agiam com a ajuda dos subordinados. Ver Osé. 5.10. Alguns reis, segundo podemos supor, eram os líderes dos planos maus, enquanto outros se envolviam nesses planos pela ação de suboficiais hipócritas. Talvez a idéia principal seja que o próprio rei era o objeto desses planos malignos.

Nosso rei. 1.Talvez esteja em pauta o dia da inauguração do governo ou de coroação. 2. Talvez esteja em foco o dia do aniversário natalício do rei. 3. Talvez fosse o dia do aniversário da entronização do rei.

"Entre 752 e 732 A. C., quatro reis de Israel foram assassinados (ver II Reis 15). As intrigas políticas formam o pano de fundo dos capítulos 5-7 de Oséias. Temos aqui uma descrição de como os conspiradores, caracteristicamente, efetuavam os seus planos" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

7.6

Porque prepararam o coração como um forno. Este versículo parece confirmar a interpretação do vs. 5, no sentido de que era conta o próprio rei e seus príncipes que as conspirações eram feitas, ocasionando o assassinato de diversos deles bem no meio das festividades efetuadas em sua honra. Esperteza significava assassinato, e os reis caíam vítimas. Os reis eram chamados para ajudar nos planos violentos, mas não sabiam que seriam as primeiras vítimas desses planos. O rei vivia bêbado e feliz. Os conspiradores também bebiam, mas se mantinham sob controle para efetuar seus planos de derrubar ou matar o rei, a fim de que pudessem impor sua vontade ao governo. O uso excessivo de bebidas alcoólicas estava por trás de inúmeras desgraças, privadas e públicas.

Continua aqui a figura do vs. 4 sobre o padeiro e seu forno, mas não há tempo para o forno esfriar. Os planos eram traçados durante a noite e, pela manhã, havia matança mediante paixões degeneradas. Após uma noite de conspirações enganadoras e assassinas, a questão toda explodia sob a forma de violência, ao amanhecer. Cf. este versículo com Miq. 2.1: "Ele estendeu a sua mão com impostores, mas eles se aproximaram dele com suas intrigas" (versão árabe).

7.7

Todos eles são quentes como um forno. Este versículo reafirma o que já tinha sido dito. Mediante conspirações violentas, os governantes são consumidos; os reis caem, contudo não se voltam para Yahweh a fim de remediar os temíveis males sociais, o que poderia salvá-los da condenação. Durante todo esse tempo de confusão, nenhum olho se voltou para Yahweh, o verdadeiro Rei do país. Eles preferiam o caos em que estavam e os assassínios que produziam. Naturalmente, todos quantos o rei assassinava eram idólatras desprezíveis, pelo que seu fim terrível foi resultado da lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8).

Infidelidade e Instabilidade Política (7.8 – 10.15)

Acusação contra Efraim (7.8-16)

Confiança de Efraim nas Alianças Estrangeiras (7.8-12)

7.8

Efraim se mistura com os povos, é um pão que não foi virado. Os vss. 8-12 abordam especificamente as alianças estrangeiras feitas por Efraim, que eram sempre contrárias às orientações dadas pelos profetas, como uma forma de traição contra Yahweh, que requeria separação de poderes pagãos corruptos. Os vss. 13-16 abordam especificamente a infidelidade de Israel para com Yahweh. A metáfora do cozimento do pão continua neste versículo.

No fabrico de bolos, o azeite tinha de ser misturado à farinha de trigo, e então se cozinhava no forno a massa resultante. Esse era o processo natural, mas quando Israel se misturou com o paganismo nada de bom poderia resultar daí. Como essas coisas resultaram de tais atos, é demonstrado pelo resto da metáfora: Israel era como um bolo deixado a queimar sobre carvões acesos, mas não

virado para cozer também do outro lado. Esse processo faria Israel ser descartado como inútil, bem como promoveria sua destruição eventual como entidade repelente. "Os orientais coziam seu pão no chão, cobrindo com brasas vivas (I Reis 19.6) e virando o pão a cada dez minutos, para assá-lo por inteiro, sem queimá-lo" (Fausset, *in loc.*).

7.9

Estrangeiros lhe comem a força. É provável que a principal referência aqui seja aos assírios, que produziram grande confusão na nação do norte, Israel, e agora cobravam tributos debilitadores. Portanto, temos aqui um quadro de desespero. O país estava sendo debilitado por sua própria corrupção interior e também por meio de forças exteriores. Assim, a corrupção interna operava junto com os poderes externos para reduzir Israel a nada. O país estava envelhecendo, branqueando os cabelos e debilitando-se, mas não era sábio o suficiente para perceber o que estava acontecendo e qual seria o resultado final dessa degeneração. A morte se aproximava, e o homem idoso e decrépito nem ao menos tinha consciência do triste estado em que se encontrava. Ver II Reis 15.19,20 e 17.3 quanto à drenagem da economia de Israel. Israel estava sob sentença de morte, e não sabia.

"Os sintomas do estado declinante da igreja de Deus estão, em nosso tempo, sobre nós, e, no entanto, poucos são os que prestam atenção a isso" (John Gill, *in loc.*, com uma apta aplicação do texto, tão pertinente hoje em dia).

7.10

A soberba de Israel abertamente o acusa. Este versículo é virtualmente idêntico a Osé. 5.5. Efraim foi levado a julgamento diante de Yahweh, e seu próprio orgulho se levantaria para testificar contra ele. O país perde sua causa e é condenado, mas nem ao menos isso inspirou os israelitas a alterar seus caminhos e voltar a Yahweh-Elohim, Deus Eterno e Todo-poderoso, o Único que tinha o remédio contra o desastre. O país estava fraco e moribundo, mas sua arrogância não lhe permitia procurar o remédio apropriado. O povo estava autocorrompido, autodestruído e auto-incriminado. Cf. Isa. 9.13.

7.11

Porque Efraim é como uma pomba enganada. A pomba não dá evidências de ser um pássaro muito inteligente. Estudos modernos sobre a inteligência das aves demonstram que as espécies diferem muito quanto a esse quesito. A inteligência dos pássaros está altamente envolvida na questão da sobrevivência. Aqui Israel é comparado a uma ave tola e ingênua que perde a vida por causa da ausência de inteligência. Em vez de correr para Yahweh, pedindo-Lhe ajuda, arrependendo-se e endireitando as coisas para melhor, mediante a *ajuda divina,* Israel se refugiou em poderes estrangeiros pagãos, como o Egito e Assíria, e acabou queimando-se. É provável que este versículo se refira aos partidos pró-egípcio e pró-assírio que encorajavam alianças com potências estrangeiras, na esperança de impedir a conquista assíria mediante aplacamento, tributos e alianças falsas. "Tudo isso tem um aspecto familiar. Trata-se da antiga história do jogo sórdido da diplomacia e da política, com suas palavras ribombantes, usadas para encobrir a ganância e a intriga. Israel, sem dúvida, pensava estar sendo esperta por causa de suas normas oportunistas e sem princípios. Na verdade, porém, era apenas uma pomba estúpida, pronta para ser apanhada pelo gavião" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

"Sob Menaém (cerca de 743-738 A. C.), Israel submeteu-se ao controle assírio (ver II Reis 15.19,20). Peca (cerca de 734 A. C.) aliou-se em uma coligação contra a Assíria, que Tiglate-Pileser III esmagou violentamente (ver II Reis 15.29). Oséias (cerca de 732-722 A. C.), depois de reconhecer o domínio assírio por algum tempo, suspendeu o pagamento dos tributos e tentou firmar aliança com o Egito (II Reis 17.3,4). Esse ato de rebeldia provocou uma norma política estrangeira que, durante vinte anos, vinha sendo caracterizada por medidas vacilantes e expedientes" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

7.12

Quando forem, sobre eles estenderei a minha rede. Todo esse pragmatismo não deixou de ser observado por Yahweh, cujo pacto com Israel vinha sendo constantemente desconsiderado, enquanto os estrangeiros tomavam conta de tudo e a idolatria determinava o espírito religioso de Israel. Yahweh apanharia a pomba insensata em sua rede de retribuição, tal como um passarinheiro sem misericórdia termina com a vida de algum pássaro impotente.

Castigá-los-ei, segundo o que eles têm ouvido na sua congregação. Nessas palavras temos uma tentativa da nossa versão portuguesa de compreender um hebraico obscuro e, possivelmente, corrupto. 1. A Revised Standard Version diz apenas: "Eu os castigarei por causa de seus feitos ímpios" ("feitos" substitui a frase "segundo o que eles têm ouvido na sua congregação"). 2. "Eu os castigarei conforme os tenho advertido" (NCV, com outro palpite, referindo-se a advertências dadas na congregação por parte de profetas fiéis). 3. Eu os castigarei com aflições avassaladoras, o que é sugerido pelo texto da Septuaginta. 4. Nyberg e Weiser, em seu livro *Das Buch der zwolf kleinen Propheten, in loc.,* tentaram preservar a metáfora do aprisionamento do pássaro com "eu os capturarei quanto ouvir o ruído de suas asas" (cf. Juí. 14.8).

Sem dúvida, Oséias mesmo tinha falado em suas assembléias, proferindo as advertências apropriadas, em concordância com a lei. Ver Lev. 26.14-39; Deu. 28.13-68 e 32.15,35, com reverberações nos versículos que se seguem.

A Infidelidade de Efraim a Yahweh (7.13-16)

7.13

Ai deles! porque fugiram de mim. *Maldições divinas* acompanhariam o caminho daqueles réprobos. As palavras dos profetas tinham sido rejeitadas, e os pseudo-sábios tinham corrido a alianças estrangeiras em busca do que o arrependimento sincero deveria realizar. O termo hebraico *'oy* (ai!) implica condenação iminente para a qual o povo não estava preparado, enquanto esvoaçava como se fosse um bando de pombas tolas. Israel estava sob sentença de morte (8.1-14), e nem ao menos sabia disso. As *transgressões* da lei mosaica haviam condenado o povo a uma sentença horrenda. Yahweh queria ser o *Redentor* de Seu povo, mas esse mesmo povo O forçou a feri-los com o exército assírio. Eles apresentavam falsamente Sua mensagem, e seus profetas eram homens cheios de mentiras, prometendo paz e não falando em arrependimento. Yahweh fora capaz de *redimir* Seu povo do Egito (ver Deu. 7.8; 9.26; II Sam. 7.23; Sal. 72.42; Miq. 6.4). O Deus do êxodo não mudara em nada Sua mente. Mas a geração dos tempos de Oséias não queria essa redenção. E, assim sendo, não haveria redenção. Aqueles réprobos estavam cheios de mentiras pagãs e falsificações da espiritualidade. Fingiam ser adoradores de Yahweh, mas tudo não passava de fraude. Cf. Sal. 78.36 e Jer. 3.10. Mediante sua vida e suas palavras, eles testemunhavam contra a verdade do Senhor e contra a Sua pessoa. Afirmavam poder fazer o que bem entendessem, pois Yahweh olharia em outra direção. Não acreditavam na lei da colheita segundo a semeadura.

7.14

Não clamam a mim de coração. "Não me chamam do fundo do coração. Tão-somente jazem em seus leitos e clamam. Eles vêm juntos atrás de cereais e vinho novo, mas na realidade afastam-se de mim" (NCV). Não havia arrependimento na sua mente. Eles pediam socorro por causa de sua aflição, mas isso não se transformava em clamor pela ajuda divina, condicionada pela lei mosaica e seus requisitos. Eles pediam favores, uma boa colheita e comida em abundância, mas tinham abandonado a Fonte de todo o bem-estar. Para obter cereais e vinho eles se acutilavam, o que provavelmente se refere às lacerações do corpo que os adoradores de Baal praticavam, a fim de obter favores da parte dele. Portanto, temos aqui o quadro ridículo de israelitas a praticar lacerações corporais proibidas, para obter favores de uma divindade cananéia. Lacerar-se era sinal de lamentação, o que os adoradores não deveriam fazer (ver Jer. 16.6; 41.5; 47.5). A lei de Moisés proibia as automutilações (ver Deu. 14.1). Os profetas de Baal cortavam a si mesmos tentando conseguir a ajuda do deus das tempestades (ver I Reis 18.28).

7.15

Adestrei e fortaleci os seus braços. Israel tinha sido treinado na correta substância da fé religiosa, e em como praticar essa fé (uma alusão à lei de Moisés). Havia todas as provisões nesse sentido. Seus braços foram fortalecidos para fazer o que era certo da maneira correta, de acordo com o código da lei; mas Israel se rebelara diante de todas as instruções recebidas e forjara sua própria adoração. Cf. este versículo com Amós 2.9-11. Talvez a menção a braços fortes faça-nos relembrar que Yahweh tinha ajudado o povo a conquistar muitos inimigos, pelo que Israel não tinha necessidade de buscar alianças com o estrangeiro para escapar da ameaça assíria. "Deus tinha proporcionado habilidade e poder para combaterem seus inimigos (cf. Sal. 144.1). Assim, a graça do Espírito com freqüência é desprezada pelos seus recebedores" (Ellicott, *in loc.*). A despeito de todos os benefícios que Yahweh lhes havia conferido, eles O trataram como um inimigo, e não um amigo, e maltrataram os profetas que Ele lhes havia enviado.

7.16

Eles voltam, mas não para o Altíssimo. Aqueles réprobos envidavam esforços para atrair a ajuda divina, mas não buscavam o Deus Altíssimo de Israel; perdiam seu tempo e energias no paganismo e suas buscas vãs. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Altíssimo.* Um violento contraste é feito entre o Deus Vivo, tão exaltado em Seu céu, e Baal, o deus terreno que nada representava. Eles agiam como um arco traiçoeiro, que deveria ter alvejado um inimigo, mas tinha alvejado um Amigo. Ou eles deveriam ter voltado sua atenção ao Senhor, mas,

pelo contrário, ofereciam toda a sua lealdade a Baal. Ou então a metáfora é sobre um *arco falso,* que erra o alvo na hora da crise, ou desvia o tiro na direção errada.

O resultado desse duplo trato é que a liderança de Israel deveria primeiramente cair pela espada assíria e então o país inteiro também cairia. O orgulho deles não lhes permitira fazer a coisa certa. Isso serviu de testemunho contra eles, garantindo-lhes a condenação. Ver Osé. 5.5 e 7.10. Tendo buscado a ajuda estrangeira (vs. 11), eles só encontraram desgraça para si mesmos e então, finalmente, a extinção absoluta. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro Assírio.*

Os israelitas proferiam discursos altissonantes e blasfêmias, e terminariam no Novo Egito (a Assíria) como um país desprezado, espalhado e completamente anulado. "O povo do Egito rir-se-á deles" (NCV). Ou então a referência é ao Egito literal. Israel tinha buscado a ajuda dos egípcios, mas esse país os decepcionaria e terminaria fazendo pouco deles quando a Assíria tomasse Israel. Ver o vs. 11. Cf. este versículo com Isa. 30.1-8. Ver também II Reis 17.4. Israel tinha tolamente feito amizade com seus inimigos e sofreria por isso. Eles persistiram na vereda da destruição.

Capítulo Oito

Israel sob a Sentença de Morte (8.1-14)

O Alarma de Guerra (8.1-3)

Israel fora ninada até dormir, por sua própria maneira insensata de pensar e agir no tocante às potências estrangeiras. A trombeta precisava soar para despertá-los. Uma águia grande e sem misericórdia aproximava-se para matar e comer a carniça. Este capítulo contém várias ilustrações da rebeldia de Israel que prometem julgamento severo e decisivo contra eles. Temos uma "continuação das acusações, acompanhadas por novas ilustrações. Yahweh, pois, ordenou a Seu profeta que pusesse a trombeta nos lábios e soprasse um toque esganiçado, anunciando a aproximação do desastre" (Ellicott, *in loc.*).

8.1

Embora a trombeta. A trombeta é um símbolo veterotestamentário largamente usado. Ver Amós 2.2; Jer. 6.1; Eze. 33.3-6. No Novo Testamento, ver I Cor. 14.8. Essas são apenas algumas dentre muitas referências. Algumas vezes, a trombeta era usada para encorajar os soldados, pois seu sonido visava despertar novas forças. No livro de Oséias, porém, não está em vista nem o encorajamento nem o triunfo. Antes, a trombeta soa uma advertência severa.

Ele vem como a águia. Está em foco a Assíria, o matador internacional. Muita gente tinha sido derrubada pelos assírios, e agora chegara a vez de Israel ser derrubado. A Assíria era especialista em genocídio. Cf. Jer. 4.13 e 48.40. A águia é um pássaro poderoso e veloz, e tem a disposição de um assassino. Ela vive matando suas vítimas.

Vingança. Yahweh estava prestes a vingar-se, por meio do exército assírio, de Israel, o povo rebelde que tinha desobedecido ao pacto mosaico (ver as notas na introdução a Êxo. 19). A lei mosaica era a fonte da *vida* (Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11), mas Israel, por sua rebeldia, transformara a lei em um instrumento de morte.

8.2

A mim me invocam: Nosso Deus! "Eles clamam a mim: 'Nosso Deus, nós, de Israel, Te conhecemos!'" (NCV). Esse clamor, naturalmente, era hipócrita. Israel fingia conhecer a Deus, ao mesmo tempo que negava continuamente conhecê-Lo através de sua rebeldia. Alguns estudiosos, contudo, entendem aqui o clamor de Israel quando sua condenação já se aproximava. Nesse caso, era um grito de *desespero,* que foi proferido tarde demais. A tradução de Ellicott produz a paixão própria do momento: "A mim eles clamam: Meu Deus, nós Te conhecemos, nós, Israel!". Mas era tarde demais reivindicar quaisquer privilégios especiais, ou esperar misericórdia e piedade, afirmando que eles eram *Israel,* o povo de Deus. Esse povo há muito tinha abandonado Yahweh, preferindo Baal, aquela confusão religiosa. O texto massorético faz as palavras surgir aos *arrancos,* que se adaptam à situação. Ver no *Dicionário* o artigo *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

8.3

Israel rejeitou o bem; o inimigo o perseguirá. O *grito de desespero* foi solto tarde demais, porque as ações falam mais alto que as palavras. Israel tinha desprezado o bem que lhe fora oferecido pelo yahwismo, e em breve havia inimigos ferozes que perseguiriam a nação. O bem vinha através da lei de Moisés, que com desdém fora arredada para um lado. Cf. Amós 5.14,15 e Miq. 6.8. O abençoador potencial (a lei) tornou-se, dessa maneira, uma maldição. Os inimigos de Israel prevaleceriam, e sua extinção como nação seria o temível resultado. R. F. Horton faz um apto comentário sobre este versículo: "As palavras da religião não serão aceitas em lugar dos atos; embora os atos sejam aceitos em lugar das palavras". A escolha do caminho largo foi fácil, mas levou os israelitas à destruição. Alguma perversidade explica isso. Por que será que os homens desprezam o bem e voltam-se para o mal? Alguma depravação da natureza os inspira, e eles se tornam vítimas da própria corrupção. Essa é a antiga história dos indivíduos e das nações, que se repete muitas e muitas vezes. Eis a razão pela qual os homens precisam do Salvador. Israel estava quase colhendo o que havia semeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

A Terrível Condenação da Rebelde Samaria-Efraim (8.4-14)

8.4

Eles estabeleceram reis, mas não da minha parte. "Dois exemplos do pecado de Israel são dados nos vss. 4-6. A nação havia estabelecido reis e outros líderes sem consultar o Senhor. Isso alude à série de revoluções palacianas que foram como uma praga para a nação do norte, depois do reinado de Jeroboão II (cf. Osé. 7.5-7). Israel também fabricou ídolos para adorar, em uma violação direta do segundo mandamento (cf. Êxo. 20.4)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). Houve pouca estabilidade no reino do norte, durante sua história de 250 anos. Durante esse tempo, 18 reis de 10 famílias diferentes governaram, e houve mortes violentas associadas a todos eles. No fim, uma rápida sucessão de usurpadores ajudou no afundamento final da nação no esquecimento. Em vez de escolher homens de Deus, o povo de Israel habitualmente operava através da intriga. Prevalecia a *política do poder* o tempo todo. Entrementes, o sacerdócio também se mostrava corrupto, promovendo práticas idólatras que o povo de Israel aceitava com deleite. Inevitável, a queda final era apenas uma questão de por *quanto tempo* tais condições se prolongariam, antes do golpe divino.

Cf. este versículo com I Reis 11.9-11 e 12.31. A nação de Israel começou ruim e foi-se tornando cada vez pior. Seus ídolos nos santuários oficiais (em Dã e Betel) estabeleceram o padrão para uma apostasia que nunca foi vencida e raramente sofreu oposição. Ver I Reis 12.28; Isa. 46.6 e Osé. 2.8. Ver também sobre esses nomes no *Dicionário.* Quanto aos pecados de Jeroboão, ver I Reis 12.28 ss. Quanto a como ele fez Israel pecar, ver I Reis 15.26 e 16.2.

8.5

O teu bezerro, ó Samaria, é rejeitado. Os vss. 5-7 continuam o assunto da idolatria, o pecado cardeal do reino do norte. Considerável variação de tradução dá início ao vs. 5. Porventura isso significa que o deus-beleza foi lançado fora de Samaria (a capital do reino do norte) na hora da tribulação? Ou foi Yahweh quem repeliu Samaria devido à sua idolatria, concordando com a segunda parte do versículo que foi moldada na primeira pessoa do singular? O original hebraico dá a segunda pessoa na primeira parte do versículo, mas a terceira na segunda parte. Alguns intérpretes emendam o texto para torná-lo coerente. Diz a NCV: "Odeio o ídolo com forma de bezerro...".

Esse ídolo foi destacado por ser uma epítome da idolatria generalizada de Israel. A capital, Samaria, fala de todo o país. Jeroboão I tinha estabelecido esse ídolo em Betei e Dã, repetindo os pecados de uma geração anterior (ver Êxo. 32.1-4). Então, as tradições erradas continuaram por toda a história da nação de Israel. Provavelmente esse ídolo tornou-se associado aos deuses da fertilidade e da tempestade, que eram manifestações da adoração a Baal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal.* A ira de Yahweh acendeu-se contra toda aquela tola idolatria-adultério-apostasia de Israel, e as chamas estavam prestes a consumir a nação com a invasão assíria. Assim sendo, Deus mostrou ser um fogo consumidor (cf. Heb. 12.29).

"Em Mênfis, um boi branco era adorado com o nome de *Ápis.* Outro boi divinizado, chamado Mnevis, era adorado em On ou Heliópolis. Os machos dessa espécie de boi eram consagrados a Osíris, e as fêmeas a Ísis. Essa foi uma das mais antigas superstições" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.6

Porque vem de Israel, é obra de artífice, não é Deus. O *labor humano* contribuiu para a feitura daqueles deuses, ao passo que Yahweh é o Criador de todas as coisas materiais, o Deus Vivo, *separado* do que é material, pois é Espírito. Mas o grande "deus", o bezerro de Samaria, podia ser quebrado por qualquer mão humana, o que mostra quão ridículo era aquele culto. Então, como é natural, finalmente Yahweh desintegrará esses deuses de nada por meio de Seus variegados julgamentos. Quanto à questão de ídolos serem produtos humanos, o que demonstra que sob hipótese alguma são entidades divinas, ver Isa. 40.18-20 e 44.9-20, clássicos escárnios do processo de fabricação de ídolos. A

destruição das imagens demonstra a futilidade da idolatria. Porém, a mente supersticiosa se apressa em reparar os danos, restaurando os ídolos, e continua a pensar que há algo divino nesses objetos.

Tipos de Idolatria. 1. O vs. 6 ilustra uma idolatria ignorante segundo a qual os ídolos, feitos de madeira, pedra ou metal, são investidos de qualidades divinas por meio da imaginação humana, ou são tido como locais onde os deuses manifestam seu poder e presença. 2. Além disso, há fanatismos como o nazismo e o comunismo, que fazem de *ideologias* objetos de adoração e devoção. 3. Há também o *ateísmo prático,* segundo o qual os homens, embora professem acreditar em Deus, conduzem sua vida como se Ele não existisse. 4. E, finalmente, existe aquele tipo de idolatria que nenhum de nós abandonou em sentido absoluto: fazer das possessões, dos prazeres e das atividades deuses que ocupam nosso tempo e nossas energias. Um homem pode até mesmo fazer seu serviço espiritual transformar-se em um ídolo, quando ele adora o serviço, em vez de adorar o Deus que está sendo servido. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria.*

8.7

Porque semeiam ventos, e segarão tormentas. A idolatria sempre recebe a oposição do *julgamento divino.* O homem que fabrica ídolos é um insensato que semeia o vento e, assim sendo, deve colher a tempestade. Aquele que participa da idolatria pagará um alto preço por sua insensatez. No contexto deste capítulo, está em pauta a invasão do exército assírio, que seria como uma tremenda tormenta que nivelaria a nação de Israel. Quando esse tremendo tufão soprasse, arrancaria o cereal de suas plantas e o sopraria até o país vizinho. Mas se porventura viesse alguma colheita, então estrangeiros chegariam e devorariam o grão. Israel deveria colher, em *medida extra,* o que fora semeado, porquanto fora repetidamente avisado mas continuara com aquela ridícula rebelião e dureza de coração. Uma metáfora agrícola foi usada para ilustrar a questão. Todos os agricultores (e a maioria dos israelitas consistia em agricultores) conheciam a natureza destruidora dos ventos, que arruinavam as plantações e estragavam as safras.

> *Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.*
>
> (Gálatas 6.7)

Cf. este versículo com Sal. 126.6 e II Cor. 9.6, e ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lex Talionis* (retribuição divina segundo a gravidade do crime cometido) e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

8.8

Israel foi devorado. Os vss. 8-10 mostram como Israel seria engolido pela dispersão, para nunca mais voltar à sua terra. Eles seriam como os grãos soprados para um país distante pelos ventos dos julgamentos de Deus. As nações os engoliram como se fossem um monstro a devorar uma refeição. Estrangeiros consumiriam o alimento que eles produzissem (vs. 7) e terminariam engolindo os produtores desses alimentos. Este versículo ensina a *finalidade.* O reino do norte não se recuperaria. A própria nação do norte seria aniquilada. O julgamento seria justo porque Israel já havia perdido sua natureza *distintiva* advinda da possessão e obediência à lei mosaica. Ver essa idéia em Deu. 4.4-8. Assim, não sendo mais um país distinto, não havia razão para a nação de Israel continuar existindo. O que era mais um povo pagão no mundo, entre tantos outros? Qual foi a perda de tal nação? Eles eram como a palha que o vento dispersa.

Outra Metáfora. O vaso inútil. Israel se tornara um vaso quebrado, que não podia ser usado para propósito algum. Ou então o vaso se tornara tão vil que nenhum homem são teria coisa alguma que ver com ele. O objeto não podia ser usado para cozinhar ou para transportar líquidos. Era vil e venenoso. Cf. a idéia com Jer. 48.38; Sal. 31.13; II Tim. 2.20. "... um vaso devotado aos usos mais vis, ou esmagado como inútil" (Ellicott, *in loc.*). "... Israel, vaso que era um odre, tosco, malfeito, sem ornamentação, velho, bolorento, imundo e podre" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.9

Porque subiram à Assíria; o jumento montês anda solitário. O jumento montês percorre à toa o deserto, impelido por seus caprichos; era assim que Israel agia. Eles esqueceram o *guia* que era a lei (ver Deu. 6.4 ss.) e acabaram na Assíria, estabelecendo alianças estrangeiras proibidas. Também desenvolveram uma idolatria adúltera, tomada por empréstimo dos ritos de fertilidade de Baal. As palavras que os descrevem são "desviados" e "rebeldes". Israel era como um jumento teimoso e ignorante que queria ter as coisas a seu modo, a despeito de estar sendo ameaçado por conseqüências drásticas. Efraim (Israel) vendeu-se à idolatria e a potências estrangeiras, mediante alianças estúpidas em que a confiança era ridícula. "O jumento montês era proverbial como animal de cabeça dura, indisciplinado, obstinado, precipitado e impossível de amansar, pelo que serve de apta figura simbólica para Israel (ver Jer. 2.24)" (Fausset, *in loc.*). Ver também Eze. 16.32-34.

8.10

Todavia, ainda que eles merquem socorros entre as nações. Israel tentava "comprar aliados" com sua política estrangeira, fazendo alianças que envolviam o pagamento de tributos. Portanto, Yahweh os "recolheria" (não de volta da Assíria e do cativeiro), mas "para os seus lugares de julgamento". Alguns estudiosos, porém, emendam a palavra "congregarei" para que se torne "espalharei", o que dá um sentido melhor e provê referência direta ao cativeiro. Cessarão todas as atividades normais, como a unção dos reis e os negócios do Estado, porquanto não haverá mais Estado. O fraseado do versículo o faz soar como se, depois de uma propagação disciplinadora que duraria "algum tempo", Israel voltaria novamente à terra natal e começaria novamente sua história. Essa era a esperança, conforme ilustrado na restauração de Gômer, por parte de Oséias (a redenção da esposa, capítulo 2). Mas essa esperança, conforme a história não demoraria a confirmar, nunca teve cumprimento.

Foi assim que o jumento montês foi restringido em sua loucura. No começo o tributo era pago pelos israelitas, mas logo foi descontinuado (ver II Reis 17.4), o que provocou a ira dos assírios.

8.11

Porquanto Efraim multiplicou altares para pecar. Os vss. 11-14 descrevem a multifacetada idolatria de Efraim (nação do norte). Tanto Israel como Judá multiplicaram cidades fortificadas, mas isso não lhes faria bem algum quando o golpe divino de julgamento caísse do céu. Imitando os cultos cananeus de Baal, Israel se encheu de muitos deuses e ídolos estranhos, e assim foi atraída a inevitável maldição de Yahweh que limparia a nação inteira. Nyberg (*in loc.*) vê aqui um jogo de palavras. Israel multiplicara ídolos para "tirar o pecado", mas terminou cobrindo seu país de pecados. Altares que deveriam servir para aplacar poderes divinos, que tinham sido ofendidos pelas fantasias humanas, tornaram-se lugares onde muitos pecados foram cometidos, poluindo a terra. Até a multiplicação de altares legítimos foi condenada, porque Jerusalém era o lugar do *culto unificado* de Yahweh. Santuários locais foram desencorajados. Ver Deu. 12.5 ss. Os muitos altares pagãos dividiram e debilitaram o país, e então sujeitaram os israelitas à ira de Yahweh.

8.12

Embora eu lhes escreva a minha lei em dez mil preceitos. Yahweh havia dado uma lei composta por muitos mandamentos e rituais. Mas, mesmo que o Senhor multiplicasse Seus mandamentos, ainda assim eles correriam para Baal, considerando as leis de Yahweh coisas estranhas. Não obstante, eles tinham multidões de altares e deuses que eram do agrado dos israelitas. O desejo pela variedade levou-os a uma idolatria multifacetada, pelo que o yahwismo se tornou algo estranho para eles. "Eles rejeitam os muitos ensinos que eu escrevi para eles. Atuam como se os ensinos fossem estranhos e alienados para eles" (NCV). "Os idólatras atenienses consideravam as doutrinas do apóstolo Paulo estranhas, irracionais e irresponsáveis; ver Atos 17.20" (John Gill, *in loc.*).

8.13

Amam o sacrifício, por isso sacrificam. Este versículo parece levar-nos de volta à mensagem de Osé. 6.6: "Pois misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos". Os sacrifícios do vs. 13 parecem ser aqueles que faziam parte do yahwismo. Alegremente eles sacrificavam e desfrutavam as festas que acompanhavam os rituais. Mas Yahweh não aceitava aqueles ritos, nem mesmo quando eram oferecidos a Ele, e menos ainda quando estavam poluídos com o paganismo, formando um sincretismo doentio. Em outras palavras, todos os sacrifícios deles se tornaram abominações aos olhos de Yahweh. Deus teria de punir os filhos de Israel, e isso consistiria em enviá-los de volta ao Egito, ou seja, à Assíria. Por assim dizer, eles seriam enviados ao segundo Egito. E isso anularia o trabalho de redenção que tirou os israelitas do Egito. Israel, pois, merecia ser enviado de volta à servidão. A Septuaginta compreende que está em foco aqui a Assíria, adicionando ao versículo as palavras: "e entre os assírios eles comerão um alimento imundo". "O Egito representa aqui um símbolo do lugar do futuro exílio e da escravidão (cf. Osé. 9.3; 11.5 e Deu. 26.68)... Tendo desprezado a graça da redenção, ela retornaria à escravidão" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

8.14

Porque Israel se esqueceu do seu Criador. Israel esqueceu seu Criador e edificou inúmeros templos para honrar os deuses de nada. E a nação do sul, Judá, mesmo no tempo de Oséias, não era inocente. Judá multiplicou cidades

fortificadas, confiando em si mesmo e em suas alianças estrangeiras, e não em Yahweh. Mas, através do exército babilônico, todas as suas pretensiosas cidades fortificadas seriam devoradas. Os muitos templos, sem a presença de Yahweh, eram uma zombaria. As muitas cidades fortificadas, sem a força de Deus, eram tão fracas quanto a água. Algumas vezes, quando os verdadeiros valores não estão presentes, compensamos isso comprando móveis novos ou mesmo uma casa nova. Tais coisas, entretanto, não podem substituir os verdadeiros valores de um lar. Nem há substitutos para a verdadeira devoção e o culto religioso. Tanto Israel quanto Judá tinham perdido de vista os verdadeiros valores, substituindo-os por outros que somente serviam para conduzi-los ao desastre.

Uma inscrição de Senaqueribe diz que Ezequias tinha 46 cidades muradas e fortificadas. Essas cidades foram erigidas por Uzias e Jotão (ver II Crô. 26.10; 27.4). Ver os muitos templos de Israel aludidos em Amós 3.11,15. A auto-suficiência mostrou ser mera ilusão. Os julgamentos de Yahweh puseram fim a toda aquela triste atividade. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico.*

Capítulo Nove

A Idolatria de Efraim e Seu Castigo (9.1-17)

O Exílio Assírio para Efraim (9.1-6)

Talvez Wellhause esteja correto aqui ao sugerir que as palavras requeimantes de Oséias, neste capítulo, tenham sido proferidas bem no meio da celebração de algum tipo de festividade dionísica em Israel. Isso daria força especial às palavras: "Não te alegres, ó Israel, não exultes como os povos", isto é, com pagãos que efetuavam tais deboches. Esses povos, não possuindo as vantagens providas pela legislação mosaica, tinham amontoado para si mesmos toda a espécie de ritos imorais. Israel imitava esses povos e se envergonhava, quebrando o pacto com Yahweh (ver sobre o pacto mosaico nas notas de introdução a Êxo. 19). Portanto, foi proferida a temível mensagem: "Israel rejeitara o Senhor e, assim sendo, teria de suportar a punição que traria perda ao rei, aos filhos, aos lugares de adoração e ao país. Israel estava destinada a ser presa e lugar de matança, e a ser privada de seu território e de seu culto (Osé. 2.11; 8.11-14; 11.5)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo 9).

9.1,2

Não te alegres, ó Israel, não exultes, como os povos. Temos aqui o quadro do regozijo no pior tipo de deboche cúltico, que fazia a parte de uma prostituta correndo após a idolatria-adultério-apostasia, no estilo dos rituais cananeus. Eles alugaram prostitutas ao mesmo tempo que celebravam seus festivais, e o sexo tornou-se parte das celebrações da colheita. Aqueles réprobos tinham atribuído erroneamente a Baal a prosperidade de sua colheita (cf. Osé. 2.8,9). A nação obteve o salário de uma prostituta, os benefícios de sua agricultura (vs. 2). "Esses salários eram o trigo (na eira), as uvas e os figos (ver Osé. 2.12), o alimento, a água, a lã, o linho, o azeite e as bebidas fortes (Osé. 2.5). Em outras palavras, Israel acreditava que, prostituindo-se na adoração a Baal, garantiria boas colheitas, bem como as demais necessidades da vida" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

O vs. 2, entretanto, contém a advertência de que tudo isso falharia. As maldições de Deu. 28.30,38-42,51 em breve se tornariam realidade. Yahweh poria fim aos cereais e ao vinho de Israel (ver Osé. 2.9 e 7.14). Os lagares, usados tanto para as uvas como para as azeitonas (ver Joel 2.24), em breve estariam desolados. Em seu avanço, os assírios destruiriam a agricultura e matariam a maior parte dos agricultores. A estrutura econômica do país entraria em colapso, e então a deportação dos poucos sobreviventes escreveria *finis* sobre todo o Israel. "Embora as expectações de sua adoração aos ídolos fossem grandes, eles descobririam que estavam equivocados" (John Gill, *in loc.*). "A abundante produção da colheita é chamada de *salário da prostituta,* que fascinava a noiva infiel de Yahweh a adorar a falsa divindade de cujas mãos ela pensavam derivar aquela abundância " (Ellicott, *in loc.*).

9.3

Na terra do Senhor não permanecerão. Israel não mais merecia habitar em sua própria terra. Aquele território lhe fora concedido como herança, da parte de Yahweh, mas eles se tinham entregado à idolatria e ao deboche. Assim sendo, perderiam a vida e o território pátrio. Os poucos israelitas que sobrevivessem ante o ataque dos assírios serviriam como escravos, onde o povo de Israel começara, no Egito. Desse modo completar-se-ia um ciclo da história: eles tinham saído da escravidão e agora voltavam à escravidão. Sem dúvida foi uma história triste, que Israel insistia em tornar verdadeira. O Egito novamente simboliza aqui um lugar de servidão, paralelo à Assíria (ver as notas expositivas sobre Osé. 8.13). Tendo-se contaminado na Assíria, através da idolatria, do adultério e do paganismo, os poucos sobreviventes de Israel se paganizariam ainda mais por terem de comer coisas declaradas imundas pela lei mosaica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Assim terminaram todas as festividades e só restou um paganismo puro e infeliz. O desprezo aos privilégios terminou com a remoção de todos eles. Tendo sido poluídos por eles, seriam ainda mais poluídos por outros, em um autêntico cumprimento da *Lex Talionis* (retribuição divina segundo a gravidade dos crimes cometidos). Ver sobre esse título no *Dicionário.*

9.4

Não derramarão libações de vinho ao Senhor. *Privilégios Perdidos.* Israel colheria o que tinha semeado. Não haveria grande suprimento de vinho. Ainda que quisessem fazê-lo, não podiam usar vinho para oferecer libações a Yahweh. De fato, em sua pobreza no cativeiro, tiveram pouquíssimo vinho para beber, e não podiam usá-lo em seus ritos religiosos. Ademais, seus sacrifícios cessariam. Eles não teriam animais em número suficiente para sacrificar. E, além disso, mesmo que contassem com animais para esse propósito, os assírios não lhes permitiriam sacrificar a Yahweh. Por igual modo, havia pouco pão para comer, e o pouco que havia era "pão de pranteadores", a magra porção concedida aos cativos e escravos. Se comessem da carne e do pão dos sacrifícios, ficariam contaminados, pois o único sacrifício que podiam fazer era aquele oferecido aos deuses pagãos, que nada são. Eles só tinham pão suficiente para satisfazer a fome. No cativeiro também não havia templo dedicado a Yahweh. Eles nunca mais chegariam a Jerusalém, que lhes tinha sido tirada de modo definitivo.

O *pão de pranteadores* é uma alusão a homens imundos, que tocaram em corpos mortos (ver Núm. 19.14,15,22). Neste caso, a declaração é figurada. Eles estavam vivendo em uma terra pagã e, por isso, estavam envolvidos em uma morte em vida. Eles e todas as coisas em que eles tocavam, tudo era imundo.

9.5

Que fareis vós no dia da solenidade...? Temos aqui uma pergunta retórica que subentende uma resposta negativa. Israel tinha-se cortado de qualquer participação em qualquer dia solene, adoração ou sacrifício em honra a Yahweh. Para os israelitas, porém, as festas e festividades tinham terminado para sempre, o que representava enorme desespero para qualquer verdadeiro filho de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades).* Cf. Osé. 2.11: "Farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, os seus sábados e todas as suas solenidades".

9.6

Porque, eis que eles se foram por causa da destruição. Israel estava destinado a ir para o Novo Egito (a Assíria), onde todas as condições seriam adversas. A terra da escravidão os abraçaria; eles seriam sepultados em Mênfis; os espinhos tomariam conta de suas coisas preciosas, ou seja, qualquer coisa de valor que eles pudessem ajuntar, seria perdida em condições adversas. Mênfis, a cerca de 32 km do Cairo, era famosa como lugar de sepultamentos, o que explica a referência. O destino final dos exilados era o nada na sepultura. As boas propriedades que eles tinham comprado em Israel se perderiam, pois os espinhos e as ervas daninhas tomaram conta das terras onde eles habitavam. O mesmo seria verdadeiro quanto a qualquer coisa de valor que eles pudessem adquirir em seu "novo lar". Tudo se transformaria em cinzas e desolação. Este versículo fala da horrenda colheita que eles haveriam de ceifar, pois tinham semeado ventos e colheriam tempestades (ver Osé. 8.7). Na confusão, *alguns* exilados foram para o Egito literal, mas não é sobre isso que o profeta estava falando aqui.

Profundeza da Corrupção de Israel (9.7-9)

9.7

Chegaram os dias do castigo; chegaram os dias da retribuição. O dia temível da invasão assíria e do cativeiro estava bem próximo. Seria um dia de "divina visitação", expressão comum que aponta para o julgamento. Esse julgamento é uma justa vingança. Estamos sempre encontrando-nos conosco mesmos, a cada passo que damos. Criamos nossas condições de hoje mediante os atos de ontem. Este versículo prossegue a fim de mencionar alguns dos pecados mais vis do povo que tinha de ser punido. Eles chamavam de insensatos os verdadeiros profetas, e os perseguiam. Zombavam dos homens espirituais e chamavam-nos de doidos. Escarneciam do ministério espiritual que Yahweh lhes havia enviado e substituíam os verdadeiros profetas por profetas falsos, e homens de Deus por insensatos paganizados. Perpetravam uma multidão de pecados que o profeta não se importou em listar. Eles odiavam a tudo quanto era bom e decente.

Cf. este versículo com II Reis 9.11 e Jer. 29.26,27. Aqueles réprobos tornaram-se hostis a tudo quanto era bom. Totalmente depravados, tinham perdido toda a distinção como povo de Deus. Zombavam da lei de Deus, cujo intuito era torná-los um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Alguns estudiosos pensam na referência aos profetas, vista aqui, como uma alusão aos profetas falsos, e para eles os homens espirituais seriam uns insensatos pretensiosos, que faziam da religião um espetáculo. Mas a interpretação dada anteriormente deve ser preferida.

9.8

O profeta é sentinela contra Efraim. "O profeta é uma sentinela de Deus para advertir Israel do perigo. Mas por toda parte onde ele vai armadilhas são preparadas para ele. Tratam-no como um inimigo na própria terra de Deus" (NCV). Este versículo mostra-nos que o *profeta* do vs. 7, que o povo chamava de "insensato", era um profeta verdadeiro, e não faiso. Embora fosse uma sentinela para livrar Israel da desgraça assíria, o profeta foi perseguido e sua mensagem de arrependimento foi ignorada. A declaração aqui dá uma regra geral que aqueles réprobos seguiam. Todo e qualquer profeta era tratado assim se dissesse a verdade, enquanto as palavras dos falsos profetas tinham pronta aceitação.

Era dever de um profeta agir como sentinela, tal como um homem postado em uma torre podia ver um inimigo aproximando-se e daria advertência ao povo para preparar sua defesa. Ver Eze. 33.6; Jer. 6.17. O povo que odiava (vs. 7) fazia dos profetas um objeto especial de ódio. Eles tinham sido chamados de "casa de Deus", mas tal nome se tornara zombaria.

9.9

Mui profundamente se corromperam. *Uma Lição Objetiva.* Aqueles homens iníquos tinham-se mostrado especialmente vis em *Gibeá.* Talvez esteja em vista o pecado dos benjamitas (ver Juí. 19) ou a instituição do reinado, que não fazia parte da vontade divina (ver I Sam. 10.26). Estão em vista outras alusões, que se perderam para nós. Seja como for, aquele lugar especialmente ímpio representava todo o povo de Israel e todas as iniqüidades das quais eles deveriam prestar conta. Já vinha a caminho temível punição, a qual satisfaria a santidade e a justiça de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Indivíduos bissexuais de Gibeá tinham violentado brutalmente e assassinado a concubina de um levita. As pessoas sacudiam a cabeça e diziam: "Nunca tal se fez, nem se viu desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito" (Juí. 19.30). Oséias estava dizendo que essa marca negra na história de Israel tinha sido duplicada em seus dias, por toda a terra de Israel, mediante o deboche contínuo que prevalecia.

O Espírito da Prostituição e Sua Origem em Baal-Peor (9.10-17)

9.10

Achei a Israel como uvas no deserto. Israel estava totalmente *contaminado* pela prostituição (ver Osé. 6.10). Estava *podre* e *enfermo* (Osé. 5.13), totalmente *possuído* pelo espírito de prostituição e adultério (Osé. 5.4). Agora somos informados que eles se tornaram como os pagãos que adoravam a Baal, seguindo toda a espécie de deboche. Uma história ilustre foi assim anulada. Antes, eles tinham sido para Yahweh como uvas encontradas no deserto, inesperadamente. Eram fontes de prazer sem igual. Mas agora o deserto se tinha ressecado, e não havia mais uvas ali. A glória do Senhor tinha ido embora. Eles também tinham sido como o primeiro fruto da figueira, que o cultivador ansiava por ver e no qual se regozijou. Lá no começo da história de Israel, no tempo dos *antepassados,* o povo de Israel fora um deleite para Yahweh. Mas a história de Israel tinha-se azedado. O povo havia promovido sua idolatria-adultério-apostasia, tornando-se inteiramente depravado.

Lugares como *Baal-Peor* (ver a respeito no *Dicionário*) eram especialmente corruptos. Ali eles experimentaram uma forma depravada de idolatria, misturada com a prostituição e com ritos de fertilidade (ver Núm. 25). Baal-Peor era a divindade local do monte Peor. Havia muitos santuários corruptores de Baal espalhados por todo o reino do norte, e este é apontado como um exemplo da adoração imunda que sujeitou toda a nação do norte ao paganismo. "A apostasia em Baal-Peor não é descrita como um lapso temporário, mas como a expressão de uma atitude e uma dedicação definitiva que a continuasse. Eles se *consagraram* a Baal" (John Mauchline, *in loc.*). Cf. este versículo com Osé. 4.13,14.

9.11

Quanto a Efraim, a sua glória voará como ave. A glória de Efraim em breve terminaria. Não haveria poderes renovadores para trazer essa glória de volta. Não haveria "gravidez, nem conceição, nem nascimento!" (Revised Standard Version). A morte de uma nação estava prestes a tornar-se realidade. Uma *prole numerosa* era uma glória para a mente dos hebreus (ver Sal. 127.5). Mas o pássaro da multiplicação tinha voado para longe do país, para nunca mais voltar. Há aqui uma alusão aos cultos de fertilidade dos ritos de Baal, dos quais os israelitas participavam com tanta alegria. Não haveria mais laços nem haveria mais fertilidade. Morte era o nome do novo jogo. Cf. Osé. 4.10 e contrastar com Deu. 7.14. "A progênie era a glória da antiga nação de Israel (ver Gên. 22.17; Deu. 7.13,14; Sal. 127.5; Pro. 27.6)" (Ellicott, *in loc.*). Visto que eles se tinham entregado aos cultos de fertilidade, era apenas apropriado que ficassem sem filhos.

9.12

Ainda que venham a criar seus filhos, eu os privarei deles. Mesmo que Israel pudesse derrotar a terrível predição do vs. 11, evitando a esterilidade, e, assim sendo, conseguisse criar filhos, outros juízos divinos sobreviriam, enviando esses filhos ao esquecimento. Haveria doenças, acidentes e guerra. Violência arrebataria a vida dos jovens. Yahweh estava a ponto de separar-se de Seu povo, deixando-o desolado e sem esperança. *Icabô* era a palavra que estava sendo escrita por toda uma nação. Ver no *Dicionário* sobre esse termo. "Quão terrível será para eles quando eu me afastar deles!" (NCV). Talvez haja aqui uma alusão ao cativeiro assírio que aniquilaria os soldados jovens e enviaria os poucos sobreviventes para a escravidão.

9.13

Efraim, como planejei, seria como Tiro. Os filhos que tivessem nascido a um povo essencialmente estéril (vs. 11) tornar-se-iam *presas* dos assírios que avançavam. Efraim conduziria seus filhos ao matadouro, sacrificando-os em favor de uma causa perdida. O texto massorético refere-se a Tiro como um lugar agradável, como era Israel, mas, diferentemente de Tiro, Israel deveria cair em pedaços, enquanto Tiro prosseguiria até que os babilônios conquistassem o mundo daquela época. Uma conjectura põe a palavra *presa* em lugar de Tiro, sendo isso o que diz a Septuaginta, que várias traduções e intérpretes seguem. Algumas vezes em que aparecem variantes, as versões, especialmente a Septuaginta, preservam os textos originais. Aqui, porém, *Tiro* é o texto mais difícil, que foi mudado para um texto mais fácil, pelo que provavelmente é o texto original. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* quanto a informações gerais que incluem como os textos corretos são escolhidos quando aparecem variantes.

9.14

Dá-lhes, ó Senhor; que lhes darás? Se Yahweh era, usualmente, o *benfeitor* de Israel, o que Ele não daria àquele povo rebelde? Ele daria ventres abortivos e seios sem leite! Isso repete a noção de esterilidade do vs. 11. A própria natureza se revoltaria contra aqueles réprobos, e a glória que eles sentiam em numerosa descendência se perderia inteiramente. Yahweh estava fechando os livros sobre aquele povo. O capítulo final estava prestes a ser escrito, e não haveria seqüência. O vôo do pássaro é imprevisível, mas, quando um pássaro resolve voar, ele se vai (vss. 11). A morte de Israel era previsível, e sua glória também estava acabando. A glória do homem é, tradicionalmente, instável. No túmulo do imperador Frederico estão gravadas estas palavras indisputáveis: *Sic Transit gloria mundo* ("Assim é a glória deste mundo transitório"). Uma declaração moderna diz, com igual sabedoria: "Hoje aqui, amanhã desaparecido". Há uma glória que permanece, e essa é a glória que Deus dá à alma quando a abençoa.

Talvez tenhamos aqui alguma *ironia divina:* "Tão grande será a calamidade, que a esterilidade será uma bênção da parte de Yahweh, embora usualmente isso fosse contado como grande infortúnio (ver Jó 3.3; Jer. 20.14; Luc. 23.29)" (Fausset, *in loc.*).

9.15

Toda a sua malícia se acha em Gilgal. O ódio divino tomou o lugar do amor divino, por causa das sérias ofensas de Israel, em lugares como Gilgal. Ali foi estabelecido um vergonhoso culto da fertilidade (ver Osé. 4.15; 12.11). Também ali Saul foi aclamado rei (ver I Sam. 11.15; cf. Osé. 7.3,4 e 8.4), e isso contra a intenção divina. Isso firmou dois pecados constantes: confiar em reis, e não em Yahweh, e confiar no louco culto a Baal. Por causa dessas formas de infração, Israel seria expulsa de suas terras, e o amor divino se transformaria em ódio e desprazer. Seus líderes eram todos rebeldes, e o povo os seguia com alegria, na prática de sua idolatria-adultério-apostasia. Cf. Osé. 3.4. Aqueles rebeldes perderam o direito de ser o povo de Deus (ver Osé. 1.9).

9.16

Ferido está Efraim, secaram-se as suas raízes. Aos olhos de Deus, Efraim (a nação do norte, conforme ela aparece 36 vezes neste livro) já tinha sido humilhado pelo ataque dos assírios e pelo cativeiro que pôs fim a essa nação. Suas raízes tinham-se secado. Não havia mais vida naquela árvore. Ela não possuía mais folhagem nem fruto, que são sinais de vida. A menção ao fruto fez o profeta pensar na progênie daquele lugar. Essa progênie estava perdida. Isso repete o tema de Osé. 9.11,14. "Ironicamente, por causa da esterilidade generalizada e da mortalidade infantil em Efraim, o que antes tinha sido símbolo de frutificação podia ser comparado a uma planta ressecada, incapaz de produzir fruto" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). Cf. Sal. 102.4. "... ser morto pela espada... fome... pestilência... não haveria esperança na posteridade futura" (John Gill, *in loc.*).

9.17

O meu Deus os rejeitará. Temos aqui uma referência direta ao cativeiro assírio, atribuído à *rejeição* voluntária desse povo por parte de Yahweh, que controla o destino dos homens e das nações. Esse ato faz parte de Sua *Soberania* (ver a respeito no *Dicionário*), mas ocorreu de acordo com os ditames da lei moral. A questão nada tinha que ver com o *Voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Isso nos mostra que a vontade divina representa tudo, e a razão humana nada representa. Porém, existem razões por trás dos atos divinos que se fundamentam em princípios morais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo*. O povo apostatado foi lançado fora e espalhado entre as nações, onde ficou a vaguear como Israel no deserto; mas em contraste com a antiga geração de israelitas, eles nunca mais voltariam para sua própria terra. A nação de Israel teria de continuar através de Judá, a nação do sul. Pode haver aqui alusão ao caso de Caim (ver Gên. 4.12). Todo o Israel acabará sendo salvo (ver Rom. 11.26), mas isso não é o tema do profeta neste ponto do livro. Provavelmente, os judeus que se reuniram no dia de Pentecoste, vindos de muitos países, descendiam daqueles rebeldes, e, neles, uma nova promessa começou a operar. Ver Atos 2.9-11.

Capítulo Dez

A Sorte do Rei de Israel e o Bezerro de Betel (10.1-8)

10.1

Israel já havia sido uma vinha luxuriante, fonte de muito fruto e vida. Como povo, foi ficando cada vez mais rico. Mas sua queda começou quando a atenção do povo se voltou para a idolatria. Com isso, iniciou-se um lento processo de morte, que culminaria com o ataque dos assírios e o cativeiro. Todo o tipo de idolatria infestava o país, sufocando a vida espiritual. A prosperidade material deveria ter levado a maior espiritualidade, pois um crente próspero deve sentir gratidão por seu Benfeitor, que lhe supre todas as coisas boas (Tia. 1.17). Isso, porém, de alguém "ficar rico" geralmente produz o efeito contrário. As pessoas mergulham no materialismo e se esquecem de Deus. "Na terra de Canaã, Israel desenvolveu-se no pecado, tal como tinha aumentado quanto à prosperidade" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). Quanto às "colunas" que serviam de deuses, cf. Êxo. 23.24. Ver também Osé. 3.4 e 10.2 quanto a essas pedras sagradas. Osé. 2.5,8,9 mostra que a estupidez de Israel atribuía sua prosperidade ao culto a Baal. Mas Osé. 2.15 mostra-nos que essa prosperidade fluía de Yahweh.

10.2

O seu coração é falso; por isso serão culpados. O coração dos israelitas era *insensato* (Revised Standard Version). Coisa alguma boa podia proceder dali. Eles se tinham tornado culpados em todos os seus caminhos, com sua idolatria franca e seu sincretismo doentio, que misturava o culto a Yahweh ao culto a Baal. Por conseguinte, Yahweh haveria de derrubar os altares e destruir as colunas sagradas, símbolos de uma idolatria multifacetada. A Septuaginta diz que eles ficariam "desolados". O coração deles era *falso* e *dividido,* e a palavra hebraica *hullaq* pode ser traduzida com diferentes vocalizações. Alguns preferem a tradução *traiçoeiros.* Quanto ao *coração falso,* cf. I Reis 18.21; Mat. 6.24 e Tia. 4.8 (mente dúplice). Esse tipo de pessoas não pode esperar muita coisa da parte de Deus.

10.3

Agora, pois, dirão eles: Não temos rei. Os vss. 3 e 4 revelam o estado de perplexidade reinante justamente antes que caísse o julgamento de Yahweh, pela instrumentalidade dos assírios. Eles estavam prestes a perder o seu rei e sua classe governante. Ficariam, assim, sem líderes, sem proteção. A principal tarefa do rei era proteger a nação com um exército adequado. Tudo isso não demoraria a ser anulado, e os israelitas, impotentes, ficariam à mercê dos invasores. Contudo, os assírios não demonstrariam misericórdia. Haveria grande matança, e os poucos sobreviventes seriam levados cativos. Homens que *não temem o Senhor,* destituídos de *espiritualidade básica,* caem nessas calamidades. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor,* e notas adicionais em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. A história dos reis é repleta de opressão interna e batalhas perdidas externamente. Isto posto, qual seria a história, quando eles não tivessem mais rei? Os reis de Israel não apresentaram remédios duradouros para as situações, e tinham atuado até como fatores negativos, criando sofrimento. Quanto as coisas piorariam quando o rei fosse varrido da cena? Samuel havia advertido o povo de Deus de que o "governo dos reis" teria mau resultado. Ver I Sam. 8.19. Homens justos poderiam ter salvado Sodoma. Mas a iniqüidade condenara Israel. Os reis tinham sido líderes na iniqüidade, levando o povo à corrupção. Era tudo uma causa perdida.

10.4

Falam palavras vãs, jurando falsamente. Este versículo descreve os atos e as palavras insensatas e traiçoeiras dos reis. Eles eram homens de discursos bonitos, mas de atos desleais. Só firmavam alianças visando vantagens pessoais, e logo as traíam, quando elas não serviam mais a seus propósitos egoístas. O texto fala sobre *meras palavras, sobre juramentos falsos,* produzidos pela sede do governo, mas que nada produzem... Essa é uma verdade permanente. "O Kaiser Guilherme II referia-se aos tratados como sobras de papel" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

Essa perfídia se tornara como a erva daninha venenosa que se tivesse misturado nos sulcos dos campos, mediante aragem. O país inteiro estava estragado e era mortífero. Em vez de plantas doadoras de vida, o solo estava coalhado de plantas venenosas que não podiam ser comidas, sob pena de morte. Cf. Deu. 29.18; Amós 5.7 e 6.12.

10.5

Os moradores de Samaria serão atemorizados. Quando o rei falhou e a desesperança se espalhou, o povo de Israel voltou-se para a idolatria, como se esta fosse seu deus e seu rei. Mas até a "preciosa" idolatria deles foi obliterada pelo ataque dos assírios e pelo cativeiro que se seguiu. Betel, a "casa de Deus", havia degenerado em casa da idolatria, ou casa da iniqüidade (que é o sentido de *Bete-Áven*) (Cf. Osé. 4.15 e 5.18 e ver sobre esse título no *Dicionário*). Todas as coisas são transitórias, com a exceção única de Deus, e é por isso que esperamos Nele. Israel, entretanto, havia colocado erroneamente sua confiança em reis e ídolos, pelo que terminou sem esperança. Era prática dos exércitos antigos no Oriente Próximo e Médio levar os ídolos das nações conquistadas. Alguns desses ídolos tornavam-se parte de seus panteões, e a idéia era que talvez houvesse alguma virtude neles, capaz de ajudar os novos "proprietários". Esse era o modo ridículo de raciocinar dos idólatras. Porventura, ídolos que tivesse decepcionado a um povo ajudariam a outro, somente porque o centro de poder tinha mudado? Seja como for, os vss. 5,6 nos dão uma vívida figura das religiões falsas e seus maléficos resultados.

10.6

Também o bezerro será levado à Assíria. Este versículo refaz as idéias do vs. 5. Aqui recebemos a informação específica de que a Assíria foi o instrumento da queda da nação israelita, a potência que acabou com o reinado em Israel e levou seus ídolos. Aqueles ídolos horrendos, que se tornaram parte do *pagamento* que Israel teve de prestar a seus conquistadores, eram uma porção do saque que formava o salário dos soldados dos exércitos antigos. O rei da Assíria era agora visto como *grande,* ao passo que o rei de Israel caiu no esquecimento porque falhou de confiar em Yahweh. Não houve nenhum acidente envolvido. A questão inteira serve para ilustrar a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Quando Jeroboão estabeleceu a adoração ao bezerro em Dã e Betel, iniciou um longo processo que terminou na morte da nação do norte. O cisma levou à extinção final.

10.7

O rei de Samaria será como lasca de madeira. A derrubada do rei de Israel é novamente mencionada, dessa vez por meio de uma metáfora. Ele se tornou como uma lasca de madeira flutuando à superfície da água, isto é, de tão leve era jogado para cá e para lá, como se nada fosse. Provavelmente, essa figura simbólica alude a ídolos de madeira. O rei nada mais era do que uma lasca de um ídolo, lançada sobre águas agitadas. A madeira do ídolo de nada valia, nem valia uma lasca arrancada de um ídolo. Tanto o ídolo quanto a lasca caíram no esquecimento. "O rei foi lançado sobre o mar espumejante da vida política como um fragmento sem valor" (Ellicott, *in loc.*). Esse intérprete também via na figura um quadro do caos político geral que dominava Israel nos últimos dias de sua existência.

"*Como os poderosos caíram.* Os reis títeres têm a mesma sorte que os deuses títeres. Tal como um deles desapareceria, assim também aconteceria ao outro. Que quadro notável! Sugere o extremo da insegurança e da instabilidade, uma pequena lasca de madeira a saltitar sobre a água, sujeita ao impulso de cada pequena ondulação" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

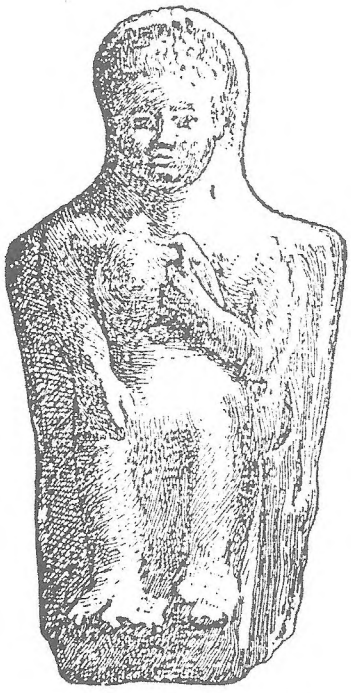
10.8

E os altos de Áven, pecado de Israel, serão destruídos. Os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*) eram honrados e exaltados pelos idólatras. A idolatria de Betel (*Áven,* o lugar da *iniqüidade*) ocupava um lugar altivo. Mas agora ela jazia em ruínas, e os espinheiros tomaram conta do lugar onde bosques verdejantes antes proviam local confortável para as práticas idólatras. Isso é uma ilustração do salário do pecado (ver Rom. 6.23). Uma vida agradável foi substituída pelos sinais da morte. Espinheiros cobriram os altares onde os sacrifícios tinham sido

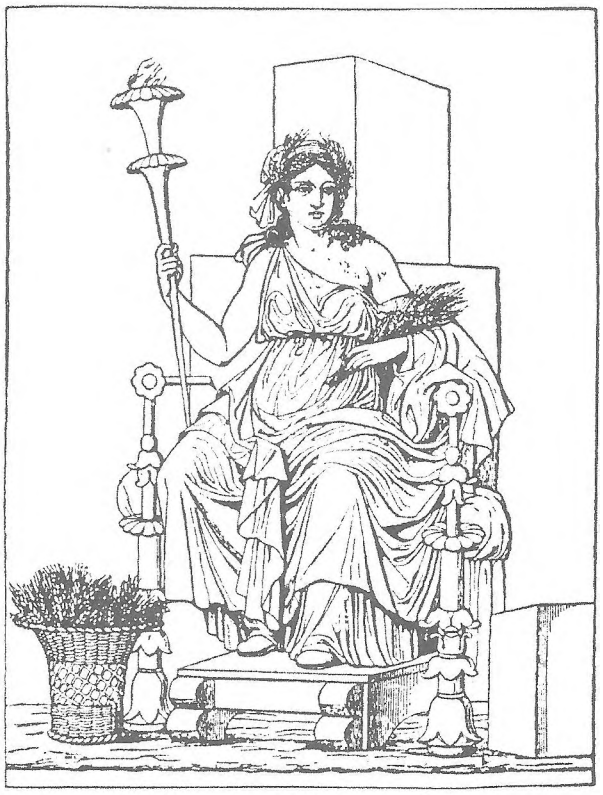
IDOLATRIA

Idolos Babilônicos

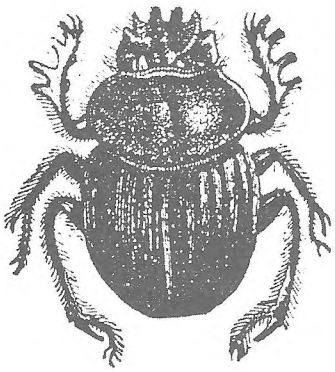
Sacrifício a Atena num Casamento



Deusa Fenícia de Amor

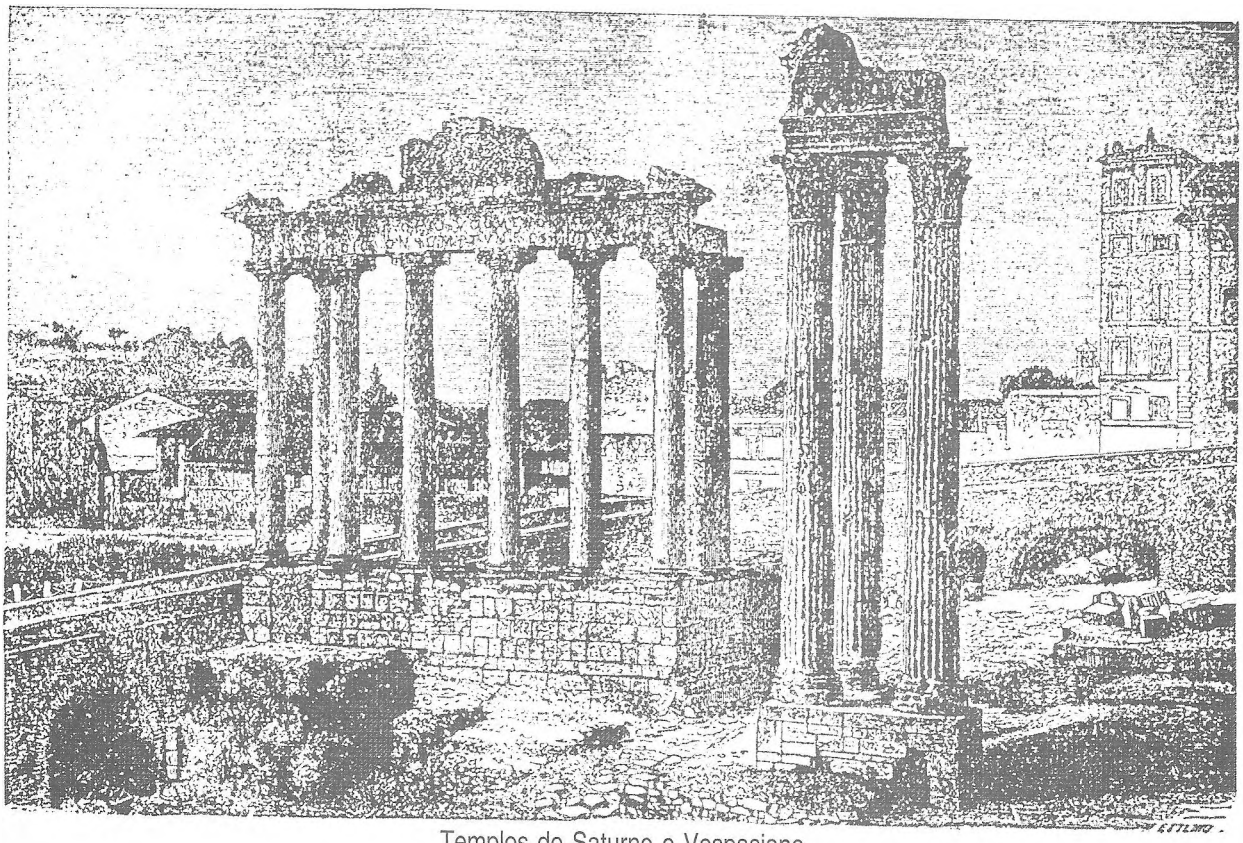


Ceres, Deusa Romana
da Agricultura

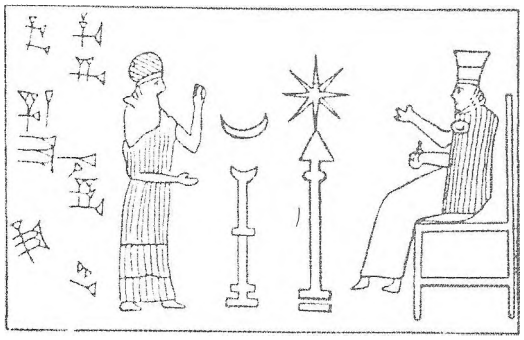


Escaravelho Sagrado
dos Egípcios

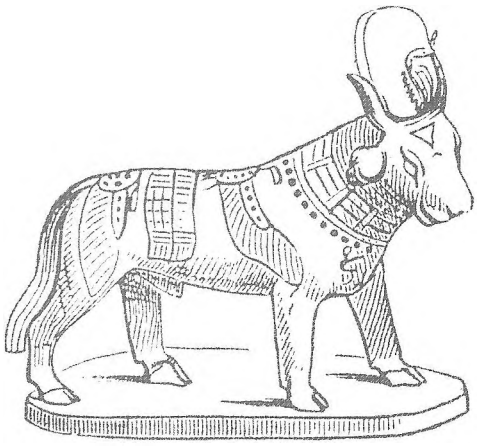
IDOLATRIA



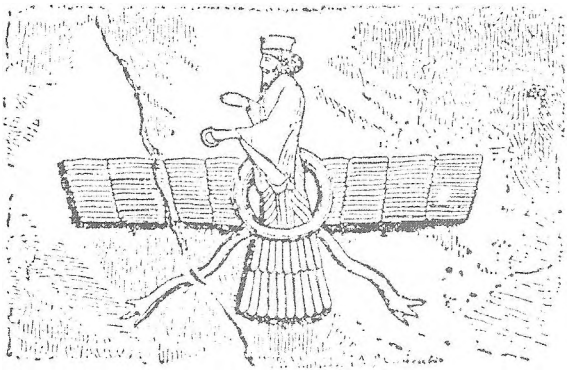
Templos de Saturno e Vespasiano



Deus-Sol da Babilônia



Ápis, Deus-Touro do Egito



Auramazda, Deus Persa

Deus Voador da Assíria

postos antes, e os israelitas, em desespero, convocavam os montes para encobrir-lhes, da mesma forma que os espinheiros tinham posto fim à idolatria. Eles ordenavam às colinas que caíssem sobre eles para pôr fim a toda aquela triste história. Cf. o uso que o escritor de Apo. 6.16 e 9.6 fez dessas palavras. As colinas nas quais eles tinham colocado seus ídolos (fonte de sua confiança), longe de ajudar os israelitas, tornaram-se os agentes da sua destruição. Cf. as palavras de Jesus em Luc. 23.30.

Como Israel Perdeu o Controle (10.9-15)

10.9

Desde os dias de Gibeá pecaste. Este versículo nos leva de volta aos pecados cometidos em Gibeá, conforme vemos em Osé. 9.9, cujas notas não reitero aqui. A iniqüidade espalhou seus tentáculos mortíferos e abraçou toda a nação. Uma guerra disciplinadora sobreveio àquele lugar especialmente ímpio e espalhou-se dali por toda a nação de Israel. "Gibeá ficava no extremo sul de Efraim. Para que um exército invasor chegasse lá, teria primeiro atravessar o país inteiro, o que era histórica e geograficamente verdadeiro" (John Mauchline, *in loc.*).

Era apropriado que o julgamento atingisse aquele lugar, que tinha servido como padrão da corrupção da nação inteira. "O povo dali continuava pecando. A guerra certamente os avassalaria, por causa das maldades que eles tinham praticado ali" (NCV).

10.10

Castigo o povo na medida do meu desejo. Yahweh é pintado como o General dos exércitos das nações (unidas sob a Assíria) que poriam fim à nação de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Senhor dos Exércitos*. O poder da Assíria, internacionalizado, garantiria a punição apropriada de Israel, a saber, a total extinção de um povo que tinha saído do controle e estava fora da possibilidade de redenção.

Sua dupla transgressão. Esta transgressão permaneceu indefinida pelo profeta e tem atraído várias interpretações, a saber: 1. Os ídolos de Dã e Betei constituíam dupla ofensa; 2. o pecado da instituição do reinado, além da idolatria (ver as notas em Osé. 9.9); 3. ou estão em vista os dois pecados mencionados por Jeremias: eles abandonaram Yahweh e se aliaram aos ídolos (Jer. 11.13); 4. ou pecados passados que vieram a ser duplicados no presente; 5. ou a referência é geral, dando a entender somente um "grande grau de pecado". Israel pecara abundantemente, em *dupla porção*.

10.11

Porque Efraim era uma bezerra domada. Houve tempo em que Efraim era uma bezerra dócil e cooperadora, que amava a atividade da aragem e do trilho a que o cereal era submetido. Mas o tempo de cooperação pacífica tinha chegado ao fim. A disposição da novilha havia azedado. Israel se tornara rebelde e voluntarioso. Por isso, Yahweh teve de colocar pesado jugo no pescoço da nação, para tentar recuperar o controle e obter um trabalho útil da parte da bezerra. Talvez se Israel precisasse trabalhar arduamente sob o jugo, tornar-se-ia suficientemente disciplinada para retornar aos dias antigos da lei mosaica, abandonando os caminhos da idolatria.

O animal que trilhava não precisava de jugo e tinha a vantagem de poder comer do cereal que estava sendo separado da palha. Essa era uma tarefa relativamente fácil. Cf. as palavras de Jesus sobre o jugo fácil e leve (ver Mat. 11.29,30). Alguns eruditos supõem que o *jugo* seja o cativeiro assírio. Nesse caso, o jugo falhou, não produzindo os efeitos esperados. Judá também receberia seu jugo pesado no cativeiro babilônico, mas nesse caso bons resultados seriam produzidos pela disciplina. Jacó (Israel-Judá) teria o trabalho árduo de quebrar as crostas da terra e preparar o solo. A disciplina estaria presente, com resultados diferentes. Mas aqui Jacó, evidentemente, refere-se somente à nação do norte (ver Osé. 12.2). O pacto tinha sido quebrado. Um trabalho árduo esperava os filhos de Israel no cativeiro.

10.12

Então disse: Semeai para vós outros em justiça. O trabalho laborioso do vs. 11 agora torna-se produtivo, por ser feito no espírito correto. Esse era o resultado "esperado". Em seus primeiros dias, a novilha (Efraim) tinha recebido tais instruções. No princípio, o labor era caracterizado pela alegria. Mas tudo isso caiu em ruínas. Então veio o trabalho árduo dos cativos. O jugo pesado poderia levar de volta ao tempo alegre de serviço amoroso, que era espiritualmente produtivo. Essa era a *esperança*. O país poderia colher os frutos do *amor constante* (Revised Standard Version); poderia voltar a buscar Yahweh; poderia receber chuvas de salvação, *se* a disciplina fosse recebida da maneira correta. Nenhuma dessas coisas, porém, aconteceu. O caso estava perdido. Era inútil apelar para a bezerra rebelde. Temos aqui um convite à lealdade ao pacto, bem no meio do desastre. Havia possibilidade de restauração mesmo então (cf. Isa. 1.18-20). Cf. Osé. 6.3 quanto às bênçãos de doação de vida, das chuvas anteriores e posteriores. Ver também I Cor. 3.6. O convite era para retornar e agir de modo diferente, a fim de obter resultado diferente. Um homem não pode estar em um país distante e na própria terra ao mesmo tempo. Tal homem deve escolher onde quer estabelecer sua residência. Israel foi chamado a voltar o rosto na direção de casa, mas estava fora do alcance da recuperação.

10.13

Arastes a malícia, colhestes a perversidade. A *semeadura e a colheita* eram as regras do jogo. Israel tinha arado na iniqüidade, plantando sementes de ervas venenosas no solo (vs. 4). O resultado obtido seguia a lei divina: o veneno produziu plantas venenosas. A injustiça tomou conta da sociedade. As mentiras semeadas em breve produziram fruto amargo, que precisou ser comido. Em vez de confiar em Yahweh, aqueles réprobos puseram sua confiança no poder militar e nas alianças estrangeiras. Coisa alguma de bom pode ser produzida por tais atitudes e atos. "Agora tereis de viver com os resultados de vossas mentiras" (NCV).

Comestes o fruto da mentira. Ou seja, a falsidade da idolatria, mas o vs. 4 pode expressar a idéia central: juramentos vãos e vazios eram a essência das alianças feitas por eles. Seja como for, os frutos que eles tinham de comer eram amargos. Havia falsa adoração; falsos pactos; falsas promessas; falsificação da aliança que fora estabelecida com Yahweh no Sinai. Ver sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Exo 19.

10.14

Portanto, entre o teu povo se levantará tumulto de guerra. Israel falhou, não ouvindo a voz gentil de Yahweh, que chamava o povo ao arrependimento (ver Osé. 9.14), pelo que a nação seria forçada a ouvir o rugido da guerra. O tumulto da guerra seria levantado contra eles. Suas cidades fortificadas, das quais eles dependiam, em breve seriam reduzidas a pó pelos assírios. Uma ilustração é dada pelo poder destruidor de *Salmã*. Ele venceu facilmente *Bete-Arbel*. Ver sobre ambos os nomes no *Dicionário*.

É possível que a referência seja a Salmaneser VI, rei assírio que assediou a cidade de Samaria entre 725 e 723 A. C., embora o nome *Salmaneser* apareça por extenso em outras passagens bíblicas. Menos provável é a sugestão que diz que esse nome deve ser equiparado ao rei moabi Shalamanu, mencionado nos registros históricos assírios. A invasão encabeçada por essa última pessoa ocorreu no século VIII A. C. Com base na Septuaginta, alguns estudiosos adotam a tradução que diz: "como Salum destruiu a casa de Jeroboão". Mas esse texto é apenas uma tentativa para esclarecer uma referência histórica obscura. A localização de *Bete-Arbel* também é incerta, mas o que é conjecturado aparece no artigo sob esse título no *Dicionário*. O local é mencionado somente aqui no Antigo Testamento. Embora as referências sejam obscuras para nós, podemos estar certos que os leitores originais sabiam o que o profeta queria dizer e sentiriam o impacto dessa ilustração, como advertência contra o descuido espiritual. Houve terrível matança ali que não isentou nem mulheres nem crianças. E os assírios não demonstraram piedade alguma.

10.15

Assim vos fará Betel, por causa da vossa grande malícia. "A mesma coisa vos acontecerá, ó povo de Betei, porque causastes tão grandes males. Chegado o tempo, o rei de Israel morrerá" (NCV). A Septuaginta diz "casa de Israel", em vez de "Betei", e alguns estudiosos aceitam essa emenda como correta. O texto massorético fala do rei morrendo ao *amanhecer*. Nada sabemos sobre essa circunstância, pelo que alguns emendam o texto para "no começo do seu reinado", que também é outra conjectura. Não obstante, a mensagem é bastante clara. Mulheres e crianças (os elementos mais dependentes da sociedade) seriam mortas, e outro tanto sucederia às maiores autoridades de Israel, incluindo o rei. A nação inteira morreu em 721 A. C. e nunca mais renasceu. O rei em vista é *Oséias*, último monarca de Israel. Foi escrita a palavra terrível, "fim", sobre ele e sobre a nação que ele governara por oito anos. Ver sobre *Oséias*, no *Dicionário*.

Capítulo Onze

O Amor de Deus (11.1-11)

Novamente, o profeta Oséias relembra a história inicial de Israel, em contraste com o lamentável presente (cf. Osé. 9.10 e 10.1). Israel, no início de sua

história, era um filho do Pai celestial, não uma prostituta casada com Baal. Mas aqui vemos um pai que é forçado a castigar o filho desviado. "Este capítulo contém algumas das passagens mais ternas e aquecedoras do coração do livro. Elas enfatizam o fato de Oséias foi realmente o profeta do amor, um fato que nem a severidade de suas explosões nem o rosto vincado de suas predições poderiam obscurecer. Oséias, como já vimos, algumas vezes usa a figura simbólica do marido e de sua mulher para descrever a relação entre Deus e Seu povo. E, tal como se vê em Osé. 11.1, ele também emprega a metáfora do pai e do filho" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*). Mat. 2.15 cita o primeiro versículo deste capítulo, embora aplique as palavras concernentes ao fato de que Jesus deixou o Egito depois de ter sido levado para ali em busca de segurança.

A presente passagem ilustra algo da filosofia da história dos hebreus. Para eles, a história era um drama divino-humano, e não uma série de eventos desconexos, nascidos ao acaso. Deus, em Sua soberania, estava traçando um plano, mas Seus atos eram (e são) condicionadas pelas leis morais. Não temos aqui o *voluntarismo,* que é a idéia de que a vontade divina governa sem a intervenção da razão. Ver sobre esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Os atos divinos são sempre moralmente razoáveis. Temos em vista a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), mas condicionada pela reação humana, de modo que a vontade divina e a vontade humana interagem. Ver na *Enciclopédia* os verbetes chamados *Determinismo* e *Livre-arbítrio.* O Criador intervém em Sua criação. Ele recompensa e pune. Isso reflete o *teísmo.* O *deísmo,* por sua vez, ensina que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação ao controle das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.*

Nesse esquema divino-humano das coisas, Israel foi chamada a ser um instrumento especial. Por meio de Israel, o conhecimento de Deus seria revelado ao mundo inteiro, "pois Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3.16). Ver Isa. 11.9.

O Treinamento da Criança, Israel (11.1-4)

11.1

Quando Israel era menino, eu o amei. Está em vista o tempo da saída de Israel do Egito e de suas perambulações pelo deserto, quando Israel foi uma nação independente, mero bebê entre as nações, um menino "chamado para fora" da servidão. Cf. Osé. 9.10. Havia o grande *amor constante* do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18 quanto a notas expositivas), que dominava a cena. O fato de Yahweh ter tirado Israel "do Egito" é tema muito repetido no Antigo Testamento, aparecendo no livro de Deuteronômio por mais de 20 vezes. Ver as notas sobre a questão, em Deu. 4.20. Cf. Mat. 2.15, onde essas palavras são aplicadas ao Senhor Jesus. A história de Israel não se caracterizava pela mera chance, mas pela orientação divina baseada no amor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* Esse amor deveria ser mútuo (ver Deu. 6.5), mas raramente aconteceu assim. Ver na introdução ao capítulo quanto ao *Voluntarismo,* ao *Determinismo,* à *Soberania,* ao *Teísmo* e ao *Deísmo,* conceitos que se aplicam a este texto.

11.2

Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença. "A condição inicial e bendita em breve se desintegrou no desvio e na apostasia. A idolatria entrou desde cedo. Israel perdeu, assim, sua distinção entre as nações, a qual se baseava na possessão e na prática da lei mosaica (ver Deu. 4.4-8). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria,* quanto ao grande pecado renitente de Israel, que era o pai de tantos outros pecados. Israel fora chamada para ser *livre* (fora tirada da servidão), mas, mediante o abuso dessa liberdade, em breve se escravizou no pior tipo de servidão, a saber, a servidão aos deuses de nada, incluindo a adoração sensual de Baal celebrada por meio de ritos de fertilidade, incluindo a prostituição "sagrada" e o sacrifício de crianças nas chamas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Baal.* "A liberdade deles tornou-se oportunidade para maior escravidão. Consideremos os dois tipos de servidão: a servidão ao Faraó e a servidão ao pecado" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 2.27.

11.3

Todavia, eu ensinei a andar a Efraim. O Pai celeste, em Seu tremendo amor, foi o tutor de Efraim (usado para indicar *Israel,* por 36 es neste livro), Quem ensinou Israel, Seu filho, a andar. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Andar.* Esse andar foi o caminho espiritual de Moisés. Ver sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19. Cf. Deu. 1.31 e Isa. 1.2. Quando o filho falhou e foi julgado, então o amor de Deus estendeu a mão para baixo e *curou,* provendo outras chances para que ele andasse corretamente. O amoroso Pai não perdeu a paciência nem jamais desistiu, pois é sempre cedo demais para desistir. A Septuaginta contém a terna expressão: "... eu o tomei em meus braços", que também se encontra no Targum e na versão siríaca. Cf. este versículo com Êxo. 15.26 e Deu. 32.10-12.

Eles não souberam que eu os carreguei e os curei de suas enfermidades.

(Marti)

11.4

Atraí-os com cordas humanas. "Eu os carreguei com cordas da bondade humana, com laços de amor; tirei o jugo do pescoço deles; eu me inclinei e os alimentei" (NCV). O amor divino, que ultrapassa todos os amores, manifestou-se de diversas maneiras e em todas as circunstâncias possíveis.

Amor divino, que ultrapassa a todos os amores,
Alegria dos céus desce aqui à terra.
Fixa entre nós Tua humilde habitação.

(Charles Wesley)

"Neste versículo, Israel se compara a um animal de carga (cf. Osé. 10.11). O Senhor é comparado a um proprietário que gentilmente (em bondade e amor, vs. 1) guia seu animal e remove seu jugo, para que ele paste com maior facilidade, consumindo toda a variedade de alimentos. O Senhor tratava Israel com compaixão e amor, e esperava amor por Sua vez" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). Diz o Targum: "Mesmo quando eles estavam no deserto, eu multipliquei boas coisas para eles". "Quantos privilégios, vantagens e consolos ele misturou com os seus preceitos, para torná-los tanto retos quanto *felizes*" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Rebeldia de Israel e Seus Resultados (11.5-7)

11.5

Não voltarão para a terra do Egito, mas o assírio será seu rei. A seção muda drasticamente de uma cena de amor para a cena de uma ameaça contra o filho habitualmente rebelde. Enquanto Israel era libertado, de uma vez para sempre, da servidão egípcia, eles estavam prestes a entrar em uma servidão mais dura ainda, na Assíria. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Cativeiro Assírio.* A rebeldia era o jogo que Israel mais sabia jogar, o que fazia violento contraste com a maneira de tratar do Pai celestial. Temos aqui o espetáculo de um filho muito amado a rejeitar o terno cuidado de seu pai, corrompendo-se propositadamente em uma rebelião ridícula. Foi algo realmente estonteante, mas uma cena que vemos comumente "lá fora", quando muitos filhos desapontam os pais. Oh, Senhor, livra-nos de tal coisa! A retribuição segue nos calcanhares de tal atitude. Cf. este versículo com Osé. 8.13 e 10.3-6. O jugo mosaico foi lançado longe, embora fosse debaixo desse jugo que a nação tivesse prosperado. Porém, um jugo muito pior tinha caído no pescoço daqueles réprobos.

11.6

A espada cairá sobre as suas cidades. O novo jugo seria violentamente imposto e violentamente preservado. A *espada* (a guerra) aniquilaria o filho, pois ele chegara à terra de onde não se retorna. Yahweh era um pai misericordioso, mas os assírios não sabiam o que era ter dó. Diz aqui, literalmente, o original hebraico: "A espada girará por suas cidades". Esta é uma maneira gráfica de dizer que o ataque dos assírios seria terrível, incansável, tal como um tornado que destrói tudo em seu caminho. Nenhuma tranca de nenhum portão teria utilidade. Seriam todos despedaçados por ventos temíveis. Suas fortalezas seriam "devoradas" pela tempestade, e o povo de Israel ficaria totalmente impotente diante de uma força superior. Haveria matança sem misericórdia, e os poucos sobreviventes seriam levados para o cativeiro, o qual jamais seria revertido. Foi assim que morreu uma nação inteira. Note o leitor o violento contraste entre o anterior terno cuidado do Pai e o fim do filho rebelde. Cf. este versículo com II Sam. 12.10.

Os seus ferrolhos. Literalmente, os *ramos,* ou seja, as trancas que encerravam seus portões. Alguns estudiosos preferem compreender aqui as *aldeias,* os ramos da capital. Outros ainda, contudo, entendem aqui *guerreiros* que tentariam defender sua terra natal, mas seriam mortos.

11.7

Porque o meu povo é inclinado a desviar-se de mim. O *impulso interior* de Israel era rebelar-se contra Yahweh e Sua lei, por não querer aceitar o jugo Dele. Porém, ao "desviar-se" dessa maneira, eles se submeteram a um jugo muito pior, do qual nunca conseguiriam livrar-se. Os filhos de Israel "cansaram-se" debaixo do jugo de Yahweh, conforme alguns entendem o hebraico envolvido. A Septuaginta, porém, tem um texto bem diferente: "e Deus está irado com Seus preciosos, e não os exaltará". A NIV diz que o povo "resolveu" voltar-se noutra direção, pelo impulso de sua corrupção interior, inspirado pela idolatria. Isso nos faz lembrar da esposa infiel e da bezerra teimosa, embora nenhuma figura simbólica seja usada neste versículo.

A segunda metade do versículo é obscura, além de qualquer possibilidade de recuperação, o que faz os tradutores e os intérpretes conjecturar: eles foram designados para um jugo que nunca seria removido (Revised Standard Version); eles foram chamados para o Deus Altíssimo, mas ninguém O exaltou (KJV); os profetas clamaram a eles, mas nenhum deles terminou honrando a Yahweh (NCV); eles invocaram o Deus Altíssimo, mas Ele não os quis exaltar (NIV); Deus estava irado com os Seus preciosos e não quis exaltá-los (Septuaginta).

Yahweh é Deus, e Não Homem (11.8-9)

11.8

Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Embora forçado a tratar brutalmente Seus filhos, o coração de Yahweh não estava naquilo tudo. Ele se encolhia diante de Sua própria ferocidade e desejava que as coisas fossem diferentes. Como poderia o pai bondoso entregar seu filho precioso para ser destruído pelos assírios, de forma que esse filho se tornasse como *Admá* e *Zeboim,* cidades da planície que pereceram juntamente com Sodoma e Gomorra? Ver no *Dicionário* sobre esses lugares, e cf. Deu. 29.23 e Jer. 49.18. O coração de Yahweh voltou-se para Si mesmo quando Ele estabeleceu o decreto de trazer os assírios do nordeste. Contudo, Sua santidade exigia vingança contra um filho tão réprobo. O amor de Deus tinha feito tudo quanto era possível fazer; a paciência de Deus tinha esperado tudo quanto podia esperar. Yahweh puniria, embora não deixasse de amar. Os julgamentos divinos são remediais, no final de contas, pois na verdade são os dedos da amorosa mão de Deus. Pois Ele disse: "As minhas compaixões à uma se acendem". Cf. isso com Gên. 43.20 e I Reis 3.26. Este versículo, logicamente, é altamente antropopatético, isto é, fala como se Deus compartilhasse emoções humanas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Não obstante, é um dos melhores versículos da Bíblia sobre o amor divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor,* onde apresento poesia e declarações ilustrativas.

11.9

Não executarei o furor da minha ira. Este versículo, naturalmente, é problemático, porquanto afirma que Deus não fará exatamente o que Ele estava prestes a fazer: esmagar o apóstata Efraim. A contradição pode ser evitada traduzindo-se a frase como uma pergunta: "Não devo executar o brasume de minha ira? Não devo eu voltar-me para destruir a Efraim? (Sim, devo), porque sou Deus, e não homem" (tradução de Marti, que alivia o problema). Outros tentam aliviar o problema pondo um "finalmente" como compreendido. O julgamento deve vir, mas não será final. O amor escreverá o último capítulo. Os cativeiros assírio e babilônico tinham de vir, mas todo o Israel será finalmente salvo (ver Rom. 11.26). O coração do Deus eterno é maravilhosamente bondoso, mas o amor operará *através* do julgamento. Seu propósito final é restaurar, e não aniquilar.

O funeral de Luís XIV foi uma cena espetacular. A catedral de Nobre Dame foi profusamente decorada. O corpo do rei foi adornado de tal maneira que se pensaria que ele não estava morto. Então se levantou o pregador. O que ele diria sob tais circunstâncias? Que louvor ao rei ele poderia proferia eloqüentemente? Ele disse apenas: "Só Deus é Grande!". Portanto, é o que temos aqui: Yahweh é Deus, e não homem; Ele deve agir em consonância com a Sua santidade; deve julgar mas, de alguma maneira, Ele amará e julgará ao mesmo tempo. Ele fará o que o homem não pode fazer, em suas limitações. Somente Deus pode ter as chamas do amor e as chamas do julgamento queimando Nele ao mesmo tempo, pois, de fato, só existe *um fogo,* o fogo do amor, que se expressa na ira, quando assim deve fazer.

Israel Será Recolhido de Volta à Sua Pátria (11.10-11)

11.10-11

Andarão após o Senhor. Algum dia, Israel voará de volta para casa, vindo de terras distantes, como o Egito e a Assíria. Chegará como uma revoada de pássaros, retornando a casa, uma bela figura simbólica que talvez já se tenha cumprido parcialmente em nossos próprios dias. Que o leitor dê atenção a estes pontos: 1. Essa promessa é escatológica e estende-se até os últimos dias. Nenhum pássaro israelita veio voando da Assíria nos dias de Oséias. 2. Alguns intérpretes, conhecendo o caráter final do cativeiro assírio e não querendo transferir esses versículos para o tempo do fim, vêem aqui o cativeiro babilônico, pois aves israelitas voaram de volta para casa, vindas da Babilônia, mas essa transferência é uma interpretação duvidosa. 3. Alguns pensam que isso era a "esperança", a qual contudo fracassou. Essa esperança era oposta ao decreto de Yahweh contra o reino do norte, um ideal de compaixão que não teve permissão de cumprir-se.

Note o leitor a *mistura de metáforas.* O vs. 10 contém o rugido de Yahweh como um leão que tivesse despertado os cativos, os quais, embora trêmulos por causa do feroz rugido do Leão, responderam, correndo para o Leão. Ademais, devemos compreender que esse rugido perseguiu os inimigos de Israel. A referência ao "ocidente" provavelmente é às "terras costeiras", às ilhas, lugares distantes até onde Israel havia perambulado ou tinha sido obrigado a ir. Os que foram despertados pelos rugidos poderosos do Leão serão transformados em uma revoada de pássaros e, embora trêmulos (vs. 11), voarão diretamente para sua pátria, abandonando a Assíria e outros lugares de escravidão. De fato, será uma volta a Yahweh, e ali haverá descanso para a alma, quando todo o Israel for salvo (ver Rom. 11.26). "Esta declaração é hortatória e didática, uma das características da profecia de Oséias. Tal como acontece em seções anteriores, o profeta passa do julgamento (ver Osé. 11.12-13.16) para a salvação (Osé. 14)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

No primeiro capítulo, adiciono um gráfico que ilustra essa mudança do julgamento para o amor e a salvação, tema que se repete várias vezes neste livro. Zac. 10.10,11 também menciona a restauração dos filhos de Israel da Assíria, e essa era uma esperança constante que, finalmente, foi abandonada. Temos de examinar a restauração final de Israel, conforme ela fica subentendida em tais profecias, mesmo que não seja diretamente ensinada. O rugido do Leão subentende que a restauração virá através do julgamento (cf. Isa. 31.4; Jer. 25.(?); Joel 3.16. O anelo de Israel seria satisfeito, mas para tanto seria necessária a passagem do tempo.

Iniqüidade e Condenação de Efraim (11.12 – 13.16)

A Falsidade Fundamental de Efraim (11.12 – 12.1)

11.12

Efraim me cercou por meio de mentiras. Esta seção foi escrita quando Efraim estava perdido em suas mentiras e enganos, portanto maduro para o julgamento; nesse tempo, Judá continuava relativamente fiel ao Santo, conhecido por Elohim. Mas bastaram pouco mais de cem anos para que Judá se corrompesse tanto quanto Israel estava corrompido. Pelo momento, entretanto, Yahweh estava cuidando apenas de um caso de apostasia, a apostasia do reino do norte. Esse caso era irremediável e se apressava para o julgamento final. Oséias salientou a falsidade de Israel como um princípio característico de onde fluíam tantos pecados. Cf. os queixumes de Jeremias: 7.4,8; 8.8; 9.5,8; 17.9. Portanto, o que caracterizou Israel, nos dias de Oséias, caracterizaria Judá, nos dias de Jeremias.

Algumas traduções e alguns intérpretes, entretanto, compreendem de forma negativa a segunda parte do vs. 12: "Judá não domina com Deus, e é infiel com o Santo" (NCV). Essa é uma tradução possível de um hebraico obscuro. Quanto à palavra "Santo", alguns a substituem por "prostitutas cultuais", o que requer uma emenda que alguns eruditos supõem ser legítima. Se essas idéias são válidas, então Oséias se queixava de duas apostasias. Mas contra essa noção rebela-se o pano de fundo histórico. Quando Oséias escreveu, a nação do sul ainda estava em condições espirituais aceitáveis, embora o reino do norte já estivesse pútrido como as palavras não podem descrever.

Capítulo Doze

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 11 e 12. Osé. 12.1 continua a seção iniciada em Osé. 11.12. Esses dois versículos introduzem a seção final com a *acusação formal* contra Israel e, possivelmente, também contra Judá. A acusação é seguida pelo anúncio do julgamento. A seção maior – Osé. 12.1-14.9 — trata da rebeldia e da restauração final, que traz à nossa frente, uma vez mais, a mudança do julgamento para a salvação, ilustrada em um gráfico no capítulo 1. "Embora o Senhor tenha conduzido Israel por meio dos profetas, a nação voltou-se para Baal e morreu. Contudo, o Senhor é o Salvador e, *se* Israel O reconhecer, Ele os restaurará a uma vida abundante, porquanto Ele ama Israel" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Osé. 12.1).

12.1

Efraim apascenta o vento. Efraim era como um idiota cósmico que tentava apascentar o vento e perseguir o vento oriental o tempo todo. Ver Osé. 8.7 quanto à idéia paralela de "semear o vento e colher a tempestade". "Apascentar" é perseguir com a tentativa de controlar, algo absurdo. O *vento oriental* era terrivelmente quente e um dos principais destruidores da agricultura na Palestina. Todavia, os ventos, apesar de ostensivamente controlados por Israel, na realidade eram perigos potenciais que, eventualmente, se voltariam contra os perseguidores e apascentadores, efetuando temível destruição. Isso porque Israel estava vencido pela fraude, repleto de mentiras e violência. Eles também firmaram alianças estrangeiras com a Assíria e presentearam o Egito com azeite e outros produtos. Talvez esteja em pauta o tributo, e talvez esteja em foco a *generosidade diplomática* que Israel esperava ser retribuída. No meio desse tratamento duplo, Yahweh foi esquecido, embora fosse Ele o verdadeiro *Benfeitor.*

Em vez de "apascentar", alguns estudiosos dão "alimentar". Ter o vento como alimentação é uma dita bastante destituída de substância! Israel seguia conselhos vazios e fazia promessas vazias. Provavelmente, o profeta falava especificamente contra as normas políticas internacionais mal orientadas que significam desastre para Israel e, finalmente, levariam a nação ao esquecimento.

O Julgamento contra Jacó (12.2-6)

12.2

O Senhor também com Judá tem contenda. Israel foi conduzido ao tribunal divino, e Yahweh foi o acusador formal contra a nação. Ele era também o Juiz, pelo que as coisas iam muito más para Israel. O resultado da acusação já havia sido antecipado. Israel seria achado culpado e acabaria executado. A nação teria de pagar por suas muitas ofensas, especialmente sua interminável idolatria-adultério-apostasia. Cf. Osé. 4.1, onde Israel já tinha sido descrita como *acusada* em um tribunal judicial. "Jacó" representa aqui o reino do norte, conforme é usual neste livro. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) controlaria a situação. Israel, tendo semeado ventos, por certo colheria tempestades (ver Osé. 8.7).

12.3

No ventre pegou do calcanhar de seu irmão. Jacó foi o homem que, ainda no ventre materno, começou sua carreira de enganos e usurpações. Ele pegou no calcanhar do irmão, significando que queria fazer-lhe o mal. A palavra aqui empregada pode querer dizer "ultrapassar", "suplantar". Ver Gên. 25.26, onde Jacó obteve seu nome por meio desse ato. Mais tarde, Deus deu-lhe o outro nome de *Israel* (ver Gên. 32.28), quando ele lutou com o anjo (perseverou com Deus) e prevaleceu. O homem mau de alguma maneira obteve poder com Deus, porquanto o propósito divino estava operando nele. Mas esse homem forte nunca conseguiu libertar-se de sua vileza interior, e foi essa característica (em Israel, seus descendentes) que prevaleceria até que o julgamento se fizesse necessário.

"O profeta sugeriu que o caráter enganador de Israel era *inerente* e impossível de erradicar. Até mesmo por ocasião de seu nascimento, Jacó tentou suplantar seu irmão" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*). A despeito dos esforços de Jacó, Esaú nasceu em primeiro lugar e obteve o direito de primogenitura. Porém, por meio de truques, Jacó reverteu a situação.

12.4

Lutou com o anjo, e prevaleceu. Esaú era superior como homem moral, mas Jacó era o *buscador espiritual* superior e, em última análise, isso o levou mais longe que seu irmão gêmeo. Jacó, tão cheio de defeitos espirituais, obteve poder superior ao anjo, na luta dos dois (ver Gên. 32.24 ss.). Tendo obtido vantagem na luta, ele chorou e fez súplicas, continuou chorando e assim obteve a *bênção divina,* que o seguiria por todos os dias de sua vida. De fato, Jacó se encontrou com Deus em Betei (a casa de Deus), e isso o transformou para sempre. Deus falou com ele ali, em uma experiência mística inesquecível. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Em contraste, as qualidades inferiores de Jacó marcaram os seus descendentes. Eles trocariam a casa de Deus pela casa de Baal. "Foi ali, em Betel, que Deus fez as gloriosas promessas a Jacó relativas à sua posteridade" (Adam Clarke, *in loc.*). Mas se os descendentes de Jacó o imitaram no que ele tinha de pior, não duplicaram seu valor espiritual.

12.5

O Senhor, o Deus dos Exércitos, o Senhor é o seu nome. O Deus com o qual Jacó se encontrou (por meio do anjo), em Betel, era *Yahweh-Elohim-Sabaoth,* o Deus Eterno e Todo-poderoso, o Capitão dos Exércitos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de. Yahweh* era o nome santo do Deus de Jacó, nome tão santo que os hebreus temiam pronunciá-lo. Jacó voltou-se para esse Deus, e todo o povo de Israel foi conclamado a fazer o mesmo, abandonando Baal, que lhes havia conquistado a atenção. O único Deus auto-existente, o Eterno, visitou Jacó, que ganhou uma bênção incomensurável através dessa visita. Mas o povo de Israel perdeu toda a direção espiritual e caiu em irrecuperável apostasia. Jacó lembrou o nome Yahweh, mas seus descendentes o esqueceram.

12.6

Converte-te a teu Deus. Este versículo nos leva de volta a Osé. 11.10,11, que trata do tema de *Israel recolhido novamente à sua pátria,* e apresenta os mesmos problemas que discuto nos comentários sobre aqueles versículos. Um quadro lamentável acabara de ser pintado sobre Israel, a descendência de Jacó. Este versículo diz que o bem que estava em Jacó poderia transparecer em seus descendentes, tornando-os sujeitos à redenção em Yahweh, e não o mal que nele estava e os deixara cativos em países estrangeiros. A volta dos israelitas dependeria de eles viverem os princípios espirituais da lei mosaica, o amor, a justiça e a busca espiritual contínua, tendo por centro a pessoa de Elohim, o Poder. Cf. Sal. 27.14. Quanto à lei de Moisés como o guia de Israel, ver Deu. 6.4 ss. e também Sal. 37.3,5,7 e 40.1. A chamada ao arrependimento e o andar espiritual garantiriam o retorno do cativeiro, ou a redenção futura, nos últimos dias. Nada teria sido feito por Israel, de valor, sem isso, tanto nos dias de Oséias como no futuro.

Efraim, Negociante Astuto e Pecador Constante (12.7-14)

Confiança de Efraim em Suas Riquezas (12.7-9)

12.7

Efraim, mercador, tem nas mãos balança enganosa. Israel, perdido em sua idolatria-adultério-apostasia, caíra em uma infindável história de pecados, que Oséias parou para enumerar aqui e ali, sempre dizendo algo novo sobre o assunto. Na qualidade de *negociante,* Israel (*Efraim,* assim chamado 36 vezes no livro de Oséias) foi um horrendo exemplo de desonestidade, truques e traições. Ele usava práticas comerciais desonesto para oprimir outras pessoas. Seu guia era a ganância, e não Deus. As *riquezas* eram o alvo de sua vida (vs. 7), e não a espiritualidade obtida através da obediência à lei de Moisés. "Os comerciantes usam balanças desonestas. Eles gostam de enganar as pessoas" (NCV). Ver Pro. 11.1 quanto às balanças enganadoras, e cf. Amós 8.5. Qualquer arrependimento autêntico (vs. 6) exigiria mudanças nos hábitos comerciais, baseados em um novo senso de honestidade.

Mercador. Algumas versões, seguindo o original hebraico, dizem aqui "cananeu". Mas a referência, obviamente, é a Israel, e não a seus vizinhos. "... um jogo de palavras sobre o duplo sentido da palavra hebraica *Canaã,* ou seja, *cananeu* ou *negociante.* Cf. Eze. 16.3: 'Teu nascimento e tua natividade é... de Canaã... teu pai era amorreu, e tua mãe era hetéia'. Os descendentes naturais do piedoso Jacó tinham-se tornado virtuais cananeus, negociantes que proverbialmente enganavam (cf. Isa. 23.11)... Ele os chamou de cananeus, o maior opróbrio para Israel, que desprezava os cananeus" (Fausset, *in loc.*). "A literatura desse período contém freqüentes referências a essas tendências em Israel (Amós 2.6; 8.5; Miq. 6.10)" (Ellicott, *in loc.*).

A *opressão econômica* é o principal pecado apontado aqui, mas esse era apenas um tipo das transgressões que se tornaram o estilo de vida de Israel. Cf. Lev. 19.36; Deu. 25.13-16; Pro. 11.1; 16.11; 20.10,23; Amós 8.5 e Miq. 6.11.

12.8

Mas diz: Contudo me tenho enriquecido. *Efraim* (Israel é chamado assim, neste livro, 36 vezes) havia enriquecido e ainda se jactava disso. Mas o que era uma *vantagem* aos olhos do povo de Israel, era uma *desvantagem* no livro de Deus. Grande era a culpa dos israelitas, e onde estiver grande culpa aí haverá grande julgamento. Na mente dos hebreus, a prosperidade estava vinculada à piedade, e Efraim pode ter-se equivocado tanto a ponto de pensar que esse era o caso. O profeta Oséias, entretanto, deixou claro que a *culpa* estava vinculada ao caso, e não a bênção de Yahweh.

> *O amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.*
>
> (I Timóteo 6.10)

Ver o artigo sobre *Dinheiro,* no *Dicionário,* que pode ser usado como ilustração da idéia deste versículo. Cf. Apo. 3.17,18.

12.9

Mas eu sou o Senhor teu Deus desde a terra do Egito. *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso, foi quem tirou os judeus do Egito, tema que figura mais de 20 vezes no livro de Deuteronômio, e, com grande freqüência, no restante do Antigo Testamento (ver Deu. 4.20). Foi Deus, igualmente, quem liderou Israel durante os anos passados no deserto. No livro de Oséias, ali Israel foi escolhido para ser um povo especial (ver Osé. 13.4,5). A desviada nação de Israel precisou passar outro período no deserto, um tempo de punição por não estar preparada para entrar na Terra Prometida, mas também um tempo de oportunidade, pois foi no monte Sinai que foi dada a lei que a tornou uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). Israel teve de começar de novo a fim de encontrar lugar de restauração. Então as festividades começariam novamente, e o povo abandonaria Baal e o paganismo no qual estava imerso. Cf. Lev. 23.33-43, a *festa dos tabernáculos,* cujo desígnio era mostrar a Israel seu caráter de peregrino. O exílio foi a nova perambulação pelo deserto, e a restauração dessa situação é demonstrada como algo possível, embora a história nos mostre que nunca aconteceu no tocante ao reino do norte, que simplesmente foi aniquilado.

O Trabalho dos Profetas em Efraim (12.10-14)

12.10

Falei aos profetas, e multipliquei as visões. Yahweh deu a Seu povo a vantagem do trabalho dos profetas, que eram Seus agentes, visando a iluminação de Israel por meio de sonhos e visões de revelação. Eles também tinham um ministério de ensino que operava, em parte, através de palavras repletas de significado. Em outras palavras, Yahweh não deixou os israelitas sem testemunho, o que tornou a idolatria-adultério-apostasia deles ainda mais indesculpável. Mas o povo de Israel repudiou as mensagens dadas em Osé. 9.7, e o abuso da oportunidade recebida apenas adicionou mais combustível às chamas da ira divina. Ver a introdução ao livro presente quanto a *gráficos* sobre os profetas, que mostram a natureza completa desse ministério. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Profecia, Profetas e o Dom da Profecia*. Ver Heb. 1.1.

12.11

Se há em Gileade transgressão, pura vaidade são eles. Embora tivessem sido bem instruídos pelos profetas, com encorajamentos e advertências apropriadas; havia grande iniqüidade e hipocrisia entre o povo em *Gileade* (cf. Osé. 6.8) e *Gilgal* (cf. Osé. 4.15 e 9.15), que foi a epítome da corrupção generalizada de toda a nação. (Ver sobre as duas cidades no *Dicionário*.) Quando os assírios atacaram, seus altares, que tinham sido dedicados ao culto a Baal e a outros deuses de nada, foram reduzidos a uma pilha de pedras, e a "adoração" a Baal cessou. Demonstrou-se então que toda aquela "devoção" era inútil, dedicada a ídolos de madeira, pedra e metal. Note o leitor o jogo de palavras, no original hebraico, entre *Gilgal* e *montões de pedras* (no hebraico, *galiim;* cf. Osé. 10.18). *Gilgal* tornou-se um *gallim*. Gilgal sacrificava bois, os quais, com pequena emenda, no hebraico, transformam-se em "demônios", o que alguns eruditos supõem ser a forma original. Cf. I Cor. 10.20, onde temos a mesma idéia. Gileade era uma cidade de sacerdotes, mas nem mesmo isso diminuiu a aceitação generalizada do paganismo por toda a nação do norte.

12.12

Jacó fugiu para a terra da Síria. Este versículo se ajustaria melhor aos vss. 4-6, pelo que a Revised Standard Version o coloca aqui entre parênteses. Mas se o pusermos no lugar apropriado, então seremos novamente relembrados da bondade passada de Deus, que foi ilustrada na vida de Jacó, o antepassado distante de Israel. Jacó precisou fugir da cólera de seu irmão Esaú e escondeu-se no deserto de Arã. Mas até mesmo ali Deus estava com ele, dando-lhe um trabalho frutífero e uma esposa esplêndida, *Raquel,* por quem ele trabalhou 14 anos. Ver Gên. 28.5; 29.20,28; Deu. 26.5. Portanto, apesar de circunstâncias adversas, a bênção de Yahweh estava com ele, e *outro tanto poderia ser verdadeiro* no caso de Israel na Assíria.

12.13

Mas o Senhor por meio dum profeta fez subir a Israel do Egito. Não somos aqui informados sobre como Jacó e sua família imediata entraram no Egito, pelo que a nação se desenvolveu ali. Mas somos informados sobre o profeta Moisés, que foi escolhido para tirar Israel do Egito. Houve um ministério de preservação e também um ministério de restauração, que livrou Israel da servidão no Egito, e o mesmo poderia acontecer no tocante à Assíria, *se* os filhos de Israel aceitassem as condições, ou seja, voltassem a observar a legislação mosaica como *guia* (ver Deu. 6.4 ss.). Fica implícito que um povo obediente de Israel, na Assíria, poderia receber outro profeta preservador e libertador. Mas Israel nunca mudou, e nenhum novo Moisés apareceu. Também não houve um novo Josué que os guiasse para casa e os restaurasse à herança antiga.

12.14

Efraim mui amargamente provocou a ira. *Efraim* (termo usado 36 vezes neste livro para indicar Israel), que não queria arrepender-se, seria deixado precisamente onde estava: na miséria, em uma terra estrangeira. Não haveria nenhum novo êxodo. A história não se repetiria. Sua *culpa de sangue* caiu sobre Israel. Isso pode referir-se aos muitos crimes de sangue que caracterizavam a nação do norte, ou à violência contra os verdadeiros profetas de Deus ou, mais provavelmente, a ambas as coisas. Também houve sacrifícios humanos, o aspecto mais horroroso da depravada idolatria de Israel. Ver II Reis 17.17 sobre isso, e também no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque*. Por causa de seus muitos e nojentos pecados, Israel estaria sob a reprimenda dos homens e de Deus. Os israelitas ficaram fora da possibilidade de redenção e afundaram no esquecimento. Cf. este versículo com Osé. 10.2 e 13.12,16. "Vossas misérias e destruição são de vossa própria invenção; vossa perdição veio de vós mesmos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Treze

A Efraim Pecaminosa Tinha uma Condenação Inescapável (13.1-11)

Os Ídolos de Efraim (13.1-3)

13.1

Quando Efraim falavam, havia tremor. Efraim se tornara a mais numerosa e poderosa das doze tribos, e chegou a representar toda a nação do norte. Esse uso ocorre 36 vezes no livro. No auge de sua glória, tudo quanto Efraim tinha de fazer era falar, e os homens estremeciam. A tribo de Efraim foi *exaltada* em Israel e, aparentemente, permaneceu fora do alcance das condições adversas. Mas, em seu orgulho, tornou-se auto-suficiente e livrou-se dos laços de Yahweh. E então, em ridícula atitude, envolveu-se no culto a Baal, um deus de nada que (segundo o povo imaginava) exigia toda a espécie de acessórios esquisitos para adornar seu culto. A tribo de Efraim afundou naquele poço miserável e, sufocada, morreu.

O hebraico original deste versículo é difícil, e alguns o interpretam com o sentido de que, quando Efraim era jovem, falava com voz trêmula, por causa de sua fraqueza inerente, dominada pelo medo. Mas, tornando-se mais idoso e mais forte, mergulhou no paganismo, com temíveis resultados.

Morreu. Isso deve ser entendido como "morrerá", por ocasião da invasão e do cativeiro assírio.

"Por causa do pecado da idolatria, Israel morreu. Cf. Osé. 2.13; Rom. 6.23 e 8.13" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). Ver Gên. 48.13-20 quanto à proeminência de Efraim. Jeroboão I, que tinha conduzido a nação do norte à secessão e à idolatria, era efraimita (ver I Reis 11.26 e 12.25).

13.2

Agora pecam mais e mais. Efraim tornou-se especialista em todas as coisas pertinentes ao fabrico e adoração de ídolos. Eles possuíam ídolos simples de madeira e pedra, mas também tinham ídolos sofisticados, feitos de metais preciosos que requeriam a habilidade de artífices especializados para serem produzidos. Eles faziam os homens sacrificar àquelas abominações e beijá-los, em uma homenagem ridícula a deuses que nada representavam. Cf. I Reis 19.18 e Osé. 8.4,5. A adoração ao bezerro, instituída por Jeroboão I, em Betel e Dã, continuou a liderar a absurda parada de ídolos que marchava ao redor do país, de dia e de noite.

Uma tradução possível da cláusula final do versículo é: "Que os homens que sacrificam beijem os bezerros". Outra tradução possível é: "Eles oferecem sacrifícios humanos e beijam os bezerros". Literalmente, "os sacrificadores de homens beijam os bezerros". isso seria uma referência ao sacrifício de crianças. Ver Lev. 18.21; 20.2-5 e II Reis 23.10, bem como, no *Dicionário*, o verbete chamado *Moleque, Moloque*. Contudo, o uso que se faz aqui da palavra "homens" não se presta muito para expressar o sacrifício de "crianças". Portanto, é provável que devamos compreender que os *homens, como sacrificadores*, sejam os que se rebaixam ao absurdo de beijar bezerros e chamá-los de deuses, algo tão estranho à iluminada mentalidade dos hebreus.

Quanto a uma excelente sátira da insensatez do fabrico e adoração de ídolos, ver Isa. 44.10-17. Ver também Sal. 115.

13.3

Por isso serão como nuvem de manhã. *Três figuras* descrevem como Efraim (Israel) devia perecer-se em breve, por causa de seus atos horrendos:

1. A *névoa matutina* (ver Osé. 6.4) desaparece completamente quando o sol aquece o meio ambiente. Certa quantidade de água se condensa sobre o solo, quando a noite esfria. Mas o sol evapora essa umidade quase instantaneamente quando amanhece o dia.
2. Então, no processo da debulha do grão, o vento leva a palha, que é a finalidade da debulha. A palha não tem estabilidade; é inútil; sua própria natureza é estar aqui hoje e ali amanhã. Cf. Sal. 1.4.
3. Além disso, um homem pode observar a *névoa* elevando-se de sua janela, mas quando olha novamente, minutos depois, não há mais névoa. O fogo é apagado ou se apaga voluntariamente, e não há mais fumaça nem fonte de fumaça. Mas alguns entendem que as janelas com gelosias permitem que a fumaça entre na casa e mais tarde saia dali, pelo que passa ao ar livre e desaparece para sempre. Cf. a metáfora da fumaça temporária com Isa. 51.6; Sal. 68.2 e 102.3.

Cf. este versículo com Sal. 37.35 e 73.17. Os ímpios prosperam, maravilhando e atemorizando outras pessoas. Mas o fim deles não anda longe, e os homens se admiram como coisas que parecem ser permanentes desaparecem no esquecimento. "O mal ganha batalhas, mas não pode ganhar a guerra. O tempo está ao lado da verdade. A verdade é uma rocha em meio à areia que afunda" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

A verdade, esmagada por terra, erguer-se-á de novo;
Os anos eternos de Deus lhe pertencem;
Mas o erro, ferido, convulsiona de dor,
E morre junto com seus adoradores.

(William Cullen Bryant)

Yahweh, o Pastor de Efraim (13.4-6)

13.4

Todavia, eu sou o Senhor teu Deus desde a terra do Egito. *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso, foi quem exerceu poder para tirar Israel da servidão no Egito, tema repetido por cerca de 20 vezes no livro de Deuteronômio (ver 4.20) e usado por todo o Antigo Testamento como ilustração dos cuidados e do poder de Yahweh no tocante ao Seu povo. Esse Deus Eterno e Todo-poderoso requer toda a atenção, adoração e lealdade de Israel. Há somente um Ser Supremo; na realidade, existe somente um Salvador. Quanto a versículos iguais a este em sua essência, cf. Isa. 43.3,11; 44.6,8; 45.11,21. A Septuaginta expande esse versículo com uma glosa óbvia: "Eu sou o Senhor vosso Deus que estabeleceu os céus e criou a terra, cujas mãos criaram todo o exército celeste, e não mostrei essas coisas para vós a fim de seguirdes após elas. E vos tirei da terra do Egito".

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Monoteísmo.* O monoteísmo bíblico não ensina que há somente um Deus, mas ensina que o Deus único demanda nossa adoração e lealdade. Ele é o Guia e Preservador de todos os seres humanos. Cf. Col.1.16. O que Deus criou, criou-o para Si mesmo.

13.5,6

Eu te conheci no deserto, em terra muito seca. *Os Cuidados do Único Deus.* Que só existe um Deus, não é apenas uma proposição teológica. É igualmente o fato mais importante da vida humana, porque esse Deus único é também o grande Benfeitor que preserva e abençoa a vida humana. Foi Ele quem guiou Israel pela terra seca e deu a eles o bastante para comer (vs. 6), suprindo todas as necessidades sob circunstâncias muito difíceis. Ele agiu como um Pastor agiria em favor de suas ovelhas, pois, sem essa ajuda, Israel nunca teria saído do Egito; nunca teria atravessado o deserto; e nunca teria penetrado na Terra da Promessa. No entanto, mesmo no meio do deserto, os israelitas murmuraram e abandonaram Yahweh, seu Benfeitor e Preservador. Quanto às murmurações e rebeliões de Israel, no deserto, ver as notas em Núm. 14.22.

Yahweh, o Destruidor do Povo (13.7-8)

13.7

Sou, pois, para eles como leão. Em vez de continuar sendo o Pastor de Israel, Yahweh tornar-se-ia o seu Destruidor. Eles mesmos tinham insistido nessa tremenda mudança de papéis. Agora Yahweh seria como um leão e atacaria através dos assírios, a fim de efetuar grande *matança,* sem misericórdia. Ele seria como aquele grande e feroz felino, o leopardo, que gosta de matar os homens, tão fáceis de ser mortos. Ele se esconderia ao lado do caminho, esperando o momento certo para matar. Por terem esquecido Deus, "Ele deixará de ser um pastor guardião protetor e tornar-se-á, para Seu povo, uma fera vingadora, destruidora, que atacaria e mataria. A ferocidade do leão e do leopardo era bem conhecida de Israel, bem como uma ursa roubada de seus filhotes (vs. 8), que era uma criatura perigosíssima" (John Mauchline, *in loc.*).

13.8

Como ursa, roubada de seus filhos. O amor precisa ser santo. Não pode esquecer a idolatria-adultério-apostasia. Usará coisas ferozes para efetuar a restauração. Mas a história mostrou que Israel foi além do ponto do qual ainda podia retornar. Logo, os vss. 7 e 8 fornecem terríveis metáforas de destruição. "Como um leão, um leopardo e uma ursa feroz, o Senhor atacaria Seu povo, que é visto aqui como um rebanho de ovelhas impotentes (Osé. 13.7,8; cf. 5.14). Ironicamente, o Ajudador de Israel tornar-se-ia seu destruidor, pois estava agindo contra essa nação (vs. 9)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). "Napoleão e Pasteur eram ambos cidadãos franceses. Mas um deles usou seu poder para destruir a humanidade, e o outro para salvá-la de suas enfermidades. O destruidor é sempre um salvador transformado, e o salvador é um destruidor potencial" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

Onde Está Agora o Rei de Israel? (13.9-11)

13.9

A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim o teu socorro. Israel tinha o mau hábito de confiar nas coisas erradas e, assim sendo, esquecia o princípio da ajuda de Deus, o Rei dos céus. Israel, pois, tornou-se autodestruidor e negligenciou a ajuda de Deus. Eles buscaram ajuda nas alianças com o estrangeiro e com cidades fortificadas. Mas tudo fracassou, e aquele povo réprobo nunca apelou para o grande Ajudador. Se Yahweh resolveu ser o Destruidor, porventura algum poder na terra seria capaz de remediar a situação? Os ídolos fabricados por mãos humanas eram muito mais fracos do que aqueles que os fizeram. Esperar ajuda da parte dos ídolos seria um exercício de futilidade. De fato, Israel tinha caído em uma futilidade irremediável. Eles mesmos procuraram esse desfecho. Tinham brincado com o pecado tempo demais. Finalmente, o pecado os consumiu. "A destruição vem de vós mesmos (Pro. 6.32 e 8.36)" (Fausset, *in loc.*).

13.10

Onde está agora o teu rei...? O rei era nomeado pelo povo, naqueles tempos selvagens, como protetor. Tinha de ser guerreiro notável, homem capaz de organizar um exército. Também precisava ser excelente matador, e era nesse mister que encontrava sua glória.

Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares...

(I Samuel 29.5)

Quando o inimigo atacava, sem importar quão grande era a força atacante, o povo esperava que o rei fizesse milagres. Mas, quando os assírios atacaram, a confiança deles seria amargamente desapontada. E os príncipes também não viriam em socorro do rei, fazendo o que ele não tinha conseguido fazer. Quando Israel quis ter um rei, no princípio do reinado em Israel, seu desejo baseava-se, primariamente, na questão da defesa. Isso não estava em concordância com o princípio do governo teocrático, encabeçado pelos juízes (ver I Sam. 8.6-9 e 12.12). Então Jeroboão surgiu e prometeu mais do que poderia fazer (ver I Reis 12.16). "Eles tinham esperado de seus reis o que cabia exclusivamente a Deus: o poder de salvá-los" (Fausset, *in loc.*).

13.11

Dei-te um rei na minha ira, e to tirei no meu furor. *Saul* foi dado como rei a Israel, porque assim o povo insistira, e assim obtivera o primeiro rei. Isso deu início a séculos de tristeza. Em seguida, *Jeroboão I* foi dado como rei à nação do norte, quando esta se separou da parte sul; e Jeroboão foi muito pior do que Saul. Sob ele, floresceu a idolatria, pecado do qual Saul não se mostrou culpado. Ver as referências sobre esses dois homens no vs. 10. Quanto aos pecados de Jeroboão, ver as notas expositivas sobre I Reis 12.28 ss. Foi ele quem fez Israel pecar (I Reis 15.26; 16.2). Finalmente, Yahweh pôs fim a toda a triste atividade dos reis quando Oséias, o último rei da nação do norte, foi removido (ver II Reis 17.1-6). Alguns intérpretes vêem especificamente, neste versículo, as muitas mudanças de dinastias (mediante conspirações e assassinatos) que ocorreram nos dias de Oséias, o que demonstrou a total degeneração do reinado em Israel. No artigo intitulado *Israel, Reino de,* no *Dicionário,* listo os reis e dou uma breve descrição de cada um deles. Ver os reis de Núm. 14-19, quanto ao caos em que mergulhou o reinado israelita. Israel, como reino do norte, perdurou por cerca de 200 anos, e a maioria dos reis seguiu o mau exemplo de Jeroboão I.

Possibilidade de Reavivamento para Efraim (13.12-14)

13.12

As iniqüidades de Efraim estão atadas juntas. Toda a história horrenda do pecado em que Israel estava envolvido não podia ser esquecida. Essas iniqüidades estavam atadas, como se formassem um livro, e guardadas para referência futura. Deus lembraria o conteúdo do livro e, algum dia, teria de atacar, com ira, aqueles réprobos. Quanto ao livro das memórias, cf. Dan. 7.10 e Apo. 20.12. "É um pensamento aterrorizante o fato de que o pecado de alguém é guardado. Uma passagem do livro de Jó é ainda mais explícita: 'A minha transgressão estaria selada num saco' (Jó 14.17). Como desejaríamos que a sacola onde estão costurados nossos pecados tivesse grandes buracos, para que os pecados pudessem escorregar por ali e ser esquecidos" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*). O pecado, uma vez guardado, finalmente morde como se fosse uma serpente (Pro. 23.32). Contudo, o vs. 14 dá uma promessa de escape para esses pecados, caso os pecadores cumprissem certas condições. Seja como for, a redenção futura está garantida (ver Rom. 11.26), mas essa era uma pequena consolação para aqueles que foram massacrados e levados para o cativeiro no tempo de Oséias.

Deus não havia esquecido os pecados de Israel. Cf. Osé. 10.2; 12.14 e 13.16. Quando a taça da iniqüidade está cheia e pronta para transbordar, algo de drástico tem de acontecer. Ver Gên. 15.16.

... segundo a tua dureza e coração impenitente acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus.

(Romanos 2.5)

13.13

Dores de parturiente lhe virão. A esposa infiel (Israel) subitamente é uma mulher grávida, figura bíblica comum que indica testes severos, embora inesperada neste ponto. Cf. Isa. 13.8 e Jer. 30.6. Ainda que fosse um filho *sem sabedoria*, por alguma avaliação obteve o que merecia. Ele não queria sair do ventre materno ou, literalmente, "ele não se apresenta na boca do ventre". Tal demora resultaria na morte da mãe e do filho; e esse filho réprobo é apresentado como capaz de provocar isso por sua perversidade. "A ausência do arrependimento, no tempo certo, aumenta o perigo naquele estágio crítico do destino de Israel" (Ellicott, *in loc.*). Cf. II Reis 19.3 e Isa. 37.3. "Assim como há um tempo crítico no parto, no qual a mãe que está em trabalho de parto pode, mediante ajuda especializada, ser aliviada de sua carga, o que, se for negligenciado, pode pôr em perigo a vida tanto da mãe quanto da criança, também houve tempo em que Efraim poderia ter-se voltado para Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

13.14

Eu os remirei do poder do inferno, e os resgatarei da morte. Por certo número de vezes, o texto do livro de Oséias deixa de falar sobre um severo julgamento para falar sobre a salvação e a vida, e ilustro isso no gráfico que acompanha o capítulo 1. Temos aqui, novamente, o mesmo fenômeno, e, por meio dele, um dos mais familiares versículos do livro, que Paulo citou em I Cor. 15.55, com alguma adaptação. O presente versículo, na opinião de alguns, tem duas perguntas retóricas no começo e, se esse é o ponto de vista correto, então não há nenhuma esperança prometida. Essas perguntas são: Yahweh redimirá Israel do *sheol*? A resposta esperada é Não! A outra pergunta é: A apóstata Israel será redimida da morte? A resposta esperada também é Não! Mas outros intérpretes vêem as duas questões alegadas como simples afirmações. Nesse caso, devemos compreender que a apóstata nação de Israel, ao arrepender-se, ainda poderia ser salva do *sheol* e da morte. Esse é o uso que Paulo faz do versículo, mas não significa que essa era a intenção original do autor. As perguntas retóricas concordam melhor com a conclusão do versículo: "Meus olhos não vêem em mim arrependimento algum". Seja como for, a história era favorável à idéia negativa. Israel prosseguiu até a morte, mediante um processo ininterrupto. Não houve arrependimento que salvasse o dia.

Quanto ao *sheol*, ver o artigo com esse nome no *Dicionário*, e o artigo mais completo ainda sobre o *hades*. Originalmente, o *sheol* era somente uma referência ao sepulcro. Entretanto, a doutrina cresceu, tendo passado por diversos estágios. E chegamos a Luc. 16, para representar um pós-vida tanto de bons quanto de maus espíritos, em compartimentos separados. Ver Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.9; 29.4 e Pro. 5.5 quanto a estágios no desenvolvimento da doutrina. Além disso, temos a magnificente doutrina de que Jesus, em um ministério pré-ressurreição, desceu ao hades e ofereceu ali salvação aos desobedientes. Ver I Ped. 3.18-4.6 e o artigo da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, chamado *Descida de Cristo ao Hades*. O Deus de amor (ver João 3.16) sempre faz mais pelos homens do que as nossas teologias antecipam. E haverá outras surpresas agradáveis, estou certo.

Este versículo, seja como for, não pode ser usado como prova de texto para a existência e sobrevivência da alma ante a morte biológica, nem acerca da ressurreição. Este versículo fala da destruição às mãos dos assírios, um julgamento temporal. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* a série de artigos chamada *Imortalidade*, e no *Dicionário* o verbete chamado *Alma*.

A Condenação de Efraim (13.15-16)

13.15

Ainda que ele viceja entre os irmãos, virá o vento leste. O *sheol* e a morte estariam ocupados, reduzindo a nada *Efraim* (Israel, assim chamado 36 vezes neste livro). A paciência e a compaixão de Yahweh estariam totalmente exauridos, e os resultados seriam terríveis. Israel seria como uma flor fluvial, à beira da praia, mas subitamente removida de sua linha de vida. E então o *vento oriental* mortífero viria e ressecaria todas as fontes de Israel, transformando seu território em um deserto. Esse vento original (a Assíria) saquearia todos os tesouros de Israel, e assim a destruição seria completa. Para compreender melhor a figura simbólica, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vento Oriental*. Esse vento poderia ser desolador e devastador na Palestina e era muito temido pelos agricultores. Os vss. 15 e 16 falam das *pragas da morte* mencionadas no vs. 14. "A linguagem é própria das *maldições* do pacto (cf. Lev. 26.2; Deu. 28.21; 32.24,25; Amós 4.10). A destruição viria porque Israel se rebelara contra Yahweh (vs. 16; cf. Osé. 7.13 e 8.1)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

Diz o Targum: "Ele destruirá a causa de seus tesouros e deixará assoladas a cidade de seu reino; ele despojará os tesouros, todos eles vasos desejáveis".

Viceja. Efraim significa "frutífero". Assim sendo, a *terra frutífera* será transformada em deserto pelo sopro quente dos assírios. Provavelmente há aqui um jogo de palavras propositado.

13.16

Samaria levará sobre si a sua culpa. Para a Samaria, capital da nação do norte, a rebelião provocou as mais temíveis conseqüências. A espada (a guerra) devorou o país. Não houve misericórdia, nem mesmo para grávidas e crianças pequenas. As mulheres foram fendidas e seus fetos foram extraídos, em atos de ira insensata. Cf. este versículo com Osé. 10.14; II Reis 15.16 e Amós 1.13. Ver também II Reis 8.12. O ataque dos assírios destruiria não somente o povo vivente, mas até mesmo a nova geração, antes mesmo que ela tivesse nascido. Essa era uma mensagem de condenação sem nenhum raio de esperança.

Capítulo Quatorze

Chamada Final ao Arrependimento e à Restauração (14.1-9)

Palavras de Arrependimento (14.1-3)

A parte final do capítulo 13 soava como um temível sonido de finalidade. O julgamento era certo e totalmente devastador. Mas agora voltamos a girar em torno do tema da salvação e da esperança. Por várias vezes neste livro, temos visto a mudança de um assunto para outro, o que ilustro no gráfico do capítulo 1. "Israel ainda podia retornar ao Senhor, seu Deus, pois Nele encontraria misericórdia (ver Sal. 130.7-8; Isa. 55.6-9)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1). Cf. Osé. 11.8,9 e 13.13. Em termos do amor de Deus, a esperança nunca se perdeu, embora pudesse ser adiada. Ver Osé. 2.15-23. Os capítulos 1-3 projetam a possibilidade da restauração da esposa-prostituta, e isso estabeleceu o tom do restante do livro. A história demonstra que ainda não houve restauração para a nação do norte. De fato, essa nação morreu em uma terra estrangeira. Mas a esperança do profeta Oséias era a total restauração de Israel (ver Rom. 11.26).

14.1

Volta, ó Israel, para o Senhor teu Deus. O *povo caído podia* retornar a Yahweh-Elohim. Por isso a profecia de Oséias terminou com uma nota esperançosa. Uma nação arrogante rejeitaria o chamado (ver Osé. 10.12-15), mas esse chamado foi genuíno. Cf. Osé. 3.5 e 5-15-6.3. "Este versículo afirma que os sofrimentos e a ruína de Israel não foram ocasionados por seus infortúnios políticos, e, sim, por seus pecados. Eles deveriam retornar Àquele contra quem tinham pecado... a causa deve ser remediada" (John Mauchline, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arrependimento*. Este versículo, obviamente, ensina o livre-arbítrio e a responsabilidade humana. O pecado causara a tristeza; o arrependimento podia remediar a situação. Cf. Osé. 5.5 e 13.9.

Grande é o arrependimento que faz os homens atingir o caminho até o trono da glória.

(Yomac, viii)

14.2

Tende convosco palavras de arrependimento, e convertei-vos ao Senhor. Os *pecadores arrependidos* devem ter consigo as *palavras certas*, procedentes do coração, e, na presença de Yahweh, pronunciá-las em contrição. Haveria então confissão e petição para que o poder de Deus fosse empregado na libertação da culpa e do domínio do pecado. Pelo momento, o profeta esqueceu tudo acerca das oferendas e dos rituais; antes, falava sobre o coração contrito. Os lábios trariam oferenda aceitável, as primícias do arrependimento acompanhadas por uma vida piedosa, que se seguiria à oferenda inicial. A própria vida se tornaria um sacrifício vivo (ver Rom. 12.1). "Ele não pede sacrifícios dispendiosos, mas, sim, palavras de uma penitência de todo o coração" (Fausset, *in loc.*). Quanto a sentimentos similares, cf. Sal. 56.3; Isa. 48.20 e Jer. 31.7. "As palavras do verdadeiro arrependimento que tomarmos conosco serão nossas oferendas no lugar de novilhas (cf. Sal. 51.17)" (Ellicott, *in loc.*).

14.3

A Assíria já não nos salvará. "A Assíria não nos poderá salvar e não confiaremos em nossos cavalos. Não diremos de novo: 'Nossos deuses', às coisas que nossas mãos fizeram. Mostra-nos a Tua misericórdia, nós que somos

Volta, ó Israel, para o Senhor teu Deus; porque pelos teus pecados estás caído.

*** *** ***

Sentimos que nada somos, pois tudo és tu e em Ti.
Sentimos que algo somos, isso também
Vem de Ti.
Sabemos que nada somos,
Mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome Aleluia!

Alfred Lord Tennyson

*** *** ***

Teu toque tem ainda o poder antigo
Nenhuma palavra tua cai por terra inútil;
Ouve nesta solene hora da noite,
É em tua compaixão, cura-nos a todos.

Henry Twell

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar... e vós me sereis reino dos sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.

Êxodo 19.5,6

como órfãos" (NCV). As coisas em que o povo antes confiava são negadas, pois somente Yahweh é o Salvador. Este versículo ensina a renúncia da vida anterior e o retorno ao antigo código de Israel, com o abandono de todo o culto a Baal. São enumerados três pecados constantes que representam o total da idolatria-adultério-apostasia: 1. as alianças com o estrangeiro; 2. confiança nas próprias forças ou nos símbolos de força, como o cavalo; 3. a idolatria, a adoração de coisas que o homem pode fazer com as próprias mãos.

Cf. Osé. 2.17 e o vs. 8 deste capítulo. Quanto a uma ótima sátira contra a idolatria, ver Isa. 44.10-17. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. Ver Sal. 33.17 quanto ao cavalo como animal que supostamente dava segurança aos homens. Israel, pois, tinha de livrar-se daquela *tríade pecaminosa*, se quisesse a restauração. Mas o povo de Israel, a nação do norte, amarrado em sua corrupção, tinha de colher a corrupção.

A Resposta de Yahweh (14.4-8)

14.4

Curarei a sua infidelidade, eu de mim mesmo os amarei. A resposta do Senhor também foi dada formando uma *tríade abençoada:* 1. Haveria *cura* para a infidelidade, ou seja, um fim eficaz para a idolatria. 2. Haveria abundante amor divino para a bênção e a orientação dada à vida. 3. A ira de Deus (através da invasão assíria) seria desviada.

O povo de Israel tinha a infidelidade como uma das doenças da alma (ver Isa. 1.6). A *cura* era requerida. O corpo do povo se tornara pútrido com enfermidades. Provavelmente há aqui uma alusão à idolatria adúltera do baalismo. O amor e a graça são dados aos humildes que estejam resolvidos a mudar. Isso já faz parte das atribuições de Deus, porque a cura não está nas mãos do homem. "Esta é uma reversão completa da imagem simbólica em Osé. 13.15" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*). "Gratuitamente, com um amor desmerecido e abundante (Eze. 16.60-63). Outro tanto é dito sobre o Israel espiritual (João 15.16; Rom. 3.24, 'sendo justificados gratuitamente pela sua graça'. Ver também Rom. 5.8; I João 4.10" (Fausset, *in loc.*). Cf. Rom. 11.26, que promete a salvação restauradora.

Ferido, mas curado.
Carregado de pecado, mas perdoado.
Tua bondade é meu único céu.

(Stopford A. Brooke)

No corpo humano, o poder da cura sempre se faz presente. Se houver um ferimento, o sistema apressa-se a curá-lo. Outro tanto se dá com o espírito. Mas, nesse caso, o mecanismo de cura é divino.

14.5

Serei para Israel como orvalho. Há outra *tríade divina* que traz a esperança, a saber: 1. Yahweh suprira o orvalho refrescante que restaura a vida, removendo a maldição do deserto espiritual. 2. Uma vez renovado, o povo desabrocharia como o lírio nos vales bem regados. 3. O país lançaria novas raízes em sua nova terra, em vez de ser levado para um lugar estrangeiro, tal como o álamo envia profundas raízes solo adentro, recebendo vida e estabilidade das águas subterrâneas. Os lírios cresciam profusamente na Palestina, e o álamo era admirado como árvore nobre. Yahweh restauraria a vida, a beleza e a nobreza a um povo enfermo. Alguns intérpretes pensam aqui no *cedro,* espécie vegetal que tinha odor agradável, pelo que talvez essa seja a árvore em vista aqui. Cf. o vs. 6.

14.6

Estender-se-ão os seus ramos. As raízes da nobre árvore, Israel, espalhar-se-ão como as do álamo ou as do cedro. Será uma árvore tão bela como a oliveira, que cativa o olhar humano com sua excelente folhagem e suas azeitonas. Além disso, haverá o agradável odor de uma floresta de cedros do Líbano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cedro.* O profeta Oséias, assim sendo, destacou ainda outra *tríade abençoada* para ilustrar as promessas de restauração feitas por Yahweh. A árvore viva e espiritual elevar-se-ia em força e beleza, carregada de frutos. A oliveira é uma árvore que tem profusão de folhas, as quais lhe dão aparência agradável, e seus frutos são altamente prezados pelos homens. A fragrância do Líbano, por meio de seus cedros, era proverbial. Cf. Can. 4.11; Eclesiástico 39.14; Sal. 52.8; Jer. 11.16. "... os dons do amor divino" (Ellicott, *in loc.*). "Assim sendo, o nome de Israel será um bom sabor para todos (ver Gên. 27.27)" (Fausset, *in loc.*). "... o seu louvor será um sacrifício ou um sabor doce para Deus: Can. 4.10,11; Apo. 5.8; 8.3,4; I Ped. 2.5" (John Gill, *in loc.*).

14.7

Os que se assentam de novo à sua sombra voltarão. As figuras empregadas novamente indicam *crescimento, vitalidade* e *agradabilidade.* Israel sai do sol quente no deserto do pecado e busca o frescor sob a sombra do amor divino. Eles voltam à sombra e esquecem o deserto. Florescem como um jardim plantado em lugar bem regado; medram como a vinha que tinha generoso suprimento de graças divinas; e exalam a fragrância dos cedros do Líbano, a terceira menção a essa espécie vegetal no presente contexto. "Eles seriam reunidos no meio de seu cativeiro e habitariam sob a sombra do seu Messias" (diz o Targum, sobre este versículo). Cf. Osé. 12.10. "A forma dessas promessas se deriva dos sinais externos de prosperidade nacional... mas os símbolos falam em refrigério espiritual" (Ellicott, *in loc.*).

"É notável que Israel, que se desviara da fidelidade ao Senhor pelas seduções da adoração à natureza, conforme exemplificado no serviço prestado ao deus Baal, agora receba uma promessa de novidade de vida e força, descrita sob figuras retiradas da natureza, como a estabilidade e a beleza de uma árvore, o caráter atrativo de um jardim, e a vitalidade abundante do trigo e da vinha. Essa era uma maneira altamente significativa de dizer que o Senhor cumpriria todas as expectações deles e supriria todas as suas necessidades" (John Mauchline, *in loc.*).

14.8

Ó Efraim, que tenho eu com os ídolos? "Israel, nada tenhas a ver com os ídolos. Eu, o Senhor, sou aquele que responde às tuas orações. Eu sou aquele que cuida de ti. Sou como um pinheiro verdejante. Tuas bênçãos vêm de mim" (NCV). Já vimos que a esposa prostituta dava crédito a Baal por seu bem-estar e suprimento abundante. Ver Osé. 2.5. Mas Yahweh, desde o princípio, era a real fonte de todas as bênçãos (Osé. 2.8).

Fonte Tu de toda bênção,
Vem o canto me inspirar;
Dons de Deus, que nunca cessam,
Quero em alto som louvar.

(Robert Robinson)

Por causa dos pecados de Efraim, Yahweh tinha sido como um leão e um leopardo para Efraim (ver Osé. 13.7). Mas a renovação espiritual reverteria esse senso de destruição e traria a luz de um novo dia.

O cipreste verde. Diz aqui a Revised Standard Version: "o cipreste perenemente verde"; a NCV diz: "o pinheiro". Essas são árvores que não perdem a folhagem nem mesmo no mais frio inverno. Por semelhante modo, as graças divinas nunca se encolhem. "... sempre verde no inverno, e outro tanto no verão" (Fausset, *in loc.*). Essas árvores não produzem fruto, mas a graça divina está sempre carregada de frutos, que existem para *serem dados* aos que se arrependem.

Pós-escrito (14.9)

14.9

Quem é sábio que entenda estas cousas. O livro de Oséias termina com uma *declaração de sabedoria.* Os *sábios* compreenderão a mente divina, bem como o que Yahweh requer dos homens para dar-lhes vida e bênçãos. O profeta Oséias terminou seu livro, e, de maneira bem real, o livro é uma obra de instruções na sabedoria, para um povo que perdeu seu caminho nas veredas da corrupção. Eles se tornaram transgressores notórios em sua ignóbil idolatria-adultério-apostasia. Abandonaram a lei de Moisés, que informa aos homens o que é certo e o que é errado. Os provérbios são declarações de sabedoria que fomentam e embelezam as leis conferidas por Moisés. Os mandamentos, pois, são *guias* para Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Esses mandamentos transmitem *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11), tornando Israel uma nação *distinta* (Deu. 4.4-8). Os transgressores são os insensatos que não aprenderam a sabedoria da lei e acabam tropeçando por causa dos mandamentos. "Em Deus está a nossa esperança. Que Aquele que é *todo sábio* (ver Isa. 31.2) nos torne sábios!" (Harold Cooke Phillips, *in loc.*).

"Quão instrutivas, quão convincentes, quão despertadoras e, no entanto, quão consoladoras são as palavras desta profecia. Leitor, deixe-as assentar-se no seu coração" (Adam Clarke, *in loc.*). "O mandamento desobedecido tornou-se a razão da queda (cf. Osé. 5.5; 14.1). Que todos os que lerem as palavras de Oséias andem e não tropecem!" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.

(João 7.17)

O rio da Tua graça está fluindo livremente.
Lançamo-nos em suas profundezas para retornar a Ti.

(Paul Rader)